

Poetas e Poesias ao Longo do Tempo

Seleções, traduções e notas: *Newton Cunha*

Edição bilíngue

- I) Marco Valério Martial
- II) Goliardos
- III) Arnaut Daniel
- IV) Francisco de Assis
- V) Guido Cavalcanti
- VI) Francesco Petrarca
- VII) Anônimo da Renascença
- VIII) Panfilo Sasso
- IX) Juan Boscán
- X) Garcilaso de la Vega
- XI) Pierre de Ronsard
- XII) Giordano Bruno
- XIII) William Shakespeare
- XIV) Sor Juana Inés de la Cruz
- XV) Johann von Goethe
- XVI) Friedrich Hölderlin
- XVII) Heinrich Heine
- XVIII) Lorde Byron
- XIX) Giacomo Leopardi
- XX) Victor Hugo
- XXI) Rubén Dario
- XXII) Paul Valéry
- XXIII) Antonio Machado
- XXIV) Eugenio Montale
- XXV) Percy Bisshe Shelley
- XXVI) Jacques Prévert

Marco Valério Martial (38? – 104 d.C.) - Epigramas

Livro I, 13

A casta Arria, ao entregar a espada ao seu amado Peto,
que de suas próprias vísceras extraíra, disse:

"Se acreditas em mim, a ferida que me fiz não dói,
mas aquela que a ti farás, Peto, muito me dói".¹

*Casta suo gladium cum traderet Arria Paeto,
quem de visceribus strinxerat ipsa suis,
'Si qua fides, vulnus quod feci non dolet', inquit,
'sed tu quod facies, hoc mihi, Paete, dolet'.*

Livro I, 33

Quando sozinha, Gellia não chora a perda do pai;
mas se alguém está presente, despontam lágrimas compelidas.
Não traz o luto quem quer ser elogiado, Gellia:
sofre verdadeiramente quem sem testemunha sofre.

*Amissum non flet cum sola est Gellia patrem,
si quis adest iussae prosiliunt lacrimae.
Non luget quisquis laudari, Gellia, quaerit:
ille dolet vere qui sine teste dolet.*

¹ Epigrama, de caráter laudatório (epidíctico), relativo à história de Arria, que decidiu preceder seu marido, Cecina Peto, no ato de suicídio. Cecina Peto, governador da Dalmácia, fora condenado à morte por haver participado da revolta de Arrunzio Scriboniano contra o imperador Cláudio (cf. Plin. Epist. 3, 16).

Livro 2, 56

Queres tornar-te livre? Mentas, Máximo, não o queres.
Mas se realmente quiseses, podes dessa maneira.
Serás livre, Máximo, se, podendo jantar fora, não o quiseses;
se a uva de Veio domar a tua sede;
se puderes rir da cerâmica cinzelada a ouro de Cinna;
se puderes contentar-te com a toga civil;
se puderes conquistar uma Vênus plebeia com duas moedas;
se puderes sobrepor-te ao desgoverno de tua casa.
Se possuis essa força, se tens um domínio tão grande de alma,
podes viver mais livre do que o rei dos Partos.

*Vis fieri liber? Mentiris, Maxime, non vis:
sed fieri si vis, hac ratione potes.
Liber eris, cenare foris si, Maxime, nolis;
Veientana tuam si domat uva sitim;
si ridere potes miseri chrysendeta Cinnae;
contentus nostra si potes esse toga;
si plebeia Venus gemino tibi vincitur asse;
si tua non rectus tecta subire potes.
Haec tibi si vis est, si mentis tanta potestas,
liberior Partho vivere rege potes.*

Livro 2, 89

Porque muito aproveitas o transcurso da noite com vinho,
te perdoo; tu tens, Gauro, o vício de Catão.
Que escrevas poesia sem as Musas e Apollo,
é de se louvar: isso te vem de Cícero.
Que tu vomites, segues Antônio: que te entregues ao luxo, de Apício.
Mas que te submetas à felação, diga-me, de quem tens o vício?

*Quod nimio gaudes noctem producere vino
ignosco: vitium, Gaure, Catonis habes.
Carmina quod scribis Musis et Apolline nullo,
laudari debes: hoc Ciceronis habes.
Quod vomis, Antoni; quod luxuriaris, Apici.
Quod fellas, vitium – dic mihi – cuius habes?*

Livro 2, 90

Ó Quintiliano, guia supremo da inconstante juventude,
Quintiliano, glória da toga romana;
se me apresso a viver pobre e não ainda inepto para a idade,
perdoe-me: ninguém muito se apressa para viver.
Que a isso se disponha quem estima superar a riqueza paterna
e em palácios provocar com imagens imoderadas;
eu aprecio um lar que não desdenha os fumos que a escurecem,
uma fonte viva e um prado inculto.
Possa eu ter um servo saciado, uma esposa não muito culta,
noites com sono e dias sem brigas.

*Quintiliane, vagae moderator summe iuventae,
gloria Romanae, Quintiliane, togae,
vivere quod propero pauper nec inutilis annis,
da veniam: properat vivere nemo satis.
Differat hoc patrios optat qui vincere census
atriaue inmodicis artat imaginibus:
me focus et nigros non indignantia fumos
tectae iuvant et fons vivos et herba rudis.
Sit mihi verna satur, sit non doctissima coniunx,
sit nox cum somno, sit sine lite dies.*

Livro 3, 43

Tu finges ser jovem, Letino, com teu cabelo tingido,
e assim, de súbito, eis-te um corvo, tu que eras cisne.
Não enganas a todos; Proserpina sabe de tuas cãs
e o que mascara tua cabeça arrancará.

*Mentiris iuvenem tinctis, Laetine, capillis,
tam subito corvus, qui modo cycnus eras.
Non omnes fallis; scit te Proserpina canum:
personam capiti detrahet illa tuo.*

Livro 4, 44

Eis o Vesúvio, há pouco verde de videiras sombrias,
aqui uma nobre uva fazia transbordar as cubas:
estes cimos amou Baco mais do que as colinas de Nisa;
sobre este monte os sátiros dançavam;
esta a sede de Vênus, para ela mais agradável que a Lacedemônia;
neste lugar ilustre era o nome de Hércules.
Tudo jaz submerso por chamas e em tristes cinzas:
nem os deuses desejavam que isto lhes fosse permitido.

*Hic est pampineis viridis modo Vesbius umbris,
presserat hic madidos nobilis uva lacus:
haec iuga quam Nysae colles plus Bacchus amavit;
hoc nuper satyri monte dedere choras;
haec Veneris sedes, Lacedaemone gratior illi;
hic locus Herculeo nomine clarus erat.
Cuncta iacent flammis et tristi mersa favilla:
nec superi vellent hoc licuisse sibi.*

Livro 5, 13

Eu sou, admito, e sempre fui pobre, Callistrato,
mas não cavaleiro obscuro ou de má reputação,
com frequência lido no mundo inteiro e me é dito: "ei-lo".
E o que as cinzas deram a uns poucos, a mim deram-me a vida.
Sobre cem colunas estende-se teu palácio,
a tua arca custodia as riquezas do liberto,
a grande terra da Syene nilíaca está ao teu serviço,
e a gálica Parma tosa para ti incontáveis rebanhos.
Estes são eu e você: mas o que sou, tu não podes ser;
e o que tu és, qualquer um do povo pode ser.

*Sum, fateor, semperque fui, Callistrate, pauper,
sed non obscurus nec male notus eques,
sed toto legor orbe frequens et dicitur 'Hic est';
quodque cinis paucis, hoc mihi vita dedit.
At tua centenis incumbunt tecta columnis
et libertinas arca flagellat opes,
magnaue Niliacae servit tibi glaeba Syenes,
tondet et innumeros Gallica Parma greges.
Hoc ego tuque sumus: sed quod sum, non potes esse;
tu quod es, e populo quilibet esse potest.*

Livro 5, 16

Embora pudesse escrever coisas sérias, prefiro as deleitantes,
e és tu a causa, amigo leitor,
que lêes e cantas meus poemas por toda a Roma:
mas não sabes quanto tal obrigado amor me custa.
De fato, se eu quisesse defender o templo de Saturno²
e vendesse palavras a réus angustiados,
muitos marinheiros me enviariam barris de óleo espanhol
e minha bolsa seria sórdida de dinheiros vários.
Mas agora meu opúsculo é convidado de mesas e brincalhões
e nossa página gratuitamente se aprecia.
Os antigos, porém, não se contentavam com elogios,
quando um escravo era o menor presente dado ao poeta.³
Gentilmente disseste: "caso agrade, nós sempre o elogiaremos".
Dissimulas? Vais tornar-me advogado, suponho.

*Seria cum possim, quod delectantia malo
scribere, tu causa es, lector amice, mihi,
qui legis et tota cantas mea carmina Roma:
sed nescis quanti stet mihi talis amor.
Nam si falciferi defendere templa Tonantis
sollicitisque velim vendere verba reis,
plurimus Hispanas mittet mihi nauta metretas
et fiet vario sordidus aere sinus.
At nunc conviva est commissatorque libellus
et tantum gratis pagina nostra placet.
Sed non et veteres contenti laude fuerunt,
cum minimum vati munus Alexis erat.*

² No original, *falciferi...Tonantis*, o tonante fabricante de foices, que se refere, portanto, a Saturno, e não a Júpiter. No templo se encontrava o erário do Estado.

³ No original, Alexis, nome de um escravo presenteado a Virgílio por Mecenas.

*'Belle' inquis 'dixit: iuvat et laudabimus usque'.
Dissimulas? Facies me, puto, causidicum.*

Livro 5, 56

A que mestre deves confiar teu filho, Lupo,
me procuras solícito e me rogas responder.
A todos os gramáticos e retóricos,
peço-te que evites: nada tens a fazer
com os livros de Cícero ou Marone;⁴
deixa de lado Tutílio⁵ com sua fama;
se verso compuser, que renunciés ao poeta.
Queres que aprenda artes enriquecedoras?
Fá-lo instruir-se na cítara ou na flauta;
se o rapaz parece ter inteligência difícil,
fá-lo leiloeiro ou arquiteto.

*Cui tradas, Lupe, filium magistro
quaeris sollicitus diu rogasque.
Omnes grammaticosque rhetorasque
devites moneo: nihil sit illi
cum libris Ciceronis aut Maronis;
famae Tutilium suae relinquat;
si versus facit, abdicet poetam.
Artes discere vult pecuniosas?
Fac discat citharoedus aut choraules;
si duri puer ingeni videtur,
praeconem facias vel architectum.*

⁴ Virgílio, sobrenome Marone, e assim também conhecido na antiguidade.

⁵ Tutilium, retor.

Livro 8, 12

Perguntais-me por que não me caso com uma rica mulher?

Porque não quero ser o esposo da mulher.

A matrona, Prisco, deve ser inferior ao marido:

não de outro modo mulher e homem fazem pares.

Uxorem quare locupletem ducere nolim

quaeritis? Uxori nubere nolo meae.

Inferior matrona suo sit, Prisce, marito:

non aliter fiunt femina virque pares.

Livro 8, 69

Tu só aos velhos poetas admiras, Vacerra,

e não os elogias, sem que estejam mortos.

Sê indulgente, Vacerra: não vale a pena,

para agradar-te, que eu morra.

Miraris veteres, Vacerra, solos

nec laudas nisi mortuos poetas.

Ignoscas petimus, Vacerra: tanti

non est, ut placeam tibi, perire.

Livro 10, 16

Da esposa de rico dote Apro trespassou o peito com dardo afiado,
mas enquanto se divertia: Apro sabe como se divertir.

*Dotatae uxori cor harundine fixit acuta,
sed dum ludit Aper: ludere novit Aper.*

Livro 10, 23

Já se vão quinze Olimpíadas Antonio Primo,
feliz em sua plácida velhice,
e volta-se para olhar os dias que passaram e os anos seguros,
sem temer as águas do Letes, agora mais próximo.
Nenhum dia lhe foi ingrato ou grave,
Nenhum houve que não quisesse lembrar.
Um homem de bem aumenta o tempo que consagra a si:
isso é viver duas vezes, gozar da vida transcorrida.

*Iam numerat placido felix Antonius aevo
quindecies actas Primus Olympiadas
praeteritosque dies et tutos respicit annos
nec metuit Lethes iam propioris aquas.
Nulla recordanti lux est ingrata gravisque;
nulla fuit cuius non meminisse velit.*

*Ampliat aetatis spatium sibi vir bonus: hoc est
vivere bis, vita posse priore frui.*

Livro 11, 71

Leda disse ao seu vetusto marido que se encontra histérica⁶ e lamenta a
necessidade de ser fodida;
mas, chorando e gemendo, diz que sua saúde não vale tanto
e se propõe antes a morrer.
Seu marido implora que ela viva e não abandone seus verdes anos,
e permite que o que ele já não faz, seja feito.
Logo chegam os médicos, as ervas desaparecem
e as pernas se levantam. Oh, preciosa medicina!

*Hystericam vetulo se dixerat esse marito
et queritur futui Leda necesse sibi;
sed flens atque gemens tanti negat esse salutem
seque refert potius proposuisse mori.
Vir rogat ut vivat virides nec deserat annos,
et fieri quod iam non facit ipse sinit.
Protinus accedunt medici medicaeque recedunt,
tollunturque pedes. O medicina gravis!*

⁶ Ou seja, com forte desejo sexual.

Goliardos (*estudantes e clérigos*) **anônimos** (séculos XIII e XIV)

O sol a tudo tempera,
puro e sutil,
e faz abrir de novo ao mundo
o rosto de abril;
a alma da minha dona
aspira ao amor,
e o deus da juventude
reina sobre as pessoas amáveis.

*Omnia sol temperat
panis et subtilis,
novo mundo reserat
faciem aprilis;
ad amorem properat
animus herilis,
eo iocundis imperat
deus puerilis.*

Tantas são as novidades
na solene primavera,
que sua autoridade
nos convida a gozar.
Ela oferece caminhos frequentes
e em tua mocidade
guarda tua fé e probidade.

*Rerum tanta novitas
in sollemni vere
et veris auctoritas,
iubet nos gaudere.
Vias prebet solitas;
et in tuo vere
fides est et probitas
tuum retinere.*

Ama-me com fidelidade!
Observa a minha fé,
toda de coração
e de pleno espírito.
Ainda que longe e ausente,
sinto-me próximo (de ti).
Quem quer que assim ame,
precipita-se na roda ardente.

*Ama me fideliter!
Fidem meam nota:
de corde totaliter
et ex mente tota
sum presentialiter
absens in remota.
Quisquis amat aliter,
Volvitur in rota.*

Quando na taberna estamos
Com o país pouco nos importamos,
Para brincar nos apressamos
E com isso sempre suamos...

*In taberna quando sumus,
non curamus quid sit humus,
sed ad luddum propreramus,
cui semper insudamos...*

Baco, seja bem-vindo,
grato e desejado,
por quem nosso espírito
se faz letificado.

Esse vinho, vinho bom,
vinho generoso,
torna o homem cortesão,
probo e corajoso

Baco desponta
no humano coração
e concita o amor
no espírito e na razão.

Baco, que visita
das mulheres o recinto,
as faz súditas de ti,
Ó Vênus de Corinto.

Baco, penetrando as veias
com caldo licor,
as faz ígneas
com venéreo ardor.

Baco mitiga e suaviza
cuidados e dores,
oferece jogos e alegrias,
risos e amores

Baco majestoso torna
o homem contente
e o faz ao mesmo tempo
douto e eloquente.

Baco, ínclito deus,
todos presentes nas unções
felizes estamos
de oferecer-te libações.

Juntos cantamos
com máxima proclama e modos
teus louváveis méritos
pelos tempos todos.

*Bache, bene venies
gratus et optatus,
per quem noster animus
fit letificatus*

*Istud vinum, bonum vinum,
vinum generosum
reddit virum curialem,
probum, animosum*

*Bachus forte superans
pectora virorum
in amorem concitat
animos eorum*

*Bachus sepe visitans
mulierum genus
facit eas subditas
tibi, o tu vênus*

*Bachus venas penetrans
calido liquore
facit eas igneas
veneris ardore*

*Bachus lenis leniens
curas et dolores
confert jocum, gaudia,
risus et amores*

*Bachus numen faciens
hominem jocundum,
reddit eum pariter
doctum et facundum.*

*Bache, deus inclite,
omnes hic astantes
leti sumus munera
tua prelibantes.*

*Omnes tibi canimus
maxima preconia,
te laudantes merito
tempora per omnia.*

Se de costume
Impune
Vivesse com alegria,
Nem do rancor
Nem da dor
No livro leria.

Si de more
Cum honore
Lete viverem
Nec memoris
Nec doloris
Librum legerem

Arnaut Daniel – segunda metade do século XII

Uma canção em que a palavra seja simples e fina
Farei, pois que o vime se dissemina
E as árvores, acima,
Ganham cores
Pelas muitas flores,
E vicejam as folhagens
E cantam e gritam,
Sob as sombras se agitam
As aves nas ramagens.

Pelos bosques ouço seu canto e refrão
E para que não se faça repreensão,
Forjo, como na lapidação,
Palavras de valor,
Conforme a arte do Amor,
Do qual o coração não se tolhe;
Ainda que se tenha ocultado,
Eu o sigo arrastado
Por mais que orgulhoso me olhe.

Pouco vale o orgulho do amador,
Pois trabuca o possuidor
E o faz se depor
Até o chão
Por essa tribulação
Que da alegria o despoja;
Chora por justiça
E arde e se atíça

Quem contra o amor se arroja.

Não por reprovação me esquivo

Boa dama e lenitivo;

Mas por medo e crivo

Da Curiosidade

Que da alegria se evade;

Finjo que não vos desejo

Pois não nos agrada

Nutrir gente avessada

Mal me faz todo o pejo.

Andar ao reverso me é atroz

Se meus pensamentos são para vós

Pois canto e me valho empós

Da alegria que ao fim sentimos

Quando partimos;

Meus olhos se molham sem que eu chore

De ira e de agruras

Mas também de doçuras

Pois de alegria há quem se deplore.

Não lastimo o amor por desatento

Por não conter medida nem tento;

Que me dê igual provento

Pois não vimos antes afim

Desde os tempos de Caim

Amador que menos acolhesse

Um coração mentiroso

Nem menos astucioso

Deste modo minha alegria se engrandece.

Bella, quem quer que se expresse

Arnaut segue sem olhar,

Para vos honrar,

Assim vosso preç⁷ se engrandece.

*Chanson do ill mot son plan e prim
Farai, puis que botono ill vim,
E l'aussor cim
Son de color
De mainta flor
E verdeia la fuoilla,
E il chant e il braill
Son a l'ombrail,
Des auzets per la brouilla.*

*Pel bruoill ang lo chant e 'l refrin,
E, per tal que no'm fassa crim,
Obre e lim
Moz de valor
Ab art d'Amor,
Don non ai cor que'm tuoilla;
Ans si be'm faill
La sec a traill
On plus vas mi s'orgouilla.*

*Val orguoill petit d'amador,
Que leu trabuca son seignor
Del luoc aussor
Jus al terrail,
Per tal trebaill
Que de joi lo despouilla;
Dreitz es lagrim
Et arda e rim
Qui contra amor janguoilla.*

⁷ Que se entenda, como no original (*pretz*): aquilo que se aprecia e tem valor.

*Per janguoill ges no'm vir aillor,
Bona dompna, ves cuia dor;
Mas per paor
Del devinaill,
Daus jois trassail,
Fatz semblan que no'us vucilla;
C'anc no'ns gauzim
De lor noirim:
Mal m'es que lor acuoilla.*

*Si be m'acouill tot a esdraill
Mos pensaments lai vos assaill
Qu'ieu chant e vaill
Pel joi qu'ens fim
Lai o'nspartim;
Dont sovens l'uoills mi muoilla
D'ira e de plor
E de doussor,
Car per joi ai qu'em duoilla.*

*Ges no'm duoill d'amor don badaill
Ni no sec mesura ni taill;
Sol m'o egaill
Que anc no vim
Del temps Caim
Amador meins acuoilla
Cor trichador
Ni baudazor:
Per que mos jois capdouilla.
Bella, qui que i's destuoilla
Arnautz drech cor
Lai o'us honor
Car vostre pretz capdouilla.*

Só eu sei da angústia que invade
o coração, e de amor sofrer por sobreamar,
pois minha vontade é tão firme e inteira
que nunca dele se excluiu ou se afastou
desde que a vi pela prima vez e depois;
quando longe dela estou, digo-lhe muitas palavras,
mas quando a vejo, não sei, tanto tenho a dizer-lhe.

Para outras, sou cego de ver e surdo de ouvir.
Pois só a ela vejo, ouço e considero;
e não lhe apregoo falsos louvores,
que mais não diz a boca o que o coração deseja:
que eu vá por tantos campos, vales, várzeas e montes
só num coração encontro todas as boas virtudes,
que nele Deus escolheu e assentou.

Estive em muitas cortes belas,
mas sei que nela encontro mais o que louvar:
mesura e senso e outras belas maneiras,
beleza, juventude, boas ações e belos gestos.
Isso lhe ensinou a Cortesia;
tanto de si afastou as ações desprazíveis
que dela não se sabe qual bem dizer.

*Sols sui qui sai lo sobrafan que.m sortz
Al cor, d'amor sofren per sobramar,
Car mos volers es tan fermes e entiers
C'anc no s'esduis de celliei ni s'estors
Cui encubic al prim vezer e puois;
Qu'ades ses lieis dic a lieis cochos motz,
Pois quan la vei non sai, tant l'ai, que dire.*

*D'autras vezer sui secs e d'auzir sortz.
Qu'en sola lieis vei et aug et esgar;
e jes d'aisso no.ill sui fals plazentiers
que mais la vol non ditz la boca il cors:
qu'eu no vaut tant chams, vauz ni plans ni puois
qu'en um sol cors trob aissi bos aips totz:
qu'en lieis los volc Dieus triar et assire.*

*Ben ai estat a maintas bonas cortz
mas sai ab lieis trob pro mais que lauzar:
mesura e sen et autres bos mestiers,
beutat, joven, bos faitz e bels demors.
Gen l'enseignet Cortesia e la duois;
Tant a de si totz faitz desplazens rotz
De lieis no cre rens de bem sia a dire.*

Quando passaram as geadas
E nos vales e montes delas nada resta
E no pomar treme a flor
Na união do fruto que se apresta,
Desatam os cantos, os trinados e a flor primaveril
Na estação doce e amável
E me ensinam a alegria afável
Do tempo em que se entra em abril.

Bem difícil é encontrar alegria pura
Pois de várias partes voa e se abate
O falso Amor, que não se achega
Ali onde a lealdade tem remate;
Eu não encontro uma dona em mil
Que a falsa palavra difira
E depois de revés não fira
E não torne sua honra vil.

Mesmo o mais sábio se embriaga
Sem copo, garrafa ou zelo
Pois ela o conduz secretamente
Pelo fio que lhe cai do cabelo,
Sempre bem perto lhe murmura a canção
Quanto mais pretende ele se arredar
Mais do que na monja, põe-se o louco a acreditar
Pois é simples e gentil de coração.

Cuidei viver longe do falso Amor,
Mas bem vejo que o dado me embroma
Quando seu lance melhor observo;

Pois, de fato, todos os legados de Roma
Não são de espírito tão sutil;
Tem ele como divisa a Mentira,
E tão docemente conspira
Que pode lograr-me de modo pueril.

Bem conheço suas artes de escrever,
Quem está firme ou prestes a tombar,
Pois bem sei que quem se acasala
Dela reclama, e se põe em lento cozinhar.
Já perdi ricos domínios neste ardil
Pois não quero passar vergonha
Nem censura a que me exponha
E assim me aparto da imposição senhoril.

Que tão fina alegria em mim nasça
Desde o Nilo, Bertran, não creio
Com o sol que desde ali veio
Fazendo chover sua luz e graça.

*Lancan son passat li giure
E no'i reman puois ni comba,
Et el verdier la flors trembla,
Sus el entrecim on poma,
La flors et li chant et il clar quil
Ab la sazon doussa e coigna
M' enseignon c'ab joi m'apoigna
Sai al temps de l'intran d'april.*

*Ben greu trob'om joi desliure
C'a tantas partz volu e tomba,
Fals' Amor, que no s'asembla
Lai on leiautatz assoma;
Qu'ieu non trob jes dona en mil
Ses falsa paraulla loigna,
E puois c'a travers non poigna
E no torne sa cartat vil.*

*Totz li plus savis en va hiure
Ses muiol e ses retomba,
Cui ill gignos, en cel embla
La crin que il pend a la coma
E plus pres il brui de l'auzil
On plus gentet s'en desloigna;
E'l fols cre mieills d'una moigna
Car a simple cor e gentil.*

*Ses fals' Amor cuidei viure,
Mas ben vei c'un dat mi plomba
Quand ieu mieills vei qu'il m'o embla;*

*Car tuich li legat de Roma
Non son jes de seu tan sotil;
Que n'a devisa Messoigna,
Que tant soaument caloigna
Que m'en posca falsar un fil.*

*Ben conose ses art d'escriture,
Qui plan o qui es de tomba
Qui'eu sai drut que si assembla
Don blasm'a leis, el col groma
Qui'eu n'ai ja perdu ric cortil,
Car non vuoill gabs ab vergogna
Ni blasme ab honor loigna,
Per que ieu loing son seignoril.*

*Betran, non cre de sai lo Nil
Mais tant de fin joi m'apoigna
De sai on lo soleills poigna
Tro lai on lo soleills plovil.*

São Francisco de Assis – Cântico do Irmão Sol ou Laudas das Criaturas

- I) Altíssimo onipotente bom senhor, apenas para ti são os louvores, a glória e a honra, e toda a bênção.
- II) Somente a ti elas convêm e homem algum é digno de nomear-te.
- III) Louvado seja, meu senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente monsenhor irmão sol, que é o dia, e por ele tu nos iluminas.
- IV) E ele é belo e radiante e, com grande esplendor, de ti, altíssimo, carrega o significado.
- V) Louvado seja, meu senhor, pela irmã Lua e as estrelas, que nos céus foram formadas, claras, preciosas e belas.
- VI) Louvado seja, meu senhor, pelo vento irmão, pelo ar, pela nuvem, o céu sereno e todos os tempos, pelos quais dás sustento às tuas criaturas.
- VII) Louvado seja, meu senhor, pela água irmã, sempre muito útil, humilde, preciosa e casta.
- VIII) Louvado seja, meu senhor, pelo amigo fogo, com o qual iluminas a noite, e ele é belo e jucundo, forte e robusto.
- IX) Louvado seja, meu senhor, pela irmã nossa mãe Terra, que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos, com flores coloridas e ervas.
- X) Louvado seja, meu senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor e suportam enfermidades e atribulações.
- XI) Felizes aqueles que as suportam em paz, pois por ti, altíssimo, serão coroados.
- XII) Louvado seja, meu senhor, pela irmã nossa morte corpórea, da qual nenhum homem vivente pode escapar.
- XIII) Infelizes daqueles que morrem em pecados mortais; felizes aqueles que ela encontrará em tua santíssima vontade, pois a segunda morte não lhes fará mal.
- XIV) Louvai e bendizei o meu senhor, e rendei-lhe graças e lhe servi com grande humildade.

Canticum Fratris Solis Vel Laudes Creaturarum

- I) *Altissimu omnipotente bon signore, tue so le laude la gloria e l'honore et onne benedictione;*
- II) *Ad te solo, altissimo, se konfano et nullu homo ene dignu te mentovare.*
- III) *Laudate sie, mio signore, cun tucte le tue creature, spetialmente messor lo frate solo, lo qual'iorno, et allumini noi per loi.*
- IV) *Et ellu è bellu e radiante cun grande splendore de te, altissimu, porta significatione.*
- V) *Laudato si, mi signore, per sora luna e le stelle, in celu l'ai formate dante et pretiose et bellu.*
- VI) *Laudato si, mi signore, per frate vento et per aere et nubilo et sereno et onne tempo, per lo quale a le tue creature dai sustentamento.*
- VII) *Laudato si, mi signore, per sor aqua, la quale multo utile et humile et pretiosa et casta.*
- VIII) *Laudato si, mi signore, per frate focu, per lo quale enn'allumni la nocte, ed ello è bello et iocundo, robustoso et forte.*
- IX) *Laudato si, mi signore, per sora nostra matre terra, la quale ne sustenta et governa, et produce diversi fructi com colori flori et herba.*
- X) *Laudato si, mi signore, per quelli ke perdonano per lo tuo amore et sostengo infirmitate et tribulatione.*
- XI) *Beati quelli ke 'l sosterrano in pace, ka da te, altissimo, sirano incoronati.*
- XII) *Laudato si, mi signore, per sora nostra morte corporale, la qualle nullo homo vivente pò skappare.*
- XIII) *Guai a quelli ke morrano ne le pecatta mortali; beati quelli ke trovarà ne le tue sanctissime voluntati ka la morte secunda nol farrà male.*
- XIV) *Laudate et benedicete mi signore, et rengratiate et serviate li cun grande humilitate.*

Guido Cavalcanti (1256-1300) - Rimas

Guido Orlandi a Guido Cavalcanti

D'onde se move e onde nasce o Amor?
O que lhe é próprio, e onde demora?
É ele cerne, acidente ou memória?
Vem dos olhos ou o peito é seu autor?

Desde que provém seu ar de furor
como fogo, se sente que devora?
De que se nutre, pergunto agora.
Como e quando, de quem se faz senhor?

Que coisa é? Tem ele uma figura?
Há forma em si, ou a outra se parece?
É vida este amor, ou é morte?

Quem lhe serve conhece sua natura.
Pergunto-vos, Guido, então por benesse,
pois ouço que muito frequentais tal corte.

*Onde si move e dove nasce Amore
Qual è 'l su' proprio, e là 've dimora?
È e' sustanzia o accidente, o memora?
È cagion d'occhi, o è voler di core?*

*Da'cche procede in suo stato furore
come foco si sente che divora?
Di che si nutre, domand'io ancora.
Come e quando e di cui si fa signore?*

*Che cosa è, dico? Ha e' figura?
Ha per se forma, o simiglianza altrui?
È vita questo amore, od è morte?*

*Chi 'l serve, dé saver di sua natura.
Io domando voi, Guido, di lui:
odo che molto usate in la sua corte.*

Poema XXVI

Vejo nos olhos de minha dama
um lume pleno de espíritos de amor
que de um prazer novo ao peito é condutor
sim, e, com ele, uma vida de alegria.

Que coisa me advém quando está presente,
que não a posso ao intelecto dizer:
parece-me ver de seu vulto irromper
uma tão bela dona, que a mente
compreender não pode; mas, de repente,
dela nasce um'outra de beleza nova,
e dela parece qu'uma estrela se mova
e diga: "Tua salvação se anuncia".

Lá onde a bela dama vem se mostrar
ouve-se uma voz que lhe ecoa adiante
sugerindo que humilde seu nome cante,
tão docemente que, se devo contar,
pressinto que seu valor pode abalar
e assim se movam na alma lamentos
que digam: "Se tu nela tens pensamentos,
verias como sua virtude ao céu subia".

*Veggio negli occhi de la donna mia
un lumen pien di spiriti d'amore,
che porta uno piacer novo nel cuore,
sì che vi desta d'allegrezza vita.*

*Cosa m'aven, quand'i' le son presente,
ch'i' no lo posso a lo 'nteletto dire:
veder mi par de la sua labbia uscire
una sì bela donna, che la mente
comprender no la può, che 'mmantenente
ne nasce un'altra di beleza nova,
da la qual par ch'una stella si mova
e dica: "La saluta tua è apparita".*

*Là dove questa bela donna appare
s'ode uma voce che le vèn davanti
e par che d'umultà il su' nome canti
sì dolcemente, che, s'i' 'l vo' contare,
sento che 'l su valor mi fa tremare;
e movonsi nell'anima sospiri
che dicono: "Guarda, si tu costé miri,
vedrà la sua vertù nel ciel salita.*

Dante a Guido – XXXVIII

Guido, queria que tu, Lippo e eu
fôssemos tomados de encantamento
e postos numa nau que a cada vento
por mar andasse ao sabor vosso e meu.

e que por fortuna ou tempo ruim
não se pudesse pôr impedimento,
e sim, vivendo com prazer e alento
fosse nosso propósito sem fim.

E dama Vanna e dama Lagia pois,
com aquela outra também presente,
conosco pusesse o bom encantador:

E ali para sempre falar de amor,
estando cada uma delas contente,
como creio estaríamos os dois.

*Guido, i' vorrei che tu e Lippo ed io
fossimo presi per incantamento,
e messi in un vassel, ch'ad ogni vento
per mare andasse al voler vostro e mio;*

*sì che fortuna od altro tempo rio
non ci potesse dare impedimento
anzi, vivendo sempre in un talento,
di stare insieme crescesse 'l disio.*

*E monna Vanna e monna Lagia poi
con quella ch'è sul numer de la trenta
con noi ponesse il buon incantatore:*

*E quivi ragionar sempre d'amore,
e ciascuna di lor fosse contenta,
sì como i' credo che saremmo noi.*

Francesco Petrarca (1304 – 1374)

1

Era dia quando do sol se descoloriam⁸
os raios pela piedade de seu feitor,
e, ainda que não me vissem, fui preso de amor
pelos belos olhos, mulher, que a vós me cingiam.

Tempo não pareceu haver para me abrigar
dos golpes do Amor; por isso prossegui
seguro, sem suspeitas; e assim meus ais vi
Na dor comum da semana santa começar.

Encontrou-me o Amor inteiramente desarmado
e aberto o caminho dos olhos ao coração,
que de lágrimas são feitas a porta e a passagem;

Mas, em meu parecer, não vos foi honroso não
Ferir-me com uma flecha naquele estado,
vós, armada, sem que eu tivesse do arco a imagem.

⁸ Soneto no qual Petrarca se refere ao primeiro encontro com Laura (6 de abril de 1327). Foi numa sexta-feira santa, dia de *commune dolore* dos filhos do Senhor.

*Era il giorno ch'al sol si scoloraro
per la pietà del suo factore i rai,
quando l' fui preso, et non me ne guardai,
che i be' vostr'occhi, donna, mi legaro.*

*Tempo non mi pareva da far riparo
Contra colpi d'Amor: però m'andai
secur, senza sospetto; onde i miei guai
nel commune dolor s'incominciaro.*

*Trovommi Amor del tutto disarmato
et aperta la via per gli occhi al core,
che di lagrime son fatti uscio et varco;*

*però al mio parer, non li fu honore
ferirme de saetta in quello stato,
a voi armata non mostrar pur l'arco.*

Só e pensativo, os campos mais desertos
vou medindo com passos tardos e lentos,
e os olhos trago para evadir atentos
de vestígios humanos já descobertos.

Outro abrigo não encontro de resguardo
à manifesta perspicácia da gente
porque nos meus atos de alegria ausente
os de fora veem como dentro ardo;

creio até que montanhas e cercanias,
rios e selvas saibam de que natureza
é minha vida, para os demais velada.

Por mais asp'ras e selvagens sejam as vias,
não acho onde Amor não venha com certeza
comigo conversar de forma acerbada.

*Solo et pensoso i più deserti campi
vo mesurando a passi tardi et lenti,
et gli occhi porto per fuggire intenti
ove vestigi human l'arena stampi.*

*altro schermo non trovo che mi scampi
dal manifesto accorger de le genti
perchè negli atti d'alegrezza spenti
di fuor se legge com'io dentro avampi;*

*si ch'io mi credo omai che monti et piagge
et fiume et selve sappian di che trempe
sia la mia vita, ch'è celata altrui.*

*Ma pur si aspre vie né sí selvagge
Cercar non so ch'Amor non venga sempre
Ragionando com meco, et io co'llui.*

O ouro e a pérola, a flores vermelhas e brancas
Que o inverno fará languescer e secar
São para mim hastes acerbadas e francas
Que no peito e nos flancos vêm penetrar.

Meus dias serão de lástima e desgastes
pois é raro uma grande dor caducar:
mas aos espelhos torpes devo culpar
que, de tanto vos contemplar, os cansastes.

Ao meu senhor o silêncio impuseram
que por mim vos pedia mudar o intento,
vendo que em vós vossos desejos se encerram;

foram eles feitos nas águas do abismo
e embebidos com eterno esquecimento,
conferindo à minha morte o seu batismo.

*L'oro et le perle e i fior vermigli e i bianchi
che 'l verno devria far languidi et secchi,
son per me acerbi et velenosi stecchi
ch'io provo per lo petto et per li flanchi.*

*Però i di miei fien lagrimosi et manchi
ché gran duolrade volte aven che 'nvecchi:
ma più ne colpo i micidali specchi,
che 'n vagheggiar voi stessa avete stanchi.*

*Questi poser silentio al signor mio,
che per me vi pregava, ond'ei si tacque,
veggendo in voi finir vostro desio;*

*questi fuor fabbricati sopra l'acque
d'abisso, et tinti ne l'eterno oblio,
onde 'l principio de mia morte nacque.*

Bendito seja o dia, e o mês e o ano,⁹
e a estação e o tempo e a hora que revive
e o belo país onde bem perto estive
dos belos olhos de liame soberano.

E bendita a primeira e doce aflição
que vizinho ao Amor houvera sentido,
e o arco e a flecha com que fui ferido
e as chagas que ao fim chegaram ao coração.

Abençoada a clara voz deste ensejo
Que ao chamar por minha dama se reparte,
E os suspiros, as lágrimas e o desejo;

e abençoados sejam os papéis e a arte,
e a fama e o pensamento com que versejo
que é apenas dela, e não vai a outra parte.

⁹ Poema em comemoração ao aniversário do primeiro encontro com Laura.

*Benedetto sia 'l giorno, e 'l mese e l'anno,
e la stagione, e 'l tempo, e l'ora, e 'l punto,
e 'l bel paese e 'l loco ov'io fui giunto
da duo begli occhi che legato m'hanno;*

*e benedetto il primo dolce affanno
ch'i'ebbe ad esser con Amor congiunto,
e l'arco, e le saete ond'i' fui punto,
E le piaghe che 'nfin al cor vanno.*

*Benedette le voce tante ch'io
chiamando il nome de mia donna ho sparte,
e i sospiri, e le lagrime, e 'l desio;*

*e benedette sian tutte le carte
av'io fama l'acquisto, e 'l pensier mio,
ch'è sol di lei, si ch'altra non v'ha parte.*

Oh! pequeno quarto que já foste um porto
às graves tempestades minhas diurnas,
nascente agora de lágrimas noturnas
e que encobertas pela vergonha porto.

Oh! leito que eras repouso e conforto
nos grandes afãs e és agora urna
de prantos vertidos e úmida fumaça
ao acolher-me em tão cruel desconforto.

Não fujo só do meu segredo e descanso,
mas de mim mesmo e do meu pensamento
a levar-me sempre a uma triste amplidão;

em meio à população odiosa avanço
(quem diria) e nela me abrigo sedento
tamanho é a angústia da solidão.

*O! cameretta che già fosti un porto
a le gravi tempeste mie diurne,
fonte se'or di legrim nocturne,
che 'l di celate per vergogna porto.*

*O letticiuol che requie eri et conforto
in tanti affani, di che dogliose urne
ti bagna Amor, com quelle mani uburne,
solo ver 'me crudeli a sí gran torto.*

*Né pur il mio secreto e 'l mio riposo
fuggo, ma più mestesso e 'l mio pensiero,
che, seguendo, talaor levommi a volo;*

*e 'l vulgo a me nemico et odioso
(chi 'l pensò mai) per mio refugio chero:
tal paura ò di ritrovarmi solo.*

Vai minha nave¹⁰ cheia de oblvio e perigo
Por áspero mar, à meia-noite de inverno,
Entre Cila e Caribde; e não a governo
E sim um senhor,¹¹ antes o meu inimigo.

Para remar há um pensamento sobejo¹²
de que a tempestade por fim escarnece;
a vela rompe pelo vento que a estremece
com suspiros, as esperanças e o desejo.

Muitas lágrimas e uma névoa de desdém
inundam e enfraquecem a mente já cansada,
que está de erros e ignorância torcida.

Escondem-se os olhos de quem sou refém;
e, morta a razão entre as ondas atirada,
não vejo o porto, só a desesperança em vida.

¹⁰ Ou seja, a vida, que segue como num mar escuro e frio.

¹¹ O Amor que me domina.

¹² É preciso força e ousadia para remar em mar aberto, no transcorrer da vida.

*Passa la nave mia colma d'oblio
per aspro mare, a mezza notte il verno,
enfra Scilla et Caribdi; et al governo
siede 'l signor, anzi 'l nimico mio.*

*A ciascun remo un penser pronto et rio
che la tempesta e 'l fin par ch'abbi a scherno;
la vela rompe un vento humido eterno
di sospir', di speranze et di desio.*

*Pioggia di lagrimar, nebbia di sdegni
bagna et ralenta le già stanche sarte,
che son d'error con ignorantia attorto.*

*Celansi i duo mei dolci usati segni;
morta fra l'onde è ragion et l'arte,
tal ch'incomincio a desperar del porto.*

Anônimo da Renascença - A rosa vermelha e a rosa branca

- Como és pálida, minha irmã!,
dizia a rosa vermelha à rosa branca.
Perdoe-me ser tão franca.
É uma tez clara como a de anciã.

- Não é o palor da manhã,
e sim a candura da inocência.
Tu, por enrubesceres, irmã,
Tens razões de tal florescência.

- Minhas razões... a de Adônis amado,
de Vênus Citereia o favorito.
É o sangue em que palpito.
Eu brilho e teu traço é descorado.

- De uma virgem no entanto pura
embelezo mais ainda o pudor.
Também resplandeço, mas de brancura.

La rose rouge et la rose blanche

- *Que vous êtes pâle, ma soeur!*
Disait la rose rouge à sa soeur
rose blanche.

Pardonnez-moi d'être si franche
Votre teint blême me fait peur.

- *Ce n'est point de la pâleur,*
C'est la candeur de l'innocence.
Vous, pour rougir ainsi, ma soeur,
Vous avez vos raisons, je pense.

- *Mes raisons... du bel Adonis,*
Du favori de Cythérée.
C'est le sang qui m'a colorée.
J'éclate et vos traits sont ternis.

- *Cependant, d'une vierge pure*
J'embellis encor la pudeur.
J'éclate aussi, mais de blancheur.

Panfilo Sasso (c.1453-1527)

Com tempo, o camponês ao jugo traz
O touro, tão forte e fero animal;
Sujeitar-se ao domador, afinal,
Vê-se com tempo o falcão contumaz.

Com o tempo, se adestra, aprisionado,
O estranho urso e o javali feroz;
Com o tempo, a água, mole e veloz,
Rompe o duro rochedo alcantilado.

Com o tempo, cai o tronco robusto;
A montanha esmorona com a idade,
Mas com o tempo não posso, nem a custo,

Mover impiedoso um coração,
Que vence em orgulho, por ser adusto,
O urso, o touro, a rocha e o falcão

*Col tempo el villanel al giogo mena
El tor sí fiero e sí crudo animale;
Col tempo el falcon si usa a menar l'ale
E retornar a te chiamato a pena.*

*Col tempo si domestica in catena
El bizzarro orso, e'l feroce cinghiale;
Col tempo l'acqua, che è sí molle e frale,
Rompe el dur sasso, come el fosse arena.*

*Col tempo ogni robusto arbor cade;
Col tempo ogni alto monte si fa basso,
Ed io col tempo non posso a pietade*

*Mover un cor d'ogni dolcezza casso;
Onde avanza di orgoglio e crudeltade
Orso, toro, leon, falcone e sasso.*

Que andais buscando, oh alegres amantes,
Aqui não se levantou o deus do amor.
Parti daqui com vossos sons consonantes,
Que não se coadunam com nossa dor,
Aqui só se usam cantos cruciantes,
Aqui ninguém possui um coração ledo
Aqui só mantos negros não são obstantes,
Aqui se desespera e se morre cedo.

Che andatevi cercando, o lieti amanti,
Surrexit non est hic il dio d'amore.
Partitivi con vostri soni e canti,
Non se confanno con el nostro dolore,
Non s'usa qua se non lamenti e pianti,
Qua non è alcuno ch'abbia allegro il cuore,
Qua non se veste se non nigri manti,
Ogniun qua se despera, ogniun qua more.

Venho para o lugar onde o amor me traz
A expor as feridas de meu coração.
Venho cantar como a sereia o faz
Quanto mais cruéis os sofrimentos são.
Venho anunciar-te minhas tantas penas
Como faz o tristonho cisne ao morrer.
A língua canta sem palavras amenas
Que o peito se exaure de tanto sofrer.

*I' vengo al loco dove Amor mi mena
A mostrarti la piaga del mio cuore.
Vengo a cantar como fa la serena
Quando più cresce el so crudel dolore.
I' vengo annunciarti la mia pena
Come fa el tristo cigno quando el more.
La lingua canta e dice le parole.
El cuor si strugge, se lamenta e duole*

Juan Boscán (c.1490 – 1542)

I

Nunca ao amor ofereci alento
que em seu louvor meus versos ocupasse
e nunca aconselhei que se enganasse,
buscando-se no amor contentamento.

Assim sempre julgou meu pensamento:
deste mal todo homem se guardasse;
e para que esta lei se conservasse,
alegrei-me em ser de todos experimento.

Oh vós, que procurais os meus escritos,
gostando de ler sombrios tormentos,
sabeis que no amar são infinitos

e meus versos bem dizem: Oh benditos,
os que estão por graça de Deus isentos
do poder do amor e de seus conflitos.

*Nunca de amor estuve tan contento
que en su loor mis versos ocupase,
ni a nadie aconsejé que se engañase
buscando en el amor contentamento.*

*Esto siempre juzgó mi entendimiento:
que de este mal todo hombre se guardasse;
y así, porque esta ley se conservasse,
holgué de ser a todos escarmento.*

*Oh, vosotros que andáis tras mis escritos
gustando de ler tormentos tristes,
según que por amar son infinitos,*

*mis versos son deciros: Oh benditos
los que de Dios tan grand merced hubistes
que del poder de amor fuédes quitos.*

II

Há tanto meu sofrimento dura,
que apenas nisto tive esperança:
esperei da fortuna sua mudança,
já que por seu gênio nada perdura.

Entediou-se de mim a ventura,
e ao revés fez andar a confiança
que por ter-me sempre sob a lança,
firme se fez e de seu ser não cura.

Destrói-se, para bem destruir-me;
deixa de ser, contra mim sendo forte;
sua lei natural em mim fenece.

Onde não houvesse razão, pensei haver sorte;
mas agora sei que o mundo está a fugir-me
e é preciso que outro mundo comece.

*Ha tanto ya que mi desdicha dura
que es esto solo tuve mi esperanza:
esperé de fortuna su mudanza,
que por mí no negara su natura.*

*Entendíome, yo pienso, la ventura,
y ha tornado al revés mi confianza,
que por tenerme siempre so la lanza,
firme se ha hecho, y de su ser no cura.*

*Para bien destruirme, se destruye;
deja de ser, por ser contra mi flerte;
sus leyes naturales en mí vence.*

*Pensé, do no hay razón, que hubiera suerte;
Agora, sé que el mundo ya me huye,
Y es fuerza que outro mundo se comience.*

III

Doce sonhar e doce inquietar-me
quando estava sonhando que sonhava;
doce gozar com o que me enganava,
se um pouco mais durasse o enganar-me.

Doce não estar em mim, que imaginar-me
podia quando bem o desejasse;
doce prazer, embora me importunasse,
quando às vezes chegava a despertar-me.

Oh, sonho, quanto mais leve e saboroso
me serias, se viesses mais pesado,
assentando-se em mim com mais repouso.

Dormindo enfim fui bem-aventurado,
se na mentira é justo ser ditoso
quem há muito tem sido infortunado.

*Dulce soñar y dulce congojarme,
cuando estaba soñando que soñaba;
dulce gozar con lo que me engañaba,
si um poco más durara el engañarme;*

*Dulce no estar en mí, que figurarme
podía cuanto bien yo deseaba;
dulce placer, aunque me importunaba
que alguna vez llegaba a despertarme:*

*Oh sueño, cuanto más leve y sabroso
mi fueras si vinieras tan pesado
que asentaras en mí con más reposo!*

*Durmiendo, en fin, fui bienaventurado,
y es justo en la mentira ser dichoso
quien siempre en la verdad fue desdichado.*

IV

Um novo amor um novo bem tem-me dado,
iluminando a alma e os sentidos meus,
de maneira que já não peço a Deus
a não ser que me conserve neste estado.

Ao meu bem acrescenta o mal passado,
tão sem medo estou do que havia sido
e no fármaco composto e bebido
minha força e viver têm melhorado.

Pairou sobre mim grande pestilência,
até matar os pássaros voando,
e quase quanto em vida foi criado;

o cruel efeito se foi passando,
e assim, desta brava e mortal dolência,
com saúde ficou o que tem restado.

*Un nuevo amor un nuevo bien me ha dado,
ilustrándome el alma y el sentido,
por manera que a Dios ya yo no pido
sino que me conserve en este estado.*

*A mi bien acrecienta el mal pasado,
tan sin temor estoy de lo que ha sido;
y en hierbas compuestas que he bebido,
mi fuerza y mi vivir se han mejorado.*

*Anduvo sobre mí gran pestilência
hasta matar los pájaros volando
y casi cuanto en vida fue criado;*

*este influjo cruel se fue pasando,
y así de esta mortal,brava dolencia
con más salud quedó lo que ha quedado.*

V

Claros e frescos rios
que mansamente fluís
seguindo vossos caminhos naturais;
desertos, montes frios
da quietude não fugis,
na solidão continuamente estais;
aves que com tino descansais
alegremente cantando,
árvores que viveis
e enfim também morreis,
que há tempos estais perdendo e ganhando:
ouçais conjuntamente
minha voz amarga, rouca e dolente.
Pois bem quis minha ventura
que tivesse de afastar-me
de quem jamais ousei pensar partir-me;
com tamanha desventura,
devo antes consolar-me
que agora não é o tempo de ir-me.
A alma há de estar firme,
pois em tão baixo estado
vergonhosa é a morte.
Se acabo em um mal tão forte,
um suicida serei considerado
e a quem tão bem amou
não convém dizer que tão mal findou.
Hei de desejar a vida
fingindo ter esperança

e aliviar o mal que me atormenta.
Fortuna tão perdida
há de trazer bonança.
Perdurar não vai a dor que apoquento.
Um mal que firme se enfrenta
espero logo ceder.
Aonde for, irei,
e, por fim, voltarei
a ver meu bem, se triste não morrer.
Mas com que se passará
este tempo que muito tardará?
Passarei imaginando
se homens tão inconstantes
podem a imaginação ter por ofício;
pensarei como e quando
voltarei como dantes
e o que por amor se fez sacrifício;
e adotarei por vício
imaginar a que queira
falando-lhe na ausência,
sem juízo ou continência.
Contar-lhe vou que definho na eira;
Assim minha vontade
fará como se ouvisse de verdade.
Agora já imagino
o que fazendo está.
Se pensando estou, talvez pense em mim?
O gesto determino
de pôr-se a rir, quiçá,
tal como estava quando embora vim.
Ainda que infeliz
s'tivesse na partida,
não cabe em seu valor
que não sofresse a dor

de tão amarga e crua despedida.
Tão triste parti eu
que a mesma mágoa ela não escondeu.
As horas estou vendo,
por ela e nos momentos,
e cada coisa em sua ocasião.
Comigo aqui a entendo:
penso seus pensamentos
e por mim tiro os seus como são.
Fala-me o coração
e julgo que acerta:
ora está alegre, ora está triste;
diz reza e também chiste,
nesta hora dorme, em outra desperta.
O bom senso e o amor
revelam-se a quem é o melhor pintor.
Vem-me sempre à memória
onde primeiro a vi
e lá comecei a amá-la;
e nasce-me tal glória
querê-la desde ali
só me sendo possível imaginá-la.
Encontra, ao contemplá-la,
minh'alma um gozo insano.
Penso a estar olhando;
depois, me retomando,
pesa pouco ter durado o engano.
Não exijo outra alegria
que enganar minha triste fantasia.
Mas isso não é possível:
retorno à verdade
e, achando-me só, não a vejo.
Parece-me impossível
que já a minha vontade

traga mais conflitos em meu desejo.
Mil assuntos sem pejo,
p'ra descansar um pouco,
distraem-me a atenção,
sempre em contradição.
Ajo e penso melhor quando estou louco.
Olha que gentil cura:
vale entregar-me com força à loucura.
No vão imaginar
me entretenho e caio,
pois para vê-la não há solução.
Lá começo a pensar
e no pensar desmaio
em ver quantos lugares deixo em vão.
Se acho alívio, então
rasgo mais a ferida,
assaltando-me o peito
a ira e o defeito
face aos prazeres da passada vida.
Cada palmo de terra
para mim se torna uma grande serra.
Tenho n'alma seu gesto
que belo dizer ousado
e aquele saber estar onde queira;
o recolher-se honesto,
o alegre repouso,
um não sei quê e de alguma maneira;
e com brandura inteira,
o saber descansado,
a cortesia ao falar,
no silêncio ajudar
e aquele grave olhar dissimulado.
Tudo isso está ausente,
quando antes tudo tive presente.

Contando estou os dias
que passo não sei como;
dos antigos não ousou prestar contas.
Surgem-me as fantasias
e a soluçar me tomo,
vendo-me sem ânimo nas afrontas.
Lá está, acerba e pronta,
a chaga do penar.
Parecem ter mil anos
os cruéis desenganos;
por outro lado, o sempre imaginar
muda e faz parecer
que só ontem foi todo o transcorrer.
Algumas coisas vejo
para um triz ocupar-me
e refletir se terei esperança;
então suspiro e almejo
pois ao assim tratar-me
acho em mim a prezada semelhança.
Por onde vou me alcança
amor com sua vitória.
Mais longe foge o tino,
mais rijo me arruíno
que ali me representa a memória
meu bem a cada instante,
cuja forma se opõe ao semelhante.
O que vejo me pesa,
mas finjo descansar
para passar e viver entre a gente.
Se caio com que pesa,
levanto para andar
e sabe Deus o que a alma sente.
Mas tão rude acidente
por que resiste,

por que minha emoção
não anima a paixão?
Cobra, bom coração, minh'alma triste,
que a reverei presto,
mirando aquele corpo e aquele gesto.
Canção: bem sei aonde ir querias
e a quem ver desejas.
Mas não pretendo que sem mim a vejas.

*Claros y frescos ríos
que mansamente vais
siguiendo vuestro natural caminho;
desiertos montes míos,
que en un estado estáis
de soledad muy triste de continuo;
aves, en quien hay tino
de descansar cantando;
árboles que vivís,
y en fin también morís,
y estáis perdiendo a tiempos y ganando:
oídme juntamente
mi voz amarga, ronca y tan dolente!
Pues quiso mi ventura
Que hubiese de apartarme
de quien jamás osé pensar partirme;
en tanta desventura
conviene consolarme,
que no es agora tiempo de morirme.
El alma ha de estar firme:
que en un tan bajo estado
vergonzosa es la muerte;
si acabo en mal tan flerte,
todos dirán que voy desesperado;
y quién tan bien amó
no es bien que digan que tan mal murió.
He de querer la vida
fingiéndome esperanza,
y enganar mal que tanto desengaña.
Fortuna tan perdida*

*Ha de traer bonanza.
No durará dolor que tanto daña.
Un mal que así se ensaña,
Amansará si espero.
Adonde voy, iré:
y en fin yo volveré
a ver mi bien, si triste no me muero.
Pero, quién pasará
este tempo, que mucho tardará?
Pasaré imaginando;
si en hombre tan revuelto
puede el imaginar hacer su oficio,
pensaré cómo y cuándo
podré verme ya vuelto
do hizo amor de mi sacrificio;
y tomaré por vicio,
figurar la que quiero;
hablándole en ausencia
harto más que en presencia.
Contarle he desde acá cómo allá muero;
y mi voluntad mucha
me hará parecer que ella me escucha.
Agora ya imagino
lo que estará haciendo.
Pensando estoy, quizá si piensa en mí?
El gesto determino,
con que estará riendo
de cual estuve, cuando me partí.
Aunque según sentí
cuitado, la partida
no cabe en su valor
que no sienta dolor
de tan amarga y cruda despedida.
Tan triste partí yo,*

que aunque no quiera, ella lo sintió.
Las horas estoy viendo
en ella, y los momentos:
y cada cosa pongo en su sazón.
Conmigo acá la entiendo:
Pienso sus pensamientos:
por mí saco los suyos cuales son.
Díceme el corazón,
y pienso yo que acierta:
ya está alegre, ya triste;
ya sale, ya se viste;
ahora duerme, ahora está despierta.
El seso y el amor
andan por quien la pintará mejor.
Viéneme a la memoria
donde la vi primero
y aquel lugar do comencé de amalla;
y náceme tal gloria
de ver cómo la quiero,
que es ya mejor que el vella el contemplalla.
En el contemplar halla
mi alma um gozo extraño.
Pienso estalla mirando;
después, en mí tornando,
pésame que duro poco el engano.
No pido otra alegría,
sino engañar mi triste fantasía.
Mas esto no es posible:
vuélvome a la verdad,
y hállome muy solo y no la veo.
Paréceme imposible
que ya mi voluntad
traiga más em palabras mi deseo.
Mil negocios rodeo

*por descansar un poco;
y en toda cosa pierdo,
sino en el desacuerdo.
Libro mucho mejor cuando estoy loco.
Mira que gentil cura
Que es forzado valirme con locura.*

Garcilaso de la Vega (c.1501 – 1536)

I - *Villancico*

Ninguém pode ser ditoso,
senhora, ou desventurado,
se não vos tiver mirado.

Porque a glória de vê-la
só neste instante arrebatava
quem se pensa merecê-la;
assim que, sem conhecê-la,
ninguém pode ser ditoso,
senhora, ou desventurado,
se não vos tiver mirado.

*Nadi puede ser dichoso,
señora, ni desdichado,
sino que os haya mirado.*

*Porque la gloria de veros
en ese punto se quita
que se piensa mereceros,
así que sin conoceros,
nadi puede ser dichoso,
señora, ni desdichado,
sino que os haya mirado.*

II

Ó doces prendas por mim mal achadas,
que a vida a mando de Deus alegrais,
em minha memória juntas estais
e com ela à minha morte ligadas.

Quem a mim diria quando as passadas
horas, em que tão bem por vós me via,
que me havíeis de ser em algum dia
com tão grave aflição representadas?

Em certa hora junto me levastes
todo o bem que por término me destes;
leva-me junto o mal que me deixastes;
senão suspeitarei que me assististes
com distintos bens porque desejastes
ver-me morrer entre memórias tristes.

*Oh dulces prendas por mi mal halladas,
dulces y alegres cuando Dios quería,
juntas estáis en la memoria mía
y con ella en mi muerte conjuradas!*

*Quién mi dijera, cuando las pasadas
horas qu'en tanto bien por vos me vía,
que me habíades de ser en algún día
con tan grave dolor representadas?*

*Pues en una hora junto me llevastes
todo el bien que por términos me distes,
llévame junto el mal que me dejastes;*

*si no, sospecharé que me pusistes
en tantos bienes porque deseastes
verme morir entre memorias tristes.*

III

Formosas ninfas no rio entretidas,
que contentes habitais nas moradas
de reluzentes pedras fabricadas
e por colunas de vidro mantidas;
agora estais bordando embevecidas,
ou bem tecendo as telas delicadas;
agora umas com as outras apartadas,
cantando os amores e as vidas:
deixai vos peço um instante o labor
elevando as cabeças para olhar-me;
não vos detereis muito no favor.

Se não podeis a lástima escutar-me,
o convertido em água pela dor,
podeis além e aos poucos consolar-me.

*Hermosas ninfas, que, en el río metidas,
contentas habitáis en las moradas
de relucientes piedras fabricadas
y en columnas de vidrio sostenidas;
agora estéis labrando embebecidas
o tejiendo las telas delicadas,
agora unas con otras apartadas
contándoos los amores y las vidas:
dejad un rato la labor, alzando
vuestras rubias cabezas a mirarme,
y no os detendréis mucho según ando,
que o no podréis de lástima escucharme,
o convertido en agua aquí llorando,
podréis allá despacio consolarme.*

IV

Enquanto de rosa e açucena
mostra-se a cor em vosso gesto
e o vosso olhar ardente, honesto,
com luz o mau tempo serena;
e tão logo a encantadora melena
que o ouro escolheu, sem ser modesto,
assenta ao lindo colo branco, presto
o vento sopra, move e desordena:
recolhe da alegre primavera
o doce fruto, antes que o tempo irado
cubra de neve o formoso lume.
Murchará a rosa ao vento gelado
e assim tudo na verdade se altera
pois que o tempo não muda seu costume.

*En tanto que de rosa y azucena
se muestra la color en vuestro gesto,
y que vuestro mirar ardiente, honesto
enciende el corazón y lo refrena;
y en tanto que el cabello, que en la vena
del oro se escogió, con vuelo presto,
por el hermoso cuello blanco, enhiesto,
el viento mueve, esparce y desordena;
coged de vuestra alegre primavera
el dulce fruto, antes que el tiempo airado
cubra de nieve la hermosa cumbre.
Marchitará la rosa el viento helado,
todo lo mudará la edad ligera,
por no hacer mudanza en su costumbre.*

*Canção*¹³

1

Com um manso ruído
d'água corrente e clara,
cerca o Danúbio a ilha que pudera
ser lugar escolhido
para que descansara
quem, como agora estou, não estivera;
sempre ali primavera,
semeada de flores,
fazem os pássaros cantores
renovar o prazer ou a tristeza
com as ternas querelas
que desde a manhã não se cansam delas.

2

Aqui estive eu posto,
ou se pode dizê-lo,
preso, forçado e só em minha pena;
isto pode-se a gosto
impor-se a quem sofrê-lo
e a quem a si mesmo se condena.
Tenho só uma pena,
se morro desterrado
em tanta desventura:
que pensem por ventura

¹³ Poema escrito no cárcere, em uma ilha do rio Danúbio, perto de Regensburg, a mando do imperador Carlos V, por ter Garcilaso interferido favoravelmente ao casamento de seu sobrinho com uma dama da corte.

que juntos os males me levaram,
quando bem sei que morro
por aquilo que morrer espero.

3

O corpo está em poder
ou nas mãos de quem diz
fazer por prazer o que quisera;
nunca porém fazer
que o torne infeliz
se de mim a alma não tivera;
já quando o mal viera
e a derradeira sorte
aqui me há de achar
no mesmo e igual lugar
qu'outra coisa mais dura que a morte
que ache e me tenha achado
e isto bem sabe quem o haja provado.

4

Não é preciso agora
falar mais sem proveito,
de minha carência escasseada,
pois foi em uma hora
tudo aquilo desfeito
quanto em minha vivência gastada.
E ao fim de tal jornada.
presumem espantar-me?
Saibam que já não concedo
morrer senão sem medo
pois inda que o temor não quis deixar-me
e à minha desventura,
deram-me o bem e o medo soltura.

5

Danúbio, remoinho,
que por feras nações
vais com claras ondas escorrendo,
pois não há mais caminho,
onde minhas razões
fora daqui vão, senão correndo
por tuas águas, sendo
em todas inundadas;
se em terra alheia
ou em margem de areia
por homem enfim achadas,
que as enterre na leira
para serem olvidadas.

6

Se nas águas morreras,
canção, não havias de queixar-te,
que vi o que te toca;
menos vida tiveras
se houvesse de igualar-te
com outras mortas na boca.
Quem culpa nisto há
n'outro mundo logo de mim saberá.

1

*Con un manso rüido
de agua corriente y clara
cerca el Danubio una isla que pudiera
ser lugar escogido
para que descansara
quien, como está yo ahora, no estuviera:
do siempre primavera
parece en la verdura*

*sembrada de las flores;
hacen los ruiseñores
renovar el placer o la tristura
con sus blandas querellas,
que nunca, día ni noche, cesan dellas.*

2

*Aquí estuve yo puesto,
o por mejor decillo,
preso y forzado y solo en tierra ajena;
bien pueden hacer esto
en quien puede sufrillo
y en quien él a sí mismo se condena.
Tengo sola una pena,
si muero desterrado
y en tanta desventura:
que piensen por ventura
que juntos tantos males me han llevado
y sé yo bien que muero
por solo aquello que morir espero.*

3

*El cuerpo está en poder
y en mano de quien puede
hacer a su placer lo que quisiere,
mas no podrá hacer
que mal librado quede,
mientras de mí otra prenda no tuviere;
cuando ya el mal viniere
y la postrera suerte,
aquí me ha de hallar
en el mismo lugar,
que otra cosa más dura que la muerte
me halla y me ha hallado,*

y esto sabe muy bien quien lo ha probado.

4

*No es necesario agora
hablar más sin provecho,
que es mi necesidad muy apretada,
pues ha sido en un hora
todo aquello deshecho
en que toda mi vida fue gastada.
Y al fin de tal jornada
¿presumen de espantarme?
Sepan que ya no puedo
morir sino sin miedo,
que aun nunca qué temer quiso dejarme
la desventura mía,
que el bien y el miedo me quitó en un día.*

5

*Danubio, río divino,
que por fieras naciones
vas con tus claras ondas discurriendo,
pues no hay otro camino
por donde mis razones
vayan fuera de aquí, sino corriendo
por tus aguas y siendo
en ellas anegadas,
si en tierra tan ajena,
en la desierta arena,
de alguno fueren a la fin halladas,
entiérrelas siquiera
porque su error se acabe en tu ribera.*

6

Aunque en el agua mueras,

*canción, no has de quejarte,
que yo he mirado bien lo que te toca;
menos vida tuvieras
si hubiera de igualarte
con otras que se me han muerto en la boca.
Quién tiene culpa en esto,
allá lo entenderás de mí muy presto.*

Ode à Flor de Gnido¹⁴

1

Se minha débil lira
tanto pudesse o som num momento
apaziguar a ira
deste animoso vento
e a fúria do mar e o movimento,

em ásperas montanhas
com suave canto enternecesse
as feras animais,
e as copas movesse,
e ao som confusamente os tangesse:

não penses que cantado
seria por mim, flor de Gnido,
o fero Marte airado,
à morte convertido,
de pó, sangue e de suor ungido,

nem mesmo os capitães,

¹⁴ Referência dupla: à deusa Vênus e a Violante Sanseverini, moradora do Nido, bairro de Nápoles.

dos sublimes carros triunfados,
por quem os alemães,
ao fero colo atados,
e os franceses vão domesticados;

mas tão-somente aquela
força de tua beleza cantada,
e alguma vez com ela
seria sim notada
a aspereza de que estás armada,

e assim por ti só,
e por teu valor e formosura,
em si, em lá, em dó
chora sua desventura
o pobre amante de tua figura.

Falo deste cativo
com quem se deve ter mais cuidado,
que está morrendo vivo,
ao remo condenado,
à concha de Vênus amarrado.

Por ti, como devia,
do rude cavalo não corrige
a fúria e a galhardia,
nem com freio sujeita
nem com vivas esporas aflige;

por ti com destra mão
não resolve a espada pressurosa
e no incerto chão
foge da poeirosa
arena como serpe venenosa;

por ti sua branda musa,
em lugar da cítara sonante,
tristes querelas usa
que com pranto abundante
fazem banhar o rosto do amante;

por ti o maior amigo
é importuno, grave e pesaroso:
posso atestar e digo
que já do perigoso
desastre fui seu porto e repouso,

e nessa atmosfera
suplanta a dor à razão perdida
que venenosa fera
nunca foi aborrecida
tanto como eu, nem tão temida.

Não foste tu gerada
nem produzida na dura terra;
não deve ser notada
que ingratamente erra
quem todo erro de si desterra.

Faz-te sim temerosa
de Anajárete,¹⁵ a covarde,
que de ser desdenhosa
arrependeu-se tarde
e assim su'alma em mármore arde.

Estava-se alegrando

¹⁵ Trata-se da fábula da donzela de Anajárete que, repelindo o amor do jovem Ifis, fê-lo enforcar-se. Ao postar-se na janela para, impassível, ver passar seu enterro, foi transformada em mármore.

da ruína o peito empedernido
quando, abaixo mirando
o corpo morto vindo
do miserável amante estendido,

e ao colo o laço atado
com que desenlaçou da cadeia
o coração coitado,
e com sua breve pena
comprou a eterna punição alheia.

Viu ali converter-se
em terna piedade a aspereza.
Oh tarde arrepender-se!
Oh última leveza!
Como ocorreu-te tanta dureza?

Os olhos se cravaram
no corpo enlutado que estenderam;
os ossos se tornaram
mais duros e cresceram
e assim em carne se converteram;

as entranhas geladas
tornaram-se aos poucos pedra dura;
pelas veias coitadas
o sangue sua figura
ia desconhecendo sua natura,

até que, finalmente,
em mármore vê-se transformada;
fez-se de si a gente
não tão maravilhada,
quanto da ingratidão vingada.

Não queiras tu, senhora,
de Nêmesis as setas
provar, por Deus, agora;
basta que tuas facetas
e formas aos poetas

deem imortal matéria,
sem que ainda em verso lamentável
celebrem a miséria
d'algum caso notável
que por ti passe, triste, miserável.

Ode ad florem Gnidi

*Si de mi baja lira
tanto pudiese el son que en um momento
aplacase la ira
del animoso viento
y la furia del mar y el movimiento,*

*y en ásperas montañas
con el suave canto enterneciese
las fieras alimañas,
los árboles moviese
y al son confusamente los trujiese:*

*no pienses que cantado
seria de mí, hermosa flor de Gnido,
el fiero Marte airado,
a muerte convertido,
de polvo y sangre y de sudor teñido,*

*ni aquellos capitanes
en las sublimesruedas colocados
por quien los alemanes
el fiero cuello atados,
y los franceses van domesticados;*

*mas solamente aquella
fuerza de tu beldade seria cantada,
y alguna vez con ella
también seria notada
el aspereza de que estás armada,*

*y cómo por ti sola
y por tu gran valor y hermosura,
convertido em viola,
llora su desventura
el misereable amante en tu figura.*

*hablo d'aquel cativo
de quien tener se debe más cuidado,
que 'stá muriendo vivo,
al remo condenado,
en la concha de Venus amarrado.*

*Por ti, como solía,
del áspero caballo no corrige
la fúria y gallardia,
ni con freno la rige,
ni con vivas espuelas ya l'aflige;*

*por ti com diestra mano
no revuelve la espada pressurosa,
y en el dudoso llano
huye la polvorosa*

palestra como sierpe ponzoñosa;

*por ti su blanda musa,
en lugar de la cítera sonante,
tristes querellas usa
que com llanto abundante
hacen bañar el rostro del amante;*

*por ti el mayor amigo
l'es importuno, grave y enojoso:
yo puedo ser testigo,
que ya del peligroso
naufrágio fui su puerto y su reposo,*

*y agora em tal manera
vence el dolor a la razón perdida
que ponzoñosa fiera
nunca fue aborrecida
tanto como yo dél, ni tan temida.*

*No fuiste tú engendada
ni producida de la dura tierra;
no debe ser notada
que ingratamente yerra
quien todo el outro error de sí destierra.*

*Hágate temerosa
el caso de Anajárete, y cobarde,
que de ser desdenhosa
se arrepentió muy tarde,
y así su alma com su mármol arde.*

*Estábase alegrando
del mal ajeno el pecho empedernido*

*cuando, abajo mirando,
el cuerpo muerto vido
del miserable amante ali tendido,*

*y al cuello el lazo atado
con que desenlazó de la cadena
el corazón cuitado
y con breve pena
compró la eterna punición ajena.*

*Sentió allí convertirse
en piedad amorosa el aspereza
!Oh tarde arrepentirse!
!Oh última terneza!
cómo te sucedió mayor dureza?*

*Los ojos s'enclavaron
en el tendido cuerpo que allí vieron;
los huesos se tornaran
más duros y crecieron
y en sí toda la carne convirtieron;*

*Las entrañas heladas
tornaran poco a poco en piedra dura;
por las venas cuitadas
la sangre si figura
iba desconociendo y su natura*

*hasta que, finalmente,
en duro mármol vuelta y transformada,
hizo de sí la gente
no tan maravillada
cuanto de aquella ingratitud vengada.*

*No quieras tú, señora,
de Némesis airada las saetas
probar, por Dios, agora;
baste que tus perfetas
obras y hermosura a los poetas*

*den inmortal matéria,
sin que también em verso lamentable
celebren lamiseria
d'algún caso notable
que por ti passe, triste, miserable.*

Pierre de Ronsard (1524-1585)

Contra os lenhadores da floresta de Gastine¹⁶

Quem quer que primeiro tenha a mão ferida
Por te cortar, floresta, com dura batida,
Que possa se abater com seu mesmo bastão,
E sinta no ventre a fome de Erisictão¹⁷
Que de Ceres cortou o tronco venerável¹⁸
E sequioso de tudo, e insaciável,
De sua mãe bois e ovelhas engoliu
E ainda com fome, a si próprio deglutiui:
Que assim possa consumir suas rendas e a terra,
E ser devorado pelos dentes da guerra!
Que para ressarcir a seiva da floresta
Muitos empréstimos e juros pela cresta
Deva ao agiota, e assim consuma afinal
Seus bens para pagar a quantia total!
Que sempre e sem descanso em seu pensamento
Se trame para o nada qualquer novo intento,
Pleno de impaciência e de fúria diversa,
De má sugestão e para os homens adversa.
Ouça, lenhador, detém um pouco o machado,
Não são apenas árvores que pões abaixo;
Não vês o sangue que macula, gotejado,
Das belas ninfas que habitavam por debaixo?
Ímpio assassino, se enforcamos um ladrão
Por saquear um tesouro de pouca fração,
Quantos fogos, ferros, mortes e atrocidades

¹⁶ Poema em defesa da preservação das florestas, muitíssimo antes da voga ecológica.

¹⁷ Rei lendário da Tessália, homem violento e destruidor de um bosque consagrado à deusa Deméter (ou Ceres).

¹⁸ O tronco de carvalhos, árvore preferida da deusa.

Mereces, vilão, por matar as divindades?
Floresta, alta casa dos pássaros alados
Nem o cervo esquivo e os velozes veados
Pastarão sob a tua sombra, e o teu dossel
Não mais a luz do verão romperá o véu.
O cativo pastor, em um tronco encostado,
Tocando a flauta de quatro notas dotada;
Um mastim a seus pés, e ao lado o cajado,
Não mais cantará o ardor da mulher amada.
Tudo se tornará mudo e Eco sem voz;
Tu serás campo nessa paisagem após
E sem os ramos que se movem lentamente,
Sentirás o arado, a relha e o mugir gemente.
Perderás teu silêncio, os Sátiros e Pãs,
E as proles dos cervos não terão amanhã;
Adeus, velha floresta, de Éolo brinquedo,
Onde primeiro compus na lira, em segredo.
Adeus, velha floresta, adeus, entes sagrados,
De quadros e flores tão reverenciados;
Agora, o desdém dos passantes imprudentes,
Queimados no verão pelos raios candentes
Sem gozar do frescor da mata por incúria
Acusam teus assassinos e lhes dizem injúria!
Adeus, carvalhos, signos de bons cidadãos,
Árvores de Júpiter, germes de pagãos,
Que, primeiro, aos humanos deram de comer;
Povos ingratos, sem poder reconhecer
Os bens recebidos, e que tudo retiram
Por massacrar sem pena os pais que os nutriram.
Infeliz é o homem que no mundo se fia!
Deus, quão verdadeira é essa filosofia
Que diz que tudo, afinal, se consumará
E mudando de forma, outra mais vestirá.

Contre les bûcherons de la forêt de Gastine

Quiconque aura, premier, la main embesongnée
A te couper, forest, d'une dure congée,
Qu'il puisse s'enfermer de son propre baston,
Et sente en l'estomac la faim d'Erisichthon
Qui coupa de Ceres le chesne vénérable,
Et qui, gourmand de tout, de tout insatiable,
Les bœufs et les moutons de sa mère engorgea,
Puis, pressé de la faim, soy-mesme se mangea:
Ainsi puisse engloutir ses rentes et sa terre,
Et se dévore après par les dents de la guerre!
Qu'il puisse, pour venger le sang de nos forests,
Tousjours nouveaux emprunts sur nouveaux interests
Devoir à l'usurier, et qu'en fin il consomme
Tout son bien à payer la principale somme !
Que tousjours, sans repos, ne fasse en son cerveau
Que tramer pour-néant quelque dessein nouveau,
Porté d'impatience et de fureur diverse,
Et de mauvais conseil qui les hommes renverse !
Escoute, Bûcheron, arrête un peu le bras :
Ce ne sont pas des bois que tu jettes à bas ;
Ne vois-tu pas le sang, lequel dégoûte à force,
Des Nymphes qui vivoient dessous la dure escorce ?
Sacrilège meurtrier, si on pend un voleur
Pour piller un butin de bien peu de valeur,
Combien de feux, de fers, de morts, et de détresses
Mérites-tu, meschant, pour tuer nos Déesses?
Forest, haute maison des oiseaux bocagers!
Plus le cerf solitaire et les chevreuls légers
Ne paistront sous ton ombre, et ta verte crinière
Plus du soleil d'esté ne rompra la lumière.

Plus l'amoureux pasteur sur un tronc adossé,
Enflant son flageolet à quatre trous persé.
Son mastin à ses pieds, à son flanc la houlette,
Ne dira plus l'ardeur de sa belle Janette:
Tout deviendra muet; Echo sera sans vois;
Tu deviendras campagne, et, en lieu de tes bois,
Dont l'ombrage incertain lentement se remue,
Tu sentiras le soc, le coutre, et la charrue.
Tu perdras ton silence, et Satyres et Pans,
Et plus le cerf chez toy ne cachera ses fans.
Adieu, vieille forest, le jouet de Zephyre,
Où premier j'accorday les langues de ma lyre,
Adieu, vieille forest, adieu, testes sacrées,
De tableaux et de fleurs en tout temps révérees,
Maintenant le desdain des passans altérez,
Qui, bruslez en l'esté des rayons etherez,
Sans plus trouver le frais de tes douces verdures,
Accusent tes meurtriers, et leur disent injures!
Adieu, chesnes, couronne aux vaillans citoyens.
Arbres de Jupiter, germes Dodonéens,
Qui, premiers, aux humains donnastes à repaistre;
Peuples vrayment ingrats, qui n'ont sçeu recognoistre
Les biens receus de vous, peuples vrayment grossiers,
De massacrer ainsi leurs pères nourriciers!
Que l'homme est malheureux qui au monde se fie!
Dieux, que véritable est la philosophie.
Qui dit que toute chose à la fin périra,
Et qu'en changeant de forme, une autre vestira!

Colhe desde hoje as rosas da vida

Quando fores bem velha, à noite, à luz da vela,
Junto à lareira, dobando o fio e fiando,
Dirás, recitando meus versos e pasmando:
Ronsard me celebrou no tempo em que fui bela.

Então não haverá entre as servas leais
Que pelo trabalho do dia dormitando,
e ao ouvir meu nome se vá despertando,
Louvando-te com elogios imortais.

Estarei sob a terra, fantasma ominoso,
Entre as sombras do mirto, em busca de repouso:
E em tua casa estarás, velha e combalida,

Chorando o meu amor e o teu cruel desdém.
Vive sem esperar pelo dia que vem;
Colhe desde hoje, colhe as rosas da vida.

Cueillez dès aujourd'huy les roses de la vie

*Quand vous serez bien vieille, au soir, à la chandelle,
Assise auprès du feu, dévidant et filant,
Direz, chantant mes vers, en vous émerveillant:
Ronsard me célébrait du temps que j'étais belle.*

*Lors, vous n'aurez servante oyant telle nouvelle,
Déjà sous le labeur à demi sommeillant,
Qui au bruit de mon nom ne s'aille réveillant,
Bénissant votre nom de louange immortelle.*

*Je serai sous la terre et fantôme sans os:
Par les ombres myrteux je prendrai mon repos:
Vous serez au foyer une vieille accroupie,*

*Regrettant mon amour et votre fier dédain.
Vivez, si m'en croyez, n'attendez à demain:
Cueillez dès aujourd'hui les roses de la vie.*

Para Cupido (o deus do Amor)

Sempre o dia a noite impele,
E a noite, que é sombria,
Empurra o luzente dia
Com a sombra que expele.

O outono segue o verão
E os desabridos furores
Das ventanias não se vão
Após a chuva e seus rigores.

Mas os ardores da paixão
Que me atormentam
Em mim sempre estão
E jamais se ausentam.

Não era, Deus, a mim,
Que devias atingir;
Tua flecha a outro afim
Deveria ferir.

Persiga, sim, os preguiçosos
E lhes permita a diversão,
Mas não a mim e aos ciosos
Que às Musas amam e se dão.

Ai, livra-me de ti,
Deste cruel tormento,
Que mais de mim se ri
Vendo o pesar que ostento.

Devolve a claridade
Às minhas trevas,
Dá liberdade
Aos dias com que me cevas.

Amor, seja o conforto
De meu pensamento,
E guie ao melhor porto
Meu barco sem alento.

Quanto mais a chamo,
Mais ela me enjeita;
Mais a suplico e amo,
Menos ela me aceita.

Minha pálida cor,
De um amor que fatiga,
Não despertou a dor
Em minha inimiga.

Nem tocar-lhe à porta
Com meu violão
Ou pouco lhe importa
Que eu durma no chão.

Não é mais forte o vigor
Da água que se amotina,
Pois tem ela mais furor
Quando o vento se obstina.

Armada de beleza,
Ela julga e pensa
Ver em sua crueza
Toda a recompensa.

Mostra-te o vencedor,
E dela inflama
O coração sem fervor
Com tua chama,

Como Fedra o sentiu
Até ser indiscreta,
E de ardor consumiu
Pasífae em Creta.

A Cupidon

*Le jour pousse la nuit,
Et la nuit sombre
Pousse le jour qui luit
D'une obscure ombre.*

*L'Autonne suit l'Esté,
Et l'aspre rage
Des vents n'a point esté
Après l'orage.*

*Mais la fièvre d'amours
Qui me tourmente,
Demeure en moy tousjours,
Et ne s'alente.*

*Ce n'estoit pas moy, Dieu,
Qu'il falloit poindre,
Ta fleche en autre lieu
Se devoit joindre.*

*Poursuy les paresseux
Et les amuse,
Mais non pas moy, ne ceux
Qu'aime la Muse.*

*Helas, delivre moy
De ceste dure,
Qui plus rit, quand d'esmoy
Voit que j'endure.*

*Redonne la clarté
A mes tenebres,
Remets en liberté
Mes jours funebres.*

*Amour sois le support
De ma pensée,
Et guide à meilleur port
Ma nef cassée.*

*Tant plus je suis criant
Plus me reboute,
Plus je la suis priant
Et moins m'escoute.*

*Ne ma palle couleur
D'amour blesmie
N'a esmeu à douleur
Mon ennemie.*

*Ne sonner à son huis
De ma guiterre,
Ny pour elle les nuis
Dormir à terre.*

*Plus cruel n'est l'effort
De l'eau mutine
Qu'elle, lors que plus fort
Le vent s'obstine.*

*Ell' s'arme en sa beauté,
Et si ne pense
Voir de sa cruauté
La récompense.*

*Monstre toy le veinqueur,
Et d'elle enflame
Pour exemple le coeur
De telle flame,*

*Qui la soeur alluma
Trop indiscrete,
Et d'ardeur consuma
La Royne en Crete.*

À Floresta de Gastine¹⁹

Deitado, entre as tuas sombras imerso,
Gastine, eu te canto,
Tanto quanto o grego em verso
A floresta de Erimanto.
Pois, sagaz, não posso esconder
À geração futura
O quanto hei de dever
À tua bela verdura:
Tu, que sob o abrigo de teus ramos
Radiantes de espírito, me distrais;
Tu, que fazes, às vezes que ali vamos,
As musas me mostrarem seus sinais:
De ti, por quem deste cuidado
Francamente me liberto
Quando em ti me perco afastado
Lendo um livro decerto.
Que teus bosques sejam ricos por anos
De greis apaixonadas,
De sátiros e silvanos
E do medo de ninfas dedicadas.
Em ti habita agora
Das Musas a perfeição.
Que não sinta jamais tua flora
A chama ímpia da desolação.

¹⁹ Mais um poema em defesa das florestas.

À la Forêt de Gastine

*Couché sous tes ombrages vers
Gastine, je te chante
Autant que les Grecs par leurs vers
La forest d'Erymanthe.
Car malin, celer je ne puis
A la race future
De combien obligé je suis
A ta belle verdure :
Toy, qui sous l'abry de tes bois
Ravy d'esprit m'amuses,
Toy, qui fais qu'à toutes les fois
Me respondent les Muses:
Toy, par qui de ce meschant soin
Tout franc je me délivre.
Lors qu'en toy je me pers bien loin.
Parlant avec un livre.
Tes bocages soient tousjours pleins
D'amoureuses brigades,
De Satyres et de Sylvains,
La crainte des Naiades.
En toy habite désormais
Des Muses le college.
Et ton bois ne sente jamais
La flame sacrilège.*

Giordano Bruno (1548-1600) – poesias contidas na obra *Dos Heroicos Furores*

Cara, suave e honrada chaga,
do mais belo dardo que escolheu o amor;
elevado, grácil e precioso ardor
que sempre faz girar a alma vaga;
que força de herva ou virtude de arte maga
te arrancará de meu coração
se um novo vigor vem dest'atrição,
e se mais atormenta, mais afaga?
Doce minha dor, nova no mundo e rara,
quando de teu peso serei aliviado,
se o remédio incomoda, sendo ao mal afeito?
Olhos, de meu senhor faísca e arco tensionado,
dobrai as chamas na alma e as setas no peito,
pois languescer é doce, e a ardência, cara.

*Cara, suave et onorata piaga
del più bel dardo che mai scelse amore;
alto, leggiadro e precioso ardore,
che gir fai l'alma di sempre'arder vaga:
qual forza d'erba e virtù d'arte maga
ti torrà mai dal centro del mio core,
se chi vi porge ogn'or fresco vigore
quanto più mi tormenta, più m'appaga?
Dolce mio duol, novo nel mondo e raro
quando del peso tuo girò mai scarco
s'il rimedio m'è noia, e 'l mal diletto?
Occhi, del mio signor facelle et arco,*

*doppiate fiamme a l'alma e strali al petto,
poich'il languir m'è dolce e l'ardor caro.*

Escusas do Nolano²⁰ às mais virtuosas e formosas damas

Oh, queridas e belas ninfas de Inglaterra,
não sois vós quem meu espírito desdenha
nem em vos humilhar também se empenha
pois quem de fêmeas vos chama, por certo erra.

Entre aquelas não contaís nem sois fraterna
pois como divas melhor me convindes, donzelas,
já que a natureza comum não vos governa,
e sois na terra como no céu as estrelas.

De vós, ó Damas, a beleza soberana
nosso rigor nem quer nem pode ferir,
pois não mira uma espécie sobre-humana.

Um longo arsênico se evola ao sair,
lá onde se divisa a única Diana,
que é entre vós o sol entre astros a luzir.

O engenho, as palavras em elzevir,²¹
ou ainda meu rabiscar em papel à parte,
vos farão reverências com estudo e arte.

²⁰ O próprio Bruno, nascido na cidade de Nola.

²¹ Livros editados pela família holandesa nos séculos XVI e XVII em toda a Europa.

Iscusazion del Nolano alle più virtuose e leggiadre dame.

*De l'Inghilterra o vaghe Ninfe belle
non voi ha nostro spirt' in schif' e sdegna;
né per mettervi giù suo stil s'ingegna,
se no convien che femine v'appelle.
Né computar, né eccetuar da quelle,
son certo que voi dive mi convegna:
se l'influsso commun in voi non regna,
e siete in terra quel ch'in ciel le stelle.*

*De voi, o Dame, la beltà sovrana
nostro rigor né morder può, né vuole,
che non fa mira specie sopr'umana.*

*Lunghi arsenico tal quindi s'invole
dove si scorge l'unica Diana
qua è tra voi quel che tra gli astri il sole.*

*L'ingegno, le parole
el mio qualumque sai vergar di carte
faranv'ossequios'il studio e l'arte.*

Tenho o coração em forma e lugar de Parnaso,
para onde convém, como refúgio, que eu monte;
são minhas musas e nelas penso em todo azo
pois que as belezas me põem defronte;
daí que tenha muito o semblante raso,
tantas lágrimas verto desta fonte;
por tal montanha, por suas águas e ninfas,
quis o céu que poeta me fizesse.
Mas nenhum poder régio,
ou auxílio de qualquer imperador
nem de sacerdote ou grão pastor
deram-me tal graça, honra e privilégio;
de louros me adornam, portanto,
meu coração, meu pensar e meu pranto.

*In luogo e forma di Parnaso ho 'l core
dove per scampo mio convien ch'io monte
son mie muse i pensier ch'a tutte l'ore
mi fan presenti le bellezze conte
onde sovente versan gli occhi fore
lacrime molte, ho l'Eliconio fonte
per tai montagne, per tai ninfe et acqui
com'há piacut' al ciel poeta nacqui
Or non alcun reggi
non favorevol man d'imperatore
non sommo sacerdot' e gran pastore
mi dien tai grazie, onori e privilegi
ma di lauro m'infronde
mio cor, gli miei pensieri e le mie onde.*

A outros oprima, ó minha inimiga sorte;
vai-te, Ciúme, deste mundo, por favor:
bem poderão com sua divina corte
tudo fazer a face nobre e o vago amor.
Que ele me tire da vida, ela da morte;
ela dá-me asas, ele abrasa-me forte;
ele me mata, ela faz a alma suave;
ela, meu sustento; ele, meu peso grave.
Mas o que digo do amor então,
se ele e ela são um sujeito ou forma,
se com o mesmo império e a mesma norma
fazem um só um traço em meu coração?
Assim, não são duas; é uma
a que faz alegre e triste minha fortuna.

*Premi (oimé) gli altri, o mia nemica sorte;
vatten via, Gelosia, dal mondo fore:
potran ben soli con sua diva corte
far tutto nobil faccia e vago amore.
Lui mi tolga di vita, lei di morte;
lei me l'impenne, lui brugge il mio core;
lui me l'ancide, lei ravvive l'alma;
lei mio sustegno, lui mia greve salma.
Ma che dich'io d'amore?
se lui e lei son um soggetto o forma,
se con medesm'imperio et una norma
fann' un vestigio al centro del mio core?
Non son doi dumque; è una
che fa gioconda e triste mia fortuna.*

Shakespeare (1564 – 1616)

Das criaturas mais justas, desejamos crescer
Para que nunca desfaleça a rosa da beleza,
Mas, se o mais velho há de com o tempo deceder,
Da memória pode o herdeiro manter a pureza.
Mas tu, jovem, preocupado com teus olhos brilhantes,
Alimentas a chama com a luz que de ti escoar,
Acarretando a fome onde os excessos são flagrantes,
Fazendo-te inimigo de tua doce pessoa.
Tu que és agora o aprazível ornamento do mundo
E único arauto da encantadora primavera.
Dentro de ti sepultas aquilo que é mais fecundo
E desperdiças com avareza o que mais se provera.
Apieda-te do mundo, ou te conserva glutão.
Procria, ou para a campa tudo levarás em vão.

*From fairest creatures we desire increase,
That thereby beauty's rose might never die,
But, as the riper should by time decease,
His tender heir might bear his memory.
But thou, contracted to thine own bright eyes,
Feed'st thy light's flame with self-substantial fuel,
Making a famine where abundance lies,
Thyself thy foe, to thy sweet self too cruel.
Thou that art now the world's fresh ornament
And only herald to the gaudy spring
Within thine own bud buriest thy content
And, tender churl, mak'st waste in niggarding.
Pity the world, or else this glutton be
To eat the world's due, by the grave and thee.*

Posso compará-la a um dia de verão?
Em ti a arte é mais branda e temperada:
Os ventos de maio agitam a floração,
Mas a época é curta e menos notada.
Às vezes, muito quente o céu resplandece
Mas não raro o dourado perde a clareza,
E sempre entre os bons tempos se enfraquece
Porque se desafeita o curso da natureza.
Mas não delirá teu eterno verão,
E desse tempo a posse não perderás,
Nem a morte te deseja em seu desvão.
Na eterna linha do tempo crescerás,
E podendo os homens respirar e ver
Enquanto isso durar, a vida hás de ter.

*Shall I compare thee to a summer's day?
Thou art more lovely and more temperate:
Rough winds do shake the darling buds of May,
And summer's lease hath all too short a date:
Sometime too hot the eye of heaven shines,
And often is his gold complexion dimmed,
And every fair from fair sometime declines,
By chance, or nature's changing course untrimmed:
But thy eternal summer shall not fade,
Nor lose possession of that fair thou ow'st,
Nor shall death brag thou wand'rest in his shade,
When in eternal lines to time thou grow'st,
So long as men can breathe or eyes can see,
So long lives this, and this gives life to thee.*

Quando quarenta invernos marcarem tua idade
E abrirem profundas rugas em tua beleza,
Os trajes de tua orgulhosa mocidade
Serão apenas andrajos e miudeza.
Indagada onde seus encantos estão,
E o tesouro dos dias de graça e verdor,
Dizer que para os olhos encovados vão
Seria uma vergonha e inútil louvor.
Quantos elogios mais tua beleza teria
Se pudesses responder: "Esta minha filha
conclui a conta", uma velha desculpa daria,
Provando, pela descendência, que ela brilha;
Isso faria reatar o velho fio
De um sangue quente, estando agora já frio.

*When forty winters shall besiege thy brow
And dig deep trenches in thy beauty's field,
Thy youth's proud livery, so gazed on now,
Will be a tattered weed of small worth held.
Then being asked where all thy beauty lies,
Where all the treasure of thy lusty days,
To say within thine own deep-sunken eyes
Were an all-eating shame and thriftless praise.
How much more praise deserved thy beauty's use
If thou couldst answer "This fair child of mine
Shall sum my count and make my old excuse,"
Proving his beauty by succession thine;
This were to be new made when thou art old
And see thy blood warm when thou feel'st it cold.*

Quando conto as horas do tempo assinalado
E vejo o dia mergulhado em noite horrenda,
Quando contemplo da violeta o passado
E os negros cachos que o cinza já cobre e adenda.
Quando vejo as árvores de folhas desprovidas,
Que ao rebanho protegiam com sombra franca,
E o verde do verão em gavelas reunidas,
Segue no funeral alguém de barba branca;
Pergunto sobre a tua beleza de hoje em dia,
Que pelas perdas do tempo irá definhar,
Pois que ao belo e ameno se renuncia
E morrem tão logo outros venham a brotar;
 Como nada perante o Tempo tem defesa
 Salvai a prole, antes de ires com certeza.

*When I do count the clock that tells the time
And see the brave day sunk in hideous night,
When I behold the violet past prime
And sable curls all silvered o'er with white;
When lofty trees I see barren of leaves,
Which erst from heat did canopy the herd,
And summer's green all girded up in sheaves
Borne on the bier with white and bristly beard;
Then of thy beauty do I question make
That thou among the wastes of time must go,
Since sweets and beauties do themselves forsake
And die as fast as they see others grow;
 And nothing 'gainst Time's scythe can make defense
 Save breed, to brave him when he takes thee hence.*

Quando imagino que tudo quanto cresce
Mantém sua perfeição só por um momento,
Que este enorme palco apenas aquiesce
Ao que nas estrelas provém de comento;
Percebo, como a planta, o homem ascender,
Sob o mesmo céu que tudo observa e anima
Ter seiva juvenil e após esmorecer,
Sem memória no duro estado que o vitima.
Assim, a presunção deste ser mutável
Fá-lo mais jovem diante de mim agora
Pois o tempo trata com a ruína inegável
Mudando a juventude em noite que apavora.
E, em guerra contra o tempo para te amar,
O que toma de ti, eu torno a semear.

*When I consider everything thar grows
Holds in perfection but a little moment,
That this huge stage presenteth nought but shows
Whereon the stars in secret influence comment;
When I perceive that man as plant increase,
Cheered and checked even by the selfsame sky,
Vaunt in their youthfull sap, at height decrease,
And wear their brave state out of memory;
Then the conceit of this inconstante stay
Sets you most rich in youth before my sight,
Where wasteful Time debateth with Decay
To change your day of youth to sullied night;
And, all in war with Time for love of you,
As he takes from you, I engraft you new.*

Quem depois acreditará no verso que digo
Se for ele preenchido com vossos desertos?
Embora saibam os céus, é apenas um jazigo,
Que tua vida esconde com traços incertos.
Se eu descrevesse a beleza dos vossos olhos
E contasse ainda a graça que de vós emana
Diria o futuro que "são apenas antolhos;
Traços celestiais nunca tocam a face humana".
Assim meus papéis, amarelados pela idade,
Seriam escornados como velhos mentirosos,
Como fúria de um poeta sem qualidade,
Exagero de antigos poemas engenhosos.
Mas vivendo ali um de vossos filhos, entanto,
Vivereis duas vezes - nele e neste meu canto.

*Who will believe my verse in time to come
If it were filled with your most high deserts?
Though yet, heaven knows, it is but as a tomb
Which hides your life and shows not half your parts.
If I could write the beauty of your eyes
And in fresh numbers number all your graces,
The age to come would say "This poet lies;
Such heavenly touches ne'er touched earthly faces".
So should my papers, yellowed with their age,
Be scorned, like old men of less truth than tongue,
And your true rights be termed a poet's rage
And stretchèd meter of an antique song.
But were some child of yours alive that time,
You should live twice - in it and in my rhyme.*

Sor Juana Inés de la Cruz (c. 1650 – 1694)

I

Finjamos por um momento que sou feliz,
triste Pensamento;
talvez possas persuadir-me,
ainda que eu saiba o contrário:
pois só na apreensão
dizem que se estribam os danos;
se vos imaginais ditoso,
não sereis tão desventurado.

Sirva-me o entendimento
alguma vez de descanso,
pois que nem sempre estive o engenho
com o proveito ao seu lado.

Todo o mundo opina
com pareceres tão vários,
que o que para um é negro,
outro testemunha ser branco.

Para uns serve de atrativo
o que para outro é enfado;
e o que para este é alívio,
aquele tem por trabalho.

Quem triste está censura
o alegre de leviano;
e o que está alegre zomba
ao ver o triste penando.

Os dois Filósofos Gregos
essa verdade bem provaram:
pois o que em um era riso,

em outro causava o pranto.²²

Célebre sua oposição
por séculos tem sido,
sem que o acerto
tenha sido averiguado;
antes, sob suas bandeiras,
o mundo todo alistado,
conforme o humor lhe dita,
segue cada um o seu bando.

Um diz que só de riso
é digno o mundo vário;
outro, que seus infortúnios
são só para ser chorados.

Para tudo se acha prova
e razão em que fundá-la;
e não há razão para nada
de haver razão para tanto.

Todos são juízes iguais;
e sendo iguais e vários
não há quem possa decidir
qual é o mais acertado.

Pois se não há quem o sentencie,
por que pensais vós, errado,
que a vós entregou Deus
a decisão dos casos?

Ou por que, contra vós mesmos,
severamente inumano,
entre o amargo e o doce
quereis eleger o amargo?

Se é meu o entendimento,
por que sempre hei de encontrá-lo
tão torpe para o alívio,

²² Trata-se do riso de Demócrito e do pranto de Heráclito.

e tão agudo para o dano?

O discurso é uma faca
que se usa de dois lados;
dá morte pela ponta,
e proteção pelo cabo.

Se vós, sabendo o perigo,
quereis pela ponta usá-lo,
que culpa tem o aço
do mau uso da mão?

Não é saber o saber fazer
discurso sutil e vão;
que o saber consiste apenas
em eleger o mais são.

Especular as desditas
e examinar os presságios
serve somente para que o mal
cresça por se antecipá-lo.

Nos trabalhos futuros,
o entendimento, se fazendo sutil,
ou mais formidável que o risco,
costuma fingir ameaça.

Que feliz é a ignorância
de quem, indoutamente sábio,
vê o que lhe falta
naquilo que ignora, o sagrado!

Nem sempre sobem seguros
voos de engenho ousado,
que buscam o trono no fogo
e acham sepulcro no pranto.

Também é vício o saber:
que se não se vai cortando,
quando menos se conhece,
mais nocivo é o estrago;

E se o voo não se lhe abate,

por sutilezas cevado,
ao cuidar do curioso
esquece o necessário.

Se a mão culta não impede
crescer a árvore copada,
retira a substância do fruto
a loucura dos galhos.

Se andar a nave ligeira
não estorva o lastro pesado,
serve o voo para que seja
o precipício mais alto.

Em amenidade inútil,
que importa ao campo florido
se não há fruto no outono,
ou que ostente flores maio?

De que serve ao engenho
produzir muitos partos,
se à quantidade sobrevém
o malogro de abortá-los?

E a essa infelicidade, por força,
há de se seguir o fracasso
de ficar o que produz,
senão morto, magoado.

O engenho é como o fogo:
que com a matéria ingrato,
tanto mais a consome,
ostenta-se mais claro.

É de seu próprio Senhor
tão rebelado vassalo,
que converte em suas ofensas
as armas de seu resguardo.

Este péssimo exercício,
este duro afã pesado,
aos filhos dos homens

deu Deus para exercitá-los.

Que louca ambição nos leva
a esquecermo-nos de nós mesmos?

Se é para viver tão pouco,
de que serve saber tanto?

Oh, como há o de saber,
houvesse algum seminário
ou escola onde ignorar
se ensinassem os trabalhos!

Que felizmente vivesse
aquele que, frouxamente cauto,
zombasse das ameaças
das influências dos astros!

Aprendamos a ignorar,
Pensamento, pois achamos
que o que acresço ao discurso,
o mesmo lhe usurpo aos anos.

*Finjamos que soy feliz,
triste pensamiento, un rato;
quizá prodréis persuadirme,
aunque yo sé lo contrario,
que pues sólo en la aprehensión
dicen que estriban los daños,
si os imagináis dichoso
no seréis tan desdichado.
Sírname el entendimiento
alguna vez de descanso,
y no siempre esté el ingenio
con el provecho encontrado.
Todo el mundo es opiniones
de pareceres tan varios,
que lo que el uno que es negro
el otro prueba que es blanco.
A unos sirve de atractivo
lo que otro concibe enfado;
y lo que éste por alivio,
aquél tiene por trabajo.
El que está triste, censura
al alegre de liviano;
y el que esta alegre se burla
de ver al triste penando.
Los dos filósofos griegos
bien esta verdad probaron:
pues lo que en el uno risa,
causaba en el otro llanto.
Célebre su oposición
ha sido por siglos tantos,*

*sin que cuál acertó, esté
hasta agora averiguado.
Antes, en sus dos banderas
el mundo todo alistado,
conforme el humor le dicta,
sigue cada cual el bando.
Uno dice que de risa
sólo es digno el mundo vario;
y otro, que sus infortunios
son sólo para llorados.
Para todo se halla prueba
y razón en qué fundarlo;
y no hay razón para nada,
de haber razón para tanto.
Todos son iguales jueces;
y siendo iguales y varios,
no hay quien pueda decidir
cuál es lo más acertado.
Pues, si no hay quien lo sentencie,
¿por qué pensáis, vos, errado,
que os cometió Dios a vos
la decisión de los casos?
O ¿por qué, contra vos mismo,
severamente inhumano,
entre lo amargo y lo dulce,
queréis elegir lo amargo?
Si es mío mi entendimiento,
¿por qué siempre he de encontrarlo
tan torpe para el alivio,
tan agudo para el daño?
El discurso es un acero
que sirve para ambos cabos:
de dar muerte, por la punta,
por el pomo, de resguardo.*

*Si vos, sabiendo el peligro
queréis por la punta usarlo,
¿qué culpa tiene el acero
del mal uso de la mano?
No es saber, saber hacer
discursos sutiles, vanos;
que el saber consiste sólo
en elegir lo más sano.
Especular las desdichas
y examinar los presagios,
sólo sirve de que el mal
crezca con anticiparlo.
En los trabajos futuros,
la atención, sutilizando,
más formidable que el riesgo
suele fingir el amago.
Qué feliz es la ignorancia
del que, indoctamente sabio,
halla de lo que padece,
en lo que ignora, sagrado!
No siempre suben seguros
vuelos del ingenio osados,
que buscan trono en el fuego
y hallan sepulcro en el llanto.
También es vicio el saber,
que si no se va atajando,
cuando menos se conoce
es más nocivo el estrago;
y si el vuelo no le abaten,
en sutilezas cebado,
por cuidar de lo curioso
olvida lo necesario.
Si culta mano no impide
crecer al árbol copado,*

quita la sustancia al fruto
la locura de los ramos.
Si andar a nave ligera
no estorba lastre pesado,
sirve el vuelo de que sea
el precipicio más alto.
En amenidad inútil,
¿qué importa al florido campo,
si no halla fruto el otoño,
que ostente flores el mayo?
¿De qué sirve al ingenio
el producir muchos partos,
si a la multitud se sigue
el malogro de abortarlos?
Y a esta desdicha por fuerza
ha de seguirse el fracaso
de quedar el que produce,
si no muerto, lastimado.
El ingenio es como el fuego,
que, con la materia ingrato,
tanto la consume más
cuando él se ostenta más claro.
Es de su propio Señor
tan rebelado vasallo,
que convierte en sus ofensas
las armas de su resguardo.
Este pésimo ejercicio,
este duro afán pesado,
a los ojos de los hombres
dio Dios para ejercitarlos.
¿Qué loca ambición nos lleva
de nosotros olvidados?
Si es para vivir tan poco,
¿de qué sirve saber tanto?

*¡Oh, si como hay de saber,
hubiera algún seminario
o escuela donde a ignorar
se enseñaran los trabajos!
¡Qué felizmente viviera
el que, flojamente cauto,
burlara las amenazas
del influjo de los astros!
Aprendamos a ignorar,
pensamiento, pues hallamos
que cuanto añadido al discurso,
tanto le usurpo a los años.*

II

Homens néscios que acusais
à mulher sem razão,
sem ver que sois a ocasião
daquilo que culpais.

Se com ânsia sem igual
solicitais seu desdém,
por que quereis que ajam bem,
se as impelis ao mal?

Combateis sua resistência
e logo, com gravidade,
dizeis ser leviandade
o que se fez com diligência.

Quer parecer o denodo assaz
de vosso louco enredo
ao da criança, que monstro se faz
para em seguida ter-lhe medo.

Quereis, com presunção néscia,
achar o que buscais:
para noiva, Lucrécia,
Taís para os bacanais.

Que humor pode ser mais raro
este que, falta de conselho,
ele mesmo embaça o espelho
pois não lhe permite ser claro!

Com o fervor e o desdém
tereis condição igual:
queixando-vos, se vos tratam mal,
zombando, se vos querem bem.

Nenhuma opinião é bastante,
pois a que mais se recata
se não vos admite, é ingrata,

e se vos admite, é inconstante.

Sempre tão tolos andais
Que, sem balança e fiel,
de uma dizeis ser cruel
e a outra por fácil culpais.

Pois como há de estar temperada
a que vosso amor pretende,
se a que é ingrata, ofende,
e sendo fácil, enfada?

Mas entre o enfado e a pena,
que vosso gosto deplora,
bem há quem vos condena
e de vós se queixa em boa hora.

Vossas amantes dão asas
às suas muitas liberdades,
e depois de fazê-las más,
nelas quereis achar bondades.

Quem mais culpa tem tido
em uma paixão errada:
aquela que cai de rogada,
ou a que roga por ter caído?

Ou a quem mais culpar,
por qualquer preço oferecido:
a que peca por ter recebido,
ou o que paga para pecar?

Por que então vos espantar
da culpa que carregais?
Tendes como as quisestes criar
ou as criastes como bem imaginais.

Deixai de tanto exigir
e depois, com mais razão,
acusareis a afeição
daquela que vos for pedir.

Com armas de golpe fundo

combate vossa arrogância,
pois com promessa e instância
juntais o diabo, a carne e o mundo.

*Hombres necios que acusáis
a la mujer sin razón,
sin ver que sois la ocasión
de lo mismo que culpáis:
si con ansia sin igual
solicitáis su desdén,
¿por qué queréis que obren bien
si las incitáis al mal?
Combatís su resistencia
y luego, con gravedad,
decís que fue liviandad
lo que hizo la diligencia.
Parecer quiere el denuedo
de vuestro parecer loco,
al niño que pone el coco
y luego le tiene miedo.
Queréis, con presunción necia,
hallar a la que buscais,
para pretendida, Tais,
y en la posesión, Lucrecia.
¿Qué humor puede ser más raro
que el que, falto de consejo,
él mismo empaña el espejo,
y siente que no esté claro?
Con el favor y el desdén
tenéis condición igual,
quejandos, si os tratan mal,
burlandoos, si os quieren bien.*

*Opinión, ninguna gana;
pues la que más se recata,
si no os admite, es ingrata,
y si os admite, es leviana.
Siempre tan necios andáis
Que, com desigual nivel,
a una culpáis por cruel
y a outra por fácil culpáis.
¿Pues como ha de estar templada
la que vuestro amor pretende,
si la que es ingrata, ofende,
y la que es fácil, enfada?
Mas entre el enfado y pena
que vuestro gusto refiere,
bien haya la que no os quiere
y que jaos em hora buena.
Dan vuestras amantes penas
a sus libertades alas,
y después de hacerlas malas
las quereis hallar muy buenas.
¿Cuál mayor culpa ha tenido
en uma pasión errada,
la que cae derogada
o el que ruega de caído?
O cuál es más de culpar,
Aunque cualquiera mal haga:
la que peca por la paga,
o el que paga por pecar?
Pues, ¿para qué os espantáis
de la culpa que tenéis?
Queredlas cual las hacéis
o hacedlas cual las buscais.
Dejar de solicitar,
y despúés, con más razón,*

*acusaréis la afición
de la que os fuere a rogar.
Bien con muchas armas fundo
que lidia vuestra arrogância,
pues em promessa e instancia
Juntáis diablo, carne y mundo.*

III - Retrato

Este que vês, engano colorido,
que ostenta das artes os primores,
com falsos silogismos de cores,
é o cauteloso engano do sentido.

Este a quem o elogio fingido
quis desculpar dos anos os horrores
e, vencendo do tempo os rigores,
triunfar da velhice e do olvido,

é um artifício vão de cuidado,
é uma flor ao vento delicada,
é um resguardo inútil para o fado,
é uma néscia diligência errada,
é um afã caduco e, bem olhado,
é cadáver, é pó, é sombra, é nada.

*Este que ves, engaño colorido,
que, del arte ostentando los primores,
con falsos silogismos de colores
es cauteloso engaño del sentido;
éste, en quien la lisonja ha pretendido
excusar de los años los horrores,
y venciendo del tiempo los rigores
triunfar de la vejez y del olvido,
es un vano artificio del cuidado,
es una flor al viento delicada,
es un resguardo inútil para el hado:
es una necia diligencia errada,
es un afán caduco y, bien mirado,
es cadáver, es polvo, es sombra, es nada.*

IV

Rosa divina que em gentil cultura
és com aromática sutileza
magistério purpúreo da beleza,
alvíssimo ensino da formosura;
 âmago da humana arquitetura,
exemplo da inútil gentileza,
em cujo ser uniu a natureza
o berço alegre e a triste sepultura.

Quão altiva, e com pompa presumida,
desdenhas o risco de tuas sinas
e logo, desmaiada e encolhida,
 com teu caduco ser iluminas,
a grave, doura morte e a néscia vida,
pois vivendo enganas e, ao morrer, ensinas.

*Rosa divina que en gentil cultura
eres con tu fragante sutileza
magisterio purpúreo en la belleza,
enseñanza nevada a la hermosura;
amago de la humana arquitectura,
ejemplo de la vana gentileza
en cuyo ser unió naturaleza
la cuna alegre y triste sepultura:
¡cuán altiva en tu pompa, presumida,
soberbia, el riesgo de morir desdeñas;
y luego, desmayada y encogida,
de tu caduco ser das mustias señas!
¡Con qué, con docta muerte y necia vida,
viviendo engañas y muriendo enseñas!*

V

Se os riscos do mar considerasse,
ninguém o vendo embarcaria,
nem ao perigo se atreveria
quem um bravo touro provocasse.

Se do fogoso bruto ponderasse
a fúria desabrida da investida,
cavaleiro nenhum nesta corrida
bom juízo teria se o enfrentasse.

Mas se alguém tão ousado ainda houvesse
que o carro veloz de luz banhado
do divo Apolo governar quisesse
 não estaria tão comprometida
como se o hábito houvesse tomado
e com fé o mantivesse toda a vida.

*Si los riesgos del mar considerara
ninguno se embarcara, si antes viera
bien su peligro, nadie se atreviera,
ni al bravo toro osado provocara.
Si del fogoso bruto ponderara
la furia desbocada en la carrera,
el jinete prudente, nunca hubiera,
quien con discreta mano le enfrenara.
Pero si hubiera algo tan osado,
que, no obstante el peligro, al mismo Apolo
quisiera gobernar con atrevida
mano, el rápido carro en luz bañado
todo lo hiciera, y no tomara sólo
estado, que ha de ser toda la vida.*

Johann W. von Goethe (1749-1832)

*Sobre todo cimo há calma*²³

Sobre todo cimo
Há uma calma presente;
Em todo cimo
Mal se pressente
A brisa em seu vai-e-vem;
Os passarinhos se calam na mata.
Apenas espera a hora exata
E te acalmarás também.

*Über allen Gipfeln
Ist Ruh',
In allen Wipfeln
Spürest Du
Kaum einen Hauch;
Die Vögelein schweigen im Walde.
Warte nur! Balde
Ruhest du auch.*

²³ Uma das mais dissimuladas poesias sobre a morte.

O Aprendiz de Feiticeiro (ou O Mágico Aprendiz)²⁴

O velho feiticeiro
um dia foi-se embora!
E seu espírito sobranceiro
vive segundo minha vontade agora.
Suas palavras e obras
e ainda o costume a todos abraço,
e com a força do espírito
Maravilhas também faço.

Ondula e vá em frente!
Muita distância,
e com constância,
percorre a água
e só em grande torrente
no banho deságua.

E agora venha, velha vassoura!
Pegue os trapos de despejo
Que há tempo és serva e moura;
E satisfaz meu desejo!
Ergue-te sob meu condão
Tendo acima uma cabeça;
Vá, antes que anoiteça,
Com água e balde na mão.

Ondula e vá em frente!
Muita distância,
e com constância,
percorre a água
e só em grande torrente
no banho deságua.

Olhai, ela corre para a beira.
E no rio já se encontra, de verdade;
Veloza como raio ou corredeira
aqui verte água à saciedade.
Já pela segunda vez!
Como se enche a bacia,
como cada balde, vês?,
de água nunca se esvazia.

De pé! De pé!

²⁴ Poema que serviu a Paul Dukas para sua composição e que foi incluída no filme Fantasia, de Disney.

Pois já medimos seus dons
que são muitos e bons
nesta nova lavra.
Infelizmente, por minha fé!
Esqueci a palavra!

Ah, a palavra, que por fim
a fará ser o que era.
Ela corre e traz água sem-fim!
A velha vassoura se destempera!
Novas ondas a fios
ela porta com rapidez
e uma centena de rios
Me lavam de uma só vez.

Não, foi longe demais
devo pegá-la;
tenho de agarrá-la.
Isso é traição!
Ah! sinto-me inquieto cada vez mais!
Que olhar! Que expressão!

Ó coisa infernal!
Deve a casa inteira afogar-se?
Eu vejo acima de cada umbral,
onde a torrente está a derramar-se.
Uma vassoura enlouquecida
que não quer ouvir!
Se de ser pau estás esquecida,
volta novamente a servir!

Não pretendes ao fim
renunciar?
Quero te pegar,
quero te prender
e a velha madeira enfim
com o machado fender.

Vede, se arrastando vem novamente!
Sobre ti me jogo ao chão,
e te ponho por baixo, duende;
a lâmina precisa te parte então.
Verdadeiramente bem contida!
Agora posso esperar,
que em dois estás dividida,
e livremente respirar!

Ai! Ai!
Os dois pedaços
se postam rapidamente

como criados devassos,
espichados completamente!
Ajudem-me, oh! grandes poderes!

E se põem a correr! Mais molhadas
se tornam as escadas e a sala.
Que águas terríveis derramadas!
Senhor e Mestre! Vem e fala!
Ah, eis aí o Senhor!
Mestre, é grande a necessidade!
Os espíritos de que pude dispor
deles não me livro com facilidade.

- “Para o canto,
Vassoura, vassoura.
Boas fizestes, caloura.
Mas só gênios, neste ramo,
pode convocar, por enquanto,
este velho mestre e amo”.

Der Zauberlehrling

*Hat der alte Hexenmeister
sich doch einmal wegbegeben!
Und nun sollen seine Geister
auch nach meinem Willen leben.
Seine Worten und Werke
Merkt ich und den Brauch,
und mit Geistesstärke
tu ich Wunder auch.*

*Walle! Walle!
Manche Strecke,
dass, zum Zwecke,
Wasser fliesse
und mit reichem, vollem Schwalle
zu dem Bade sich ergiesse.*

*Und nun komm, du alter Besen!
Nimm die schlechten Lumpenhüllen;
Bist schon lange Knecht gewesen;
Nun erfülle meinen Willen!
Auf zwei Beinen stehe,
Oben sei ein Kopf,
Eile nun und gehe
mit dem Wassertopf!*

*Walle! Walle!
Manche Strecke,
dass, zum Zwecke,
Wasser fliesse
und mit reichem, vollem Schwalle
zu dem Bade sich ergiesse.*

*Seht, er läuft zum Ufer nieder;
Wahrlich! ist schon an dem Flusse,
und mit Blitzesschnelle wieder
ist er hier mit raschem Gusse.
Schon zum zweiten Male!
Wie das Becken schwillt!
Wie sich jede Schale
voll mit Wasser füllt!*

Stehe! Stehe!

Denn wir haben
deiner Gaben
vollgemessen! -
Ach, ich merk es! Wehe! wehe!
hab ich doch das Wort vergessen!

Ach, das Wort, worauf am Ende
er das wird, was er gewesen.
Ach, er läuft und bringt behende!
Wärst du doch der alte Besen!
Immer neue Güsse
bringt er schnell herein.
Ach! und hundert Flüsse
stürzen auf mich ein.

Nein, nicht länger
kann ich's lassen;
Will ihn fassen.
Das ist Tücke!
Ach! nun wird mir immer bänger!
Welche Miene! welche Blicke!

O du Ausgeburd der Hölle!
Soll das ganze Haus ersaufen?
Seh ich über jede Schwelle
doch schon Wasserströme laufen.
Ein verruchter Besen,
der nicht hören will!
Stock, der du gewesen,
steh doch wieder still!

Willst's am Ende
gar nicht lassen?
Will dich fassen,
will dich halten
und das alte Holz behende
mit dem scharfen Beile spalten.

Seht, da kommt er schleppend wieder!
Wie ich mich nur auf dich werfe,
gleich, o Kobold, liegst du nieder;
Krachend trifft die glatte Schärfe.
Wahrlich! brav getroffen!
Seht, er ist entzwei!
Und nun kann ich hoffen,
und ich atme frei!

*Wehe! Wehe!
Beide Teile
stehn in Eile
schon als Knechte
völlig fertig in die Höhe!
Helft mir, ach! ihr hohen Mächte!*

*Und sie laufen! Nass und nasser
wird's im Saal und auf den Stufen.
Welch entsetzliches Gewässer!
Herr und Meister! hör mich rufen! -
Ach, da kommt der Meister!
Herr, die Not ist gross!
Die ich rief, die Geister,
werd ich nun nicht los.*

*"In die Ecke,
Besen! Besen!
Seid's gewesen.
Denn als Geister
ruft euch nur, zu seinem Zwecke,
erst hervor der alte Meister".*

Ziblis (um conto e canção)

Trazidos vossos livros,
Meninas, sentai-vos comigo,
Ninguém aqui perturba nossa paz.
Vede, chega a primavera, que bendigo,
A que desperta flores e canções, vos digo.
E para homenageá-la, ouvi como se faz.

Desejam as mães sábias advertir:
"Meninas, fujam das artimanhas do mundo".
E mesmo assim vos deixais seduzir!
Deveis por isso um exemplo ouvir,
Por ser ele mais fecundo.

Ziblis, jovem e bela,
Ao amor e à ternura cedia,
Para evitar a rude inclinação, nada singela;
Nem todo amor à virtude anela,
A caça era sua alegria.

Quando no fundo dos arbustos
Cantava, despreocupada e feliz,
Como um cadáver empalideceu,
Pois de um carvalho irrompeu
Um numecórneo a mostrar-lhe o cariz.

O monstro ri afetuosamente,
Ziblis vira seu rostinho,
corre, mas o cornudo pretendente
segue-lhe como um fogo saltitante
e grita: "Ó, não me deixe sozinho!"

Gritos nunca podem ser dominados.
Ela corria mais rápido e ele a seguia.
Finalmente, chegou ela aos campos
ali onde, de tílias povoados,
Emiren sobre a água se estendia.

"Ajuda-me!", gritou. Ele, cheio de alegria,
tão logo a ninfa contemplou,
pôs-se de pé e para a luta armado
com o galho de um salgueiro tombado
estava quando o numecórneo chegou.

Este se pôs a escarnecer,
E rapidamente do duelo não se abstém.

Ela estremece por Emiren.
O coração da beleza há de bater
e estará sempre ao lado do bem.

Para zombar de seu inimigo,
agita o pé, o braço e a mão,
mas logo empurra e se estira.
O amor fortalece os nervos e a ira,
e estavam ambos sob o fogo da paixão.

O fauno, enfim, se vê na areia afundar,
atingido que foi por um golpe certo.
De modo atroz, o nume gesticula;
Emiren, para dele se livrar,
o atira então ao lago mais perto.

Ziblis jazia de olhos morrediços
quando ali chegou o campeão.
Teria sucesso em sua ajuda?
As jovens são dúbias em seus feitiços,
por vezes a doença é simples diversão.

Ela se ergue. Vida nova.
E dá-lhe um beijo igualmente.
Mas, quem já fez a prova
não anseia por outra nova?
A um conto de fadas parece evidente.

Basta esperar. Os beijos se seguiram,
cem vezes mais; davam-lhes prazer.
Sim, um sabor doce sentiram
E em Ziblis estes foram,
de verdade, os primeiros. Podeis crer.

Eis por que sorvia longamente
para mais ansiosa tornar-se.
Embragados de prazer, finalmente,
chegou Emiren à conquista,
como não é difícil imaginar-se.

Jovens, nunca temais pessoas rudes,
da volúpia cortejadores.
Aqueles que em trajes reverentes
conversam cheios de alegria e solitudes,
temei, sim, meninas, por seus humores.

Observai, pois não são simples distrações.
Mais vale ser sábio do que frio e grave.
Cuidai sempre de vossos corações.
Tendo uma vez aquele que serve às razões

do outro, ah, em breve tereis a chave.

Ziblis (eine Erzählung und Lied)

*Es nannten ihre Bücher
Mädchen, setzt euch zu mir nieder,
Niemand stört hier unsre Ruh,
Seht, es kommt der Frühling wieder,
Weckt die Blumen und die Lieder,
Ihn zu ehren, hört mir zu.*

*Weise, strenge Mütter lehren:
"Mädchen, flieht der Männer List!"
Und doch lasst ihr euch betören!
Hört, ihr sollt ein Beispiel hören,
Wer am meisten furchtbar ist.*

*Ziblis, jung und schön, zur Liebe,
Zu der Zärtlichkeit gemacht,
Floh aus rauem, wilden Triebe,
Nicht aus Tugend alle Liebe,
Ihre Freude war die Jagd.*

*Als sie einst tief im Gesträuche
Sorglos froh ein Liedchen sang,
Ward sie blass wie eine Leiche,
Da aus einer alten Eiche
Ein gehörnter Waldgott sprang.*

*Zärtlich lacht das Ungeheuer,
Ziblis wendet ihr Gesicht,
Läuft, doch der gehörnte Freier
Springt ihr wie ein hüpfend Feuer
Nach und ruft: "O flieh mich nicht!"*

*Schrei'n kann niemals überwinden.
Sie lief schneller, er ihr nach.
Endlich kam sie zu den Gründen,
Da, wo unter jungen Linden
Emiren am Wasser lag.*

*"Hilf mir!" rief sie. Er, voll Freude,
Dass er so die Nymphe sah,
Stand bewaffnet zu dem Streite
Mit dem Ast der nächsten Weide,
Als der Waldgott kam, schon da.*

Der trat näher, ihn zu höhnen,
Und ging schnell den Zweikampf ein.
Sie erbebt für Emirenen.
Immer wird das Herz der Schönen
Auf des Schönen Seite sein.

Seinen Feind im Sand zu höhnen,
Regt sich Fuß und Arm und Hand,
Bald mit Stoßen, bald mit Dehnen.
Liebe stärkt die Kraft der Sehnen,
Beide waren gleich entbrannt.

Endlich sinkt der Faun zur Erden,
Denn ihn traf ein harter Streich.
Grässlich zerrt er die Gebärden;
Emiren, ihn loszuwerden,
Wirft ihn in den nächsten Teich.

Ziblis lag mit matten Blicken,
Da der Sieger kam, im Gras.
Wird's ihm, ihr zu helfen, glücken?
Leicht sind Mädchen zu erquicken,
Oft ist ihre Krankheit Spaß.

Sie erhebt sich. Neues Leben
Gibt ein heißer Kuss ihr gleich.
Doch, der einen schon gegeben,
Sollte nicht nach mehrern streben?
Das sieht einem Märchen gleich.

Wartet nur. Es folgten Küsse
Hundertweis; sie schmeckten ihr.
Ja, die Mäulchen schmecken süße.
Und bei Ziblis waren diese
Gar die ersten. Glaubt es mir.

Darum sog mit langen Zügen
Sie begierig immer mehr.
Endlich trunken von Vergnügen,
Ward dem Emiren das Siegen,
Wie ihr denken könnt, nicht schwer.

Mädchen, fürchtet rauer Leute
Buhlerische Wollust nie.
Die im ehrfurchtsvollen Kleide
Viel von unschuldsvoller Freude
Reden, Mädchen, fürchtet die.

*Wacht, denn da ist nichts zu scherzen.
Seid viel lieber klug als kalt.
Zittert stets für eure Herzen.
Hat man einmal diese Herzen,
Ha! Das andre hat man bald.*

O Rei dos Elfos (Balada)

Quem cavalga tão tarde por noite e vento?
É o pai com seu filho e alento;
Ele tem o menino seguro no braço,
E o contém firme, no morno regaço.

"Meu filho, que medo teu rosto abriga?
"Não vês, pai, que o rei dos Elfos nos siga?
"O rei com sua coroa e a cauda fina"?
"Meu filho, é um filete de neblina".

"Ó bela criança, pois vem, vem comigo!
Jogos bem agradáveis jogarei contigo;
Na praia, há muitas flores matizadas
E minha mãe tem roupas douradas".

"Meu pai, meu pai, tu não podes ouvir
O que o rei dos Elfos promete cumprir?"
"Calma, tenha calma, minha criança;
É o vento, que de soprar folhas não se cansa".

"Queres tu vir comigo, menino?
Minhas filhas já por ti esperam, pequenino;
Elas regerão os cordões noturnos,
Para ti dançarão e cantarão aos turnos".

"Papai, meu pai, não vês na beira do rio
As filhas do rei naquele lugar sombrio?"
"Meu filho, posso vê-las de modo isento:
É o brilho de um velho salgueiro cinzento".

"Eu te amo, e a bela forma de teu ser;
Se não és solícito, usarei meu poder".
"Papai, papai, ele toca meu corpo afinal,
O rei dos Elfos me fez um grande mal!".

O pai horroriza-se, cavalga veloz e treme,
Segura nos braços o filho que apenas geme,
Chega à casa, com pesar, e nada o reconforta;
Em seus braços a criança já estava morta.

Der Erbkönig (Ballade)

*Wer reitet so spät durch Nacht und Wind?
Es ist der Vater mit seinem Kind;
Er hat den Knaben wohl in dem Arm,
Er faßt ihn sicher, er hält ihn warm.*

*"Mein Sohn, was birgst du so bang dein Gesicht?"
"Siehst, Vater, du den Erbkönig nicht?
Den Erlenkönig mit Kron' und Schweif?"
"Mein Sohn, es ist ein Nebelstreif."*

*"Du liebes Kind, komm, geh mit mir!
Gar schöne Spiele spiel' ich mit dir;
Manch' bunte Blumen sind an dem Strand,
Meine Mutter hat manch gülden Gewand." –*

*"Mein Vater, mein Vater, und hörest du nicht,
Was Erlenkönig mir leise verspricht?" –
"Sei ruhig, bleibe ruhig, mein Kind;
In dürren Blättern säuselt der Wind." –*

*"Willst, feiner Knabe, du mit mir gehn?
Meine Töchter sollen dich warten schön;
Meine Töchter führen den nächtlichen Reihn,
Und wiegen und tanzen und singen dich ein." –*

*"Mein Vater, mein Vater, und siehst du nicht dort
Erlkönigs Töchter am düstern Ort?" –
"Mein Sohn, mein Sohn, ich seh' es genau:
Es scheinen die alten Weiden so grau. –"*

*"Ich liebe dich, mich reizt deine schöne Gestalt;
Und bist du nicht willig, so brauch' ich Gewalt." –
"Mein Vater, mein Vater, jetzt faßt er mich an!
Erlkönig hat mir ein Leids getan!" –*

*Dem Vater grauset's; er reitet geschwind,
Er hält in Armen das ächzende Kind,
Erreicht den Hof mit Mühe und Not;
In seinen Armen das Kind war tot.*

Bem-vindo e adeus

Veloz, como a cavalgar, meu coração batia!
Agia assim quase como pensara.
A noite já embalara a terra fria,
E nas montanhas a noite se pendurara;
O carvalho estava já de névoa vestido,
Um gigante que ali se erguia,
Onde, na escuridão dos arbustos,
Uma centena de olhos negros via.

A lua, de uma colina enevoadas,
Parecia lastimosa por detrás do odor sentido;
As asas do vento vibraram em revoada
Passando arrepiantemente em meu ouvido.
A noite mil monstros concebeu,
Mas era fresco e jovial meu destemor:
Um fogo minhas veias percorreu!
E meu coração era todo fervor!

Eu te vi, e uma clemente alegria
Escorreu sobre mim deste olhar;
Meu coração estava ao teu lado
E cada respiro nutria teu respirar.
Um clima de primavera cor-de-rosa
Envolveria o rosto encantador,
E da ternura, oh deuses!, para mim venturosa,
Que tanto esperava, não sou merecedor!

Mas ai, já com o sol da manhã
A despedida meu coração transfigura:
Em teus beijos, quanta delícia e afã!
Mas em teu olhar, quanta amargura!
Eu me fui, tu ficaste apegada à terra,
E me olhaste com olhos úmidos de saudade:
Mas que júbilo ser amado encerra!
E o amor, oh deuses, que felicidade!

Willkommen und Abschied

*Es schlug mein Herz, geschwind zu Pferde!
Es war getan fast eh gedacht.
Der Abend wiegte schon die Erde,
Und an den Bergen hing die Nacht;
Schon stand im Nebelkleid die Eiche,
Ein aufgetürmter Riese, da,
Wo Finsternis aus dem Gesträuche
Mit hundert schwarzen Augen sah.*

*Der Mond von einem Wolkenhügel
Sah kläglich aus dem Duft hervor,
Die Winde schwangen leise Flügel,*

Os Gritos (segundo os italianos)

Noutro dia, esgueirei-me atrás de minha menina
E, sem impedimentos,
No bosque a envolvi; ela me disse, ladina:
- "Deixe-me em paz, senão grito aos quatro ventos".

Então ameacei, com ar obstinado:
- "Mato aquele que nos perturbar".
- "Quieto, querido, ela me acena e diz com cuidado,
- Para ninguém te escutar".

Das Schreien (*nach dem Italienischen*)

*Jüngst schlich ich meinem Mädchen nach,
Und ohne Hindernis
Umfasst ich sie im Hain; sie sprach:
"Lass mich, ich schrei gewiss".*

*Da droht ich trotzig: "Ha, ich will
Den töten, der uns stört".
"Still, winkt sie lispelnd, Liebster, still,
Damit dich niemand hört".*

Prometeu (Balada)

Cubra teu céu, Zeus,
Com neblina e névoa!
E se exercite, como os jovens,
Na excisão dos cardos,
Junto aos teus carvalhos e cristas montanhosas!
Deves dar-me a minha terra,
Deixando-a subsistir,
Como também minha cabana
Que não construístes,
E minha lareira,
Cujas brasas
Tu invejas.

Nada conheço de mais pobre
Sob o sol do que vós, deuses.
Vós alimentais miseravelmente
Vossa Majestade
De sacrifícios
E do hálito das preces.
Viveríeis indigentes não fossem
As crianças e mendigos,
Tolos cheios de esperanças.

Desde criança,
Meu olhar errante
Não soube de onde sair, para onde ir
Para o sol, como se acima houvesse,
Um ouvido que meu lamento escutasse,
Um coração como o meu,
Para apiedar-se dos aflitos.

Quem ajudou-me contra
A arrogância dos Titãs?
Quem me salvou da morte,
Da escravidão?
Tu não concluíste tudo isso por ti,
Sagrado e ardente coração?
E abrasavas, jovem e bom,
Rendendo graças à salvação
Ao adormecido nas alturas?

Devo honrar-te? Pelo quê?
Já aliviaste as dores
alguma vez dos oprimidos?
Já estancaste alguma vez
As lágrimas dos aflitos?

Não me forjou homem
O tempo todo-poderoso
E o eterno destino,
Ambos meus senhores e teus?

Supuseste então
Que eu deveria odiar a vida
E para os desertos fugir
Porque nem todos os sonhos floridos
de minhas infantes manhãs madureceram?

Aqui me sento, moldando os homens
À minha própria imagem,
Uma linhagem que seja a mim semelhante,
Para sofrer e chorar,
Para desfrutar e se regozijar,
E não te respeitar,
Como eu.

Prometheus (Ballad)

*Bedecke deinen Himmel, Zeus,
Mit Wolkendunst!
Und übe, Knaben gleich,
Der Disteln köpft,
An Eichen dich und Bergeshöhn!
Musst mir meine Erde
Doch lassen stehn,
Und meine Hütte,
Die du nicht gebaut,
Und meinen Herd,
Um dessen Glut
Du mich beneidest.*

*Ich kenne nichts Ärmeres
Unter der Sonn als euch Götter.
Ihr nähret kümmerlich
Von Opfersteuern
Und Gebetshauch
Eure Majestät
Und darbtet, wären
Nicht Kinder und Bettler
Hoffnungsvolle Toren.*

*Da ich ein Kind war,
Nicht wusste, wo aus, wo ein,
Kehrte mein verirrtes Aug
Zur Sonne, als wenn drüber wär
Ein Ohr zu hören meine Klage,
Ein Herz wie meins,
Sich des Bedrängten zu erbarmen.*

*Wer half mir wider
Der Titanen Übermut?
Wer rettete vom Tode mich,
Von Sklaverei?
Hast du's nicht alles selbst vollendet,
Heilig glühend Herz?
Und glühtest, jung und gut,
Betrogen, Rettungsdank
Dem Schlafenden da droben?*

*Ich dich ehren? Wofür?
Hast du die Schmerzen gelindert
Je des Beladenen?
Hast du die Tränen gestillet
Je des Geängsteten?*

*Hat nicht mich zum Manne geschmiedet
Die allmächtige Zeit
Und das ewige Schicksal,
Meine Herren und deine?*

*Wähtest du etwa,
Ich sollte das Leben hassen,
In Wüsten fliehn,
Weil nicht alle Knabenmorgen-
Blütenträume reifen?*

*Hier sitz ich, forme Menschen
Nach meinem Bilde,
Ein Geschlecht, das mir gleich sei,
Zu leiden, weinen,
Genießen und zu freuen sich,
Und dein nicht zu achten,
Wie ich.*

Friedrich Hölderlin (1770-1843)

Para Zimmer²⁵

De que necessita um homem, digo eu,
Quando é bom e sábio?
Há algo mais de que esta alma precise?
É uma haste, uma videira madura sobre a Terra.

Cultivada nos arredores? Este é também o sentido.
A amiga é comumente a amada e, mais ainda,
A arte. Oh mui querida, digo-te a verdade:
O espírito de Dédalo e das florestas é teu.

An Zimmern

*Von einem Menschen sag ich, wenn der gut
Und weise, was bedarf er? Is irgend eins
Das einer Seele gnüget? Ist ein Halm, ist
Eine gereifteste Reb' auf Erden.*

*Gewachsen, die ihn nähre? Der Sinn ist des
Also, ein Freund ist oft die Geliebte, viel
Die Kunst. O Theurer, dir sag ich die Wahrheit:
Dädalus Geist und des Waldes ist deiner.*

²⁵ Marceneiro amigo e hospedeiro de Hölderlin.

O Outono

As lendas, que da Terra se afastam
Do espírito que viveu e está de volta,
Retornam à humanidade, e muito nos ensinam
Como o tempo, que apressado se solta.

Os quadros do passado não são abandonados
Pela natureza, tal como os dias os têm legados.
No alto verão, o outono sobre a Terra revém,
E no céu o espírito da chuva também.

Em pouco tempo muitas coisas terminam.
O lavrador, que com seu arado capina,
Vê como o ano alegremente para o fim se inclina.
E com essa imagem as horas do dia findam.

A Terra, com seus rochedos coloridos,
Não é como as nuvens de contornos indefinidos.
Mostra-se como um dia dourado
E o apuro é sem reproche, intocado.

Der Herbst

*Die Sagen, die der Erde sich entfernen,
Vom Geiste, der gewesen ist und wiederkehret,
Sie kehren zu der Menschheit sich, und vieles lernen,
Wir aus der Zeit, die eilends sich versehret.*

*Die Bilder der Vergangenheit sind nicht verlassen
Von der Natur, als wie die Tag' verblassen.
In hohem Sommer, kehrt der Herbst zur Erde nieder,
Der Geist der Schauer findetsich am Himmel wieder.*

*In kurzer Zeit hat vieles sich geendet,
Der Landmann, der am Pfluge sich gezeiget,
Er siehet, wie das Jahr sich frohmen Ende neiget,
In solchem Bildern ist des Menschen Tag vollendet.*

*Der Erde Rund mit Felsen ausgezieret,
Ist wie die Wolke nicht, die Abends sich verlieret.
Es zeigt sich mit einem goldnen Tage,
Und die Vollkommenheit ist ohne Klage.*

O Homem

Quando o homem vive de si e todo o resto transparece,
É como se um dia fosse de outro desatado.
Pois este homem excelente para o resto se oferece
Afastado da natureza e intocado.

Assim está só em outra vida distante,
Onde a primavera torna-se verde, e amigo o verão,
Até que o outono no inverno se precipite então
E as nuvens ao redor de nós flutuem e adiante.

Der Mensch

*Wenn aus sich lebt der Mensch und wenn sei Rest sich zeigt,
So ist's als wenn ein Tag sich Tagen unterscheidet,
Dass ausgezeichnet sich der Mensch zum Reste neiget,
Von der Natur getrennt und unbedeinet.*

*Als wie allein ist er andern weiten Leben,
Wo rings der Frühling grünt, der Sommer freundlich weilet
Bis dass das Jahr im Herbst hinunter eilet,
Und immerdar die Wolke uns umschweben.*

Sobre Aquiles

Estou contente que fales de Aquiles.

É meu preferido entre os heróis, tão forte e tão doce, a mais acabada e a mais efêmera floração do mundo dos heróis, “assim nascido para tão pouco tempo”, segundo Homero, justamente porque é belo.

Gostaria de pensar que o velho poeta o deixa tão pouco revelar-se nas ações, e permite aos demais barulharem, enquanto seu herói descansa na tenda, para que ele só um pouco se profane no tumulto diante de Troia.

Mich freut es, dass du von Achill sprichst.

Er ist mein Liebling unter den Helden, so stark und zart, die gelungenste und vergänglichste Blüthe der Heroewelt, “so für kurze Zeit geboren”, nach Homer, eben weil er so schön ist.

Ich möchte auch fast denken, der alte Poët lass’ ihn nur darum so wenig in Handlung erscheinen, und lasse die andern lärmern, indess sein Held im Zelte sitzt, um ihn so wenig, wie möglich unter dem Getümmel vor Troja zu profanieren.

A árvore

Quando menino, tímido te plantei

Bela planta! Quão diferente nos vemos.

Estás esplêndida e

Como um menino.

Da ich ein Kind, zag pflanzt ich dich

Schöne Pflanze! Wie sehn wir nun verändert uns.

Herrlich stehest und

Wie ein Kind vor.

Pela Morte de uma Criança

A beleza é própria da infância,
Talvez seja de Deus a imagem, -
Sua virtude é a calma assonância,
Também os anjos são dignos de homenagem.

Auf den Tod eines Kindes

*Die Schönheit ist den Kindern eigen,
Ist Gottes Ebenbild vielleicht, -
Ihr Eigentum ist Ruh und Schweigen
Das Engeln auch zum Lob gereicht.*

A Primavera

Quando nos campos um novo encanto brota
E a vista novamente se embeleza
Nas montanhas, onde as árvores reverdecem,
As nuvens revelam os ares mais brilhantes.

Oh, que alegria as pessoas têm!
Felizes vão nas margens da solidão, da paz e do prazer.
E o contentamento da saúde floresce,
Não muito longe há um sorriso amigável.

Der Frühling

*Wenn auf Gefilden neues Entzücken keimt
Und sich die Ansicht wieder verschönt und sich
An Bergen, wo die Bäume grünen,
Hellere Lüfte, Gewölke zeigen.*

*O! welche Freude haben die Menschen! froh
Gehn an Gestaden Einsame, Ruh und Lust
Und Wonne der Gesundheit blühet,
Freundliches Lachen ist auch nicht ferne.*

Curso da vida

Tu também querias grandezas, mas o amor obriga
A todos se curvarem, e a dor mais ainda abate,
Pois não é em vão que o nosso arco
Volta ao ponto de onde veio.

Para o alto ou para baixo! reina em noite sagrada,
Onde a muda natureza medita dias futuros;
Não domina no mais inclinado Orco
Um direito e uma hierarquia também?

Isso aprendi. Pois nunca, como os mestres mortais,
Vós, ó numes, que tudo mantendes,
Nunca, e com cuidado, que eu saiba,
Me guiastes por um caminho plano.

Que tudo experimente o homem, dizem os celestes,
E, bem nutrido, aprenda a tudo agradecer,
E compreenda a liberdade,
Para ir-se aonde queira.

Lebenslauf

*Größers wolltest auch du, aber die Liebe zwingt
All uns nieder, das Leid beuget gewaltiger,
Doch es kehret umsonst nicht
Unser Bogen, woher er kommt.*

*Aufwärts oder hinab! herrschet in heilger Nacht,
Wo die stumme Natur werdende Tage sinnt,
Herrscht im schiefesten Orkus
Nicht ein Grades, ein Recht noch auch?*

*Dies erfuhr ich. Denn nie, sterblichen Meistern gleich,
Habt ihr Himmlischen, ihr Alleserhaltenden,
Daß ich wüßte, mit Vorsicht
Mich des ebenen Pfades geführt.*

*Alles prüfe der Mensch, sagen die Himmlischen,
Daß er, kräftig genährt, danken für Alles lern,
Und verstehe die Freiheit,
Aufzubrechen, wohin er will.*

Heinrich Heine (1797-1856)

O mundo é tolo, o mundo é cego,
Torna-se mais e mais banal;
Pois fala de ti e o renego
Ao dizer que não tens moral.

O mundo é tolo, o mundo é baço,
Sem nada de ti conhecer;
Seja a maciez de teu braço,
Sejam teus beijos a arder.

*Die Welt ist dumm, die Welt ist blind,
Wird täglich abgeschmackter;
Sie spricht von dir, mein schönes Kind,
Du hast keinen guten Charakter.*

*Die Welt ist dumm, die Welt ist blind
Und dich wird sie immer verkennen;
Sie weiß nicht wie weich deine Arme sind,
Und wie deine Küsse brennen*

Um jovem ama uma criada,
Que de outro se enamorou;
Este, porém, gosta de outra
A quem, afinal, desposou.

Com raiva casou-se a criada
Com o primeiro que, à sua frente,
Pela senda se deparou,
E o jovem está mal, certamente.

Eis aqui uma velha história,
Que se renova depois;
E quem por ela já passou
Desfaz o coração em dois.

*Ein Jüngling liebt ein Mägdlein,
Die hat einem Andern erwählt;
Der Andre liebt eine Andre,
Und hat sich mit dieser vermählt.*

*Das Mägdlein heirathet aus Aerger
Den ersten besten Mann,
Der ihr in den Weg gelaufen,
Der Jüngling ist übel dran.*

*Es ist eine alte Geschichte,
Doch bleibt sie immer neu;
Und wem sie just passiret,
Dem bricht das Herz entzwey.*

Por imóveis ficarem,
As estrelas nas alturas
Por séculos se entreolham
Com as penas do amor.

Falam uma língua
Tão rica, tão bela;
Mas nenhum filólogo
Pode entendê-la.

Eu, porém, a aprendi
E não a deixo olvidada:
Serviu-me de gramática
A feição mais amada.

*Es stehen unbeweglich
Die Sterne in der Höh'
Viel tausend Jahr' und schauen
Sich an mit Liebesweh.*

*Sie sprechen eine Sprache,
Die ist so reich, so schön;
Doch keinen der Philologen
Kann diese Sprache verstehen.*

*Ich aber hab' sie gelernt
Und ich vergesse sie nicht:
Mir diente als Grammatik
Der Herzallerliebsten Gesicht.*

Não posso esquecer agora,
Mulher amada e graciosa,
Ter-te possuído outrora,
O corpo e a alma amorosa.

O corpo eu ainda o quero,
Este corpo quase infante;
Mas a alma incinero,
Que a minha me é bastante.

Quero cortar minha alma
E insuflar-te a metade,
E assim atados seremos
Corpo, alma e unidade.

*Ich kann es nicht vergessen,
Geliebtes, holdes Weib,
Daß ich dich einst besessen,
Die Seele und den Leib.*

*Den Leib möcht'ich noch haben,
Den Leib so zart und jung;
Die Seele könnt Ihr begraben,
Hab' selber Seele genug.*

*Ich will meine Seele zerschneiden,
Und hauchen die Hälfte dir ein,
Und will dich umschlingen, wir müssen
Ganz Leib und Seele seyn.*

Metemo-nos a sós no escuro,
Pela noite nos arriscando,
Mas para então nos acalmarmos,
Fomos rindo e gracejando.

Quando então reamanheceu,
Minha criança, que espanto!
Pois entre nós o deus do Amor
Havia tomado assento.

*Wir führen allein im dunkeln
Postwagen die ganze Nacht;
Wie ruhten einander am Herzen,
Wie haben gescherzt und gelacht.*

*Doch als es Morgens tagte,
Mein Kind, wie staunten wir!
Denn zwischen uns sass Amor,
Der blinde Passagier.*

Lord Byron (George Gordon Byron - 1788-1824)

1

Um espírito passou-me diante e vi calada
A face da imortalidade desvendada...
Um sono denso chegou a todos os olhos, salvo ao meu...
E ali estava - sem formas - mas divina:
Ao longo dos meus ossos, a carne estremeceu;
E enquanto meu cabelo enrijecia, disse com voz cristalina:
"É o homem mais justo do que Deus? É o homem mais puro
Do que Aquele que considera até o Serafim inseguro?
Criaturas de barro, do pó habitantes vaidosos!
A traça vos sobrevive, e sois mais virtuosos?
Murchais antes da noite, seres de um dia!
Desatentos e cegos à luz da desperdiçada Sabedoria!"

*A spirit passed before me: I beheld
The face of immortality unveiled-
Deep sleep came down on every eye save mine-
And there it stood, -all formless- but divine:
Along my bones the creeping flesh did quake;
And as my damp hair stiffened, thus it spake:
"Is man more just than God? Is man more pure
Than He who deems even Seraphs insecure?
Creatures of clay--vain dwellers in the dust!
The moth survives you, and are ye more just?
Things of a day! you wither ere the night,
Heedless and blind to Wisdom's wasted light!"*

Um Fragmento

Quando a voz de meu pai, na sala arejada,
 Chamar-me, feliz pela escolha adotada;
 Quando meu ser cavalgar a ventania
 Ou o monte descer, no ar que se anuvia;
 Que minha sombra não veja a urna que encerra
 E pela qual a terra retorna à terra:
 Nem abençoada pedra ou pergaminho;
 Na tumba, um só nome à beira do caminho:
 Se com *isso* a honra o barro não coroe,
 Nenhuma outra fama em meus feitos ressoe,
 Somente *isso* deve ao local bastar,
 Para o esquecimento ou para o lembrar.

A Fragment

*When, in the airy hall, my father's voice,
 Shall call my spirit, joyful in their choice;
 When, pois'd upon the gale, my form shall ride,
 Or, dark in mist, descend the mountain's side;
 Oh! may my shade behold no sculptur'd urns,
 To mark the spot, where earth to earth returns:
 No lengthen'd scroll, no praised encumberd'd stone;
 My epitaph shall be, my name alone:
 If that with honour fail to crown my clay,
 Oh, may no other fame my deeds repay,
 That, only that, shall single out the spot,
 By the remember'd, or with that forgot.*

3 - Damaetas

Para a lei, infante; em anos, um menino,
Um servo de todo vício genuíno,
Apartado da vergonha e da virtude,
Da mentira adepto, da fraude amiúde;
Versado na impostura, desde criança,
É instável como o vento e a intemperança;
À mulher engana e ao amigo esfolá,
Já velho no mundo, ao sair da escola,
Damaetas viu os meandros do pecado,
Quando outros só haviam começado;
As paixões ainda abalam sua alma,
E lhe pedem o fim do prazer pela calma;
Farto assim do vício, rompe com a corrente;
O que foi bênção, surge agora nocente.

Damaetas

*In law an infant, and in years a boy,
In mind a slave to every vicious joy,
From every sense of shame and virtue wean'd,
In lies an adept, in deceit a fiend;
Vers'd in hypocrisy, while yet a child,
Fickle as wind, of inclinations wide;
Woman his dupe, his heedless friend a tool,
Old in the world, though scarcely broke from school;
Damaetas ran through all maze of sin,
And found the goal, when others just begin:
Ev'n still conflicting passions shake his soul,
And bid him drain the dregs of pleasure's bowl;
But, pall'd with vice, he breaks his former chain,
And, what was once his bliss, appears his bane.*

4

Escrito sob uma pintura

Querido objeto de cuidados vencidos!
Sem ti e sem Amor que me desamparam,
E para avir os desesperos sentidos
Tua imagem e minhas lágrimas restaram.

Que o tempo a tudo vence, há quem afiança;
Mas pressinto que não possa ser verdade;
Como golpe fatal de minha esperança
A memória imortal cresceu-me com a idade.

Written beneath a picture

*Dear object of defeated care!
Though now of Love and thee bereft,
To reconcile me with despair
Thine image and my tears are left.*

*"Tis said with Sorrow Time can cope;
But this I feel can ne'er be true:
For by the death-blow of my Hope
My Memory immortal grew.*

5 - Estanças²⁶

Pudesse o Amor eternamente
Correr como água de rio
E o esforço do Tempo à frente
Ser, por isso, julgado em vão;
Nenhum outro e raro prazer
Teria como o exceder
Um tesouro certo a reter
Num mesmo e único condão.
Mas como o nosso suspirar
Em morrer não sabe acabar,
Pois formado para voar,
O amor sua asa empluma;
Justamente por tal razão
Preferimos uma estação:
A primavera, e mais nenhuma.

²⁶ Estança ou estância: estrofe poética de origem italiana, composta ao menos por dois versos, a fim de constituir um período rítmico. Os versos podem conter um número fixo de sílabas, ou número variado (heterométrico).

Stanzas

*Could Love for ever
Run like a river
And Time's Endeavour
Be tried in vain,
No Other Pleasure
With this could measure
And like a Treasure
We'd hug the chain.
But since our sighing
Ends not in dying
And formed for flying
Love plumes his wing
Then for this reason
Let's love a Season,
But let that Season be only Spring.*

6

Quando os amantes se apartaram
E as esperanças se frustraram
Espera-se quase morrer;
Anos mais velhos, é certeza,
Com muito mais calma e frieza
Podem contemplar a beleza
Por quem suspiram no querer;
Quando unidos estreitamente
No correr da estação presente
Arrancam a pluma do amor
Daquela asa onde estivera;
Ela vai tristemente tremer
E pender para sempre
Sem a plumagem que açodou a Primavera.

*When lovers parted
And all hopes thwarted
Expect to die;
A few years older
Ah, how much colder
They might behold her
For whom they sigh;
When linked together
Through every Weather
We pluck Love's feather
From out his wing;
He'll sadly shiver
And droop Forever
Without the plumage that sped his Spring.*

Estâncias para uma senhora com os poemas de Camões.

Este penhor votivo, de afeto apaixonado,
talvez de mim o aprecies, querida menina;
ele canta do Amor o sonho encantado,
que não se despreza ou se confina.

Quem o acusa, senão o invejoso bestiola,
a velha solteirona a se desapontar,
ou o aluno da puritana escola,
tristemente condenados a murchar?

Então, querida menina, lê com sentimento,
para que entre eles não sejas diletta,
para que eu não suplique ao vento,
dolorosamente, os infortúnios do poeta.

Era ele um vero e genuíno bardo,
e não chama frouxa e sem presença;
como ele, que seja o amor a recompensa
e não teu próprio e amargo fado.

Stanzas to a lady with the poems of Camoens

*This votive pledge of fond esteem,
Perhaps, dear girl, for me thou'lt prize;
It sings of Love's enchanting dream
A theme we never can despise.*

*Who blames it but the envious fool,
The old and disappointed maid;
Or pupil of the prudish school,
In single sorrow doom'd to fade?*

*Then read, dear girl, with feeling read,
For thou wilt ne'er be one of those;
To thee in vain I shall not plead
In pity for the poet's woes.*

*He was in sooth a genuine bard;
His was no faint, fictitious flame.
Like his, may love be thy reward,
But not thy hapless fate the same.*

Estâncias para música

Não há nenhuma filha da Beleza
com tua magia assim;
e tal a música da correnteza,
é doce a tua voz para mim.
Quando esta melodia forja então,
no oceano, a encantada hesitação,
as ondas repousam em seu bambo rebrilhar
e os acalmados ventos parecem mesmo sonhar.

E a lua da meia-noite, compondo
seu brilho sobre a profundidade despida
arfa suavemente seu rondo
como criança adormecida.
Para ti o espírito se reclina
e, te adorando, se obstina
com plena, mas gentil emoção,
como a cheia de oceano no verão.

Stanzas for music

*There be none of Beauty's daughters
With a magic like thee;
And like music on the waters
Is thy sweet voice to me:
When, as if its sound were causing,
The charmed ocean's pausing,
The waves lie still and gleaming
And the lulled winds seem dreaming.*

*And the midnight moon is weaving
Her bright chain o'er the deep;
Whose breast is gently heaving,
As an infant's asleep:
So the spirit bows before thee
To listen and adore thee
With a full but soft emotion
Like the swell of Summer's ocean.*

Giacomo Leopardi (1798-1837)²⁷ – Sete Cantos

- I) *À Itália*
- II) *Último Canto de Safo*
- III) *O Primeiro Amor*
- IV) *O Pardal Solitário*
- V) *O Infinito*
- VI) *A Sílvia*
- VII) *Canto Noturno de um Pastor Errante da Ásia*

Ao adotar a canção, já no início do movimento romântico, como forma retórica mais elevada da poesia italiana, Leopardi retornou aos primórdios nobiliárquicos da literatura poética de seu país, ou seja, ao século XIV, tempos de Dante e Petrarca. Mas o fez modificando sua estrutura métrica, ampliando o uso de hipérbatos e a utilização de vocábulos antigos ou empregados quase exclusivamente na alta literatura. Por consequência, sua sintaxe é complexa e original, mas o resultado, apesar ou justamente por esse motivo, é de grande beleza expressiva.

Como já foi exaustivamente dito, os sentimentos e as reflexões do poeta convergem quase sempre para o fato de ser trágica a vida humana, algo que os gregos, desde o início das literaturas poética e dramática, já haviam percebido e tentado, pela representação, mitigá-la. Mas não deixou de criticar a decadência sociopolítica da península e defender a ideia de retomada da grandeza da arte italiana, tanto quanto a unificação do país, algo que só viria a acontecer muitas décadas depois de sua morte.

²⁷ A edição original: *Canti*, a cura di Giovanni Ferreti, N. Zanichelli Editore, Bologna, 1945.

À Itália

Ó pátria minha, vejo os muros e arcos
E as colunas e os simulacros e as hermas,
Torres das aves nossas,
Mas a glória não vejo,
Não vejo os louros e o ferro que eram marcos
De nossos pais antigos. Agora, estando inerme,
Nua a fronte e nu o peito mostras.
Ai de mim, de quantas feridas sei,
Que lividez, que sangue! assim te vejo
Formosíssima dama! Rogo ao céu
E ao mundo: dizei, dizei;
Quem a reduz a tal? Pior o pejo,
Pois correntes carregas em cada braço
E assim se repartem os cabelos e, sem véu,
Senta-se na terra descuidada, desconsolada,
A esconder o rosto baço
Entre os joelhos, e chora.
Chora, que bem há, Itália de minha fatalidade,
Gente nascida para vencer
Na sorte fausta e na adversidade.
Se fossem os teus olhos duas fontes vivas,
Jamais poderia o pranto
Ajustar-se ao dano e à vergonha.
Foste senhora, agora sei que és pobre ancila.
Quem de ti fala ou escreve,
Relembrando teu passado de glória e encanto,
Não diz: grande já foi, ora é favila.
Por que, por quê? Onde está a força antiga?
Onde as armas, o valor e a constância?
Quem te descinge a espada?
Quem te trai? Que arte ou fadiga,

Ou que potência, com exuberância,
Despojou-te o manto e o áureo estandarte?
Como caíste ou quando arrancada
De tanta altura a lugar tão baixo?
Ninguém luta por ti?
Nenhum dos teus é teu baluarte?
Às armas, aqui as armas: eu apenas
Combaterei e, só, cairei exangue.
Concede-me, ó céu, que seja fogo
Aos brios itálicos o meu sangue.
Onde estão os teus filhos? Ouço som de armas,
E de carros, de vozes e de timbales.
Em regiões estranhas
Lutam os teus filhos.²⁸
Observa, Itália, observa: eu vejo, ouço alarmas,
Um flutuar de soldados e de cavalos,
De fumaça e de pó, e luzir de espadas,
Como relâmpagos entre neblinas.
E não te confortas? E os tremembundos lumes
A se dobrar, não sofres por duvidoso evento?
Pelo que luta naqueles campos e colinas
A ítala juventude? Ó numes, ó numes:
Lutam por outra terra os ítalos aços.
Ó, miserável aquele que na guerra se apaga,
Não pelas terras pátrias ou pela pia
Consorte e os filhos caros,
Mas por outros inimigos,
Por outra gente, sem poder dizer:
- Alma da terra nascida,
A vida que me deste, eis que a ti volto a ceder.
Ó venturosa, cara e bendita
Antiga idade, em que à morte

²⁸ Os soldados italianos que acompanharam Napoleão na campanha da Rússia.

Pela pátria acorriam as gentes;
E vós sempre honrados e gloriosos
Estreitos que a Tessália delimita,
Onde a Pérsia e o fado bem menos forte
Foi de poucos espíritos livres e generosos!
Creio que as plantas, as pedras e a onda
E as montanhas vossas aos passantes
Narrem com voz indistinta,
Como toda aquela margem sob ronda
Cobriu as fileiras invictas
De corpos que à Grécia eram devotos.
Então, vil e feroz,
Xerxes pelo Helesponto fugia,
Zombando dos pósteros mais remotos.
E sobre a colina de Antela, onde morrendo
Queria a multidão sagrada subtrair-se à morte,
Simônides subia,
Mirando o céu, a marina e o solo.
E com lágrimas que a face irriga
O peito ofegante, e vacilante os pés,
Toma nas mãos a lira:
- Beatíssimos vós,
Que oferecestes o peito à lança inimiga
Por amor daquela que vos deu ao sol;
Vós, que a Grécia obsequia e o mundo admira.
Nas armas, perigos e sarilhos,
Que tanto amor em novíssimas mentes
Vos arrastou ao acerbo fado?
Como tão leda, ó filhos,
Vos parece a ora extrema, pois que sorridentes
Correstes ao passo lacrimoso e duro.
Parece que à dança e não à morte andasse
Cada um de vós, ou a esplêndido festim.
Mas vos esperava o escuro

Tártaro e a onda morta.
Nem esposas ou filhos estiveram ao lado, entanto,
Quando sobre a áspera praia, enfim,
Sem beijos morrestes e sem pranto.
Mas não sem aos Persas dar hórrida pena
E imortal angústia.
Como leão em meio à manada
Ora salta-lhe sobre o dorso e se lhe escava
Com as garras a espinha plena,
Ora este lado aferra ou aquela coxa
Assim entre a turba persa enfuriava
A ira dos corações gregos e a virtude.
Veem-se cavalos supinos e cavaleiros;
Vê-se estorvar os vencidos,
A fuga, e as tendas caídas em alude
E a correr entre os primeiros
Pálido e descabelado esse tirano;
Vê como infusos e tingidos
Do bárbaro sangue os heróis gregos
Causam aos persas infinito dano.
Pouco a pouco vencido pelas feridas
Um sobre outro cai. Viva o vencer:
Beatíssimos vós,
Enquanto no mundo se falar e escrever.
Antes arrancadas e ao mar precipitando,
Apagadas no imo, guinchem as estrelas,
Do que a memória e o vosso
Amor transcorra ou se enfraqueça.
Vosso túmulo é um altar; e aqui apontam
As mães às crianças os belos
Vestígios de vosso sangue. Eis que me prosto,
Ó benditos, ao solo,
E beijo essas pedras e torrões,
Que sejam louvados e iluminados eternamente,

De um a outro polo.
Oxalá estivesse eu convosco nas inumações
E tenra fosse com meu sangue esta alma terra.
Pois se o fado é diverso e não consente
Que eu pela Grécia os moribundos lumes
Ponha fim, prostrado em guerra,
Desse modo, a acanhada
Fama de vosso poeta face ao futuro
Possa, querendo os numes,
Durar como a vossa, se assim me aventuro.

ALL'ITALIA

*O patria mia, vedo le mura e gli archi
e le colonne e i simulacri e l'orme
torri degli avi nostri,
ma la gloria non vedo,
non vedo il lauro e il ferro ond'eran carchi
i nostri padri antichi. Or fatta inerme,
nuda la fronte e nudo il petto mostri.
Oimè! quante ferite,
che lividor, che sangue! oh, qual ti veggio,
formosissima donna! lo chiedo al cielo
e al mondo: — Dite, dite;
chi la ridusse a tale? — E questo è peggio,
che di catene ha carche ambe le braccia;
sí che sparte le chiome e senza velo
siede in terra negletta e sconsolata,
nascondendo la faccia
tra le ginocchia, e piange.
— Piangi, ché ben hai donde, Italia mia,
le genti a vincer nata
e nella fausta sorte e nella ria.
Se fosser gli occhi tuoi due fonti vive,*

mai non potrebbe il pianto
adeguarsi al tuo danno ed allo scorno;
ché fosti donna, or sei povera ancella.
Chi di te parla o scrive,
che, rimembrando il tuo passato vanto,
non dica: — Già fu grande, or non è quella? —
Perché, perché? Dov'è la forza antica?
dove l'armi e il valore e la costanza?
Chi ti discinse il brando?
chi ti tradí? Qual arte o qual fatica
o qual tanta possanza
valse a spogliarti il manto e l'auree bende?
Come cadesti o quando
da tanta altezza in cosí basso loco?
Nessun pugna per te? non ti difende
nessun de' tuoi? L'armi, qua l'armi: io solo
combatterò, procomberò sol io.
Dammi, o ciel, che sia foco
agl'italici petti il sangue mio.
Dove sono i tuoi figli? Odo suon d'armi
e di carri e di voci e di timballi:
in estranie contrade
pugnano i tuoi figliuoli.
Attendi. Italia, attendi. Io veggio, o parmi,
un fluttuar di fanti e di cavalli,
e fumo e polve, e luccicar di spade
come tra nebbia lampi.
Né ti conforti? e i tremebondi lumi
piegar non soffri al dubitoso evento?
A che pugna in quei campi
l'itala gioventude? O numi, o numi!
pugnan per altra terra itali acciari.
Oh misero colui che in guerra è spento,
non per li patrii lidi e per la pia

*consorte e i figli cari,
ma da nemici altrui,
per altra gente, e non può dir morendo:
— Alma terra natia,
la vita che mi desti ecco ti rendo. —*

*Oh venturose e care e benedette
l'antiche età, che a morte
per la patria correat le genti a squadre,
e voi sempre onorate e gloriose,
o tessaliche strette,
dove la Persia e il fato assai men forte
fu di poch'alme franche e generose!
Io credo che le piante e i sassi e l'onda
e le montagne vostre al passeggiere
con indistinta voce
narrin siccome tutta quella sponda
coprîr le invitte schiere
de' corpi ch'alla Grecia eran devoti.
Allor, vile e feroce,
Serse per l'Ellesponto si fuggia,
fatto ludibrio agli ultimi nepoti;
e sul colle d'Antela, ove morendo
si sottrasse da morte il santo stuolo,
Simonide salía,
guardando l'etra e la marina e il suolo.
E di lacrime sparso ambe le guance,
e il petto ansante, e vacillante il piede,
toglieasi in man la lira:
— Beatissimi voi,
ch'offeriste il petto alle nemiche lance
per amor di costei ch'al sol vi diede;
voi, che la Grecia cole e il mondo ammira.
Nell'armi e ne' perigli
qual tanto amor le giovanette menti,*

*qual nell'acerbo fato amor vi trasse?
Come sí lieta, o figli,
l'ora estrema vi parve, onde ridenti
correste al passo lacrimoso e duro?
Parea ch'a danza e non a morte andasse
ciascun de' vostri, o a splendido convito:
ma v'attendea lo scuro
Tartaro, e l'onda morta;
né le spose vi fôro o i figli accanto,
quando su l'aspro lito
senza baci moriste e senza pianto.*

*Ma non senza de' Persi orrida pena
ed immortale angoscia.
Come lion di tori entro una mandra
or salta a quello in tergo e sí gli scava
con le zanne la schiena,
or questo fianco addenta or quella coscia;
tal fra le perse torme infuriava
l'ira de' greci petti e la virtute.
Ve' cavalli supini e cavalieri;
vedi intralciare ai vinti
la fuga i carri e le tende cadute,
e correr fra' primieri
pallido e scapigliato esso tiranno;
ve' come infusi e tinti
del barbarico sangue i greci eroi,
cagione ai Persi d'infinito affanno,
a poco a poco vinti dalle piaghe,
l'un sopra l'altro cade. Oh viva! oh viva!
beatissimi voi
mentre nel mondo si favelli o scriva.*

*Prima divelte, in mar precipitando,
spente nell'imo strideran le stelle,
che la memoria e il vostro*

amor trascorra o scemi.

*La vostra tomba è un'ara; e qua mostrando
verran le madri ai parvoli le belle
orme del vostro sangue. Ecco, io mi prostro,
o benedetti, al suolo,
e bacio questi sassi e queste zolle,
che fien lodate e chiare eternamente
dall'uno all'altro polo.*

*Deh! foss'io pur con voi qui sotto, e molle
fosse del sangue mio quest'alma terra.
Ché, se il fato è diverso, e non consente
ch'io per la Grecia i moribondi lumi
chiuda prostrato in guerra,
cosí la vereconda
fama del vostro vate appo i futuri
possa, volendo i numi,
tanto durar quanto la vostra duri.*

Último Canto de Safo²⁹

Plácida noite e verecundo raio
Da lua cadente; e tu que despontas
Entre a tácita selva e sobre a rocha,³⁰
Núncio do dia; ó diletas e caras,
Enquanto ignotas me forem as Erínias e o fado,
Aparências aos olhos meus; já não favorece
O doce espetáculo aos desesperados afetos.
Que nosso insólito gáudio então reviva
Quando o céu líquido se torna
E pelos campos trepidantes a onda
Pulverulenta do Noto, e quando o carro,
Grave carro de Júpiter sobre nós,
Troando, o ar escuro divide.
Que a nós, pelas fragas e vales profundos,
Agrade vagar entre nuvens cinzentas
E a grande fuga dos rebanhos atônitos
Ou do elevado rio a duvidosa margem
O som e a ira vencedora da onda.

Belo é o teu manto, ó divo céu, e
Bela és tu, úmida terra. Mas desta
Infinita beleza parte alguma
À mísera Safo os numes e a sorte
Ímpia ofereceram. Aos teus soberbos reinos
Ó Natureza, vil e grave hóspede destinada,

²⁹ Diz Leopardi (*Annotazioni alle dieci canzoni*, Nuovo Ricoglitore, 1825): “Uma, intitulada Último Canto de Safo, pretende representar a infelicidade de uma alma delicada, tenra, sensível, nobre e fervorosa, posta num corpo feio e jovem: assunto difícil, do qual não me recordo que um autor famoso, nem entre os antigos nem entre os modernos, tenha ousado tratá-lo, exceto apenas a senhora de Staël, que o trata numa carta no princípio da *Delfina*, mas de modo bem outro”.

³⁰ Rocha escarpada de Leucade sobre o mar, de onde Safo teria se jogado para morrer.

E desprezada amante, às graciosas
Formas tuas, o coração e os olhos, inutilmente
Suplicantes vão. Para mim não riem
As margens livres ao sol, e da etérea porta
O matutino alvor; não para mim é o canto
Dos pássaros coloridos, nem das faias
O sussurro saudante; e onde, à sombra
Do inclinado salgueiro, estende
O cândido riacho o seio puro
Das águas flexuosas ao meu lúbrico pé
E com desdém subtrai
E comprime em fuga as odoríferas praias.

Seria como se uma falha, um nefando excesso
Manchasse-me antes de nascer, e iracundo
Fosse-me então o céu de fortuna e rosto?
Em que pecaste, menina, quando ignara
De delitos é a vida, e depois, já carente
De juventude e, já desflorada, o fuso
Da indômita Parca, volvesse
O férreo estame? Incautas vozes,
Expandi os teus lábios: os destinados eventos
Movem conselhos arcanos. O segredo é tudo,
Salvo a nossa dor. Abandonada prole,
Nascemos para o pranto, e no regaço
Dos celestes a razão descansa. Ó cuidados, ó esperanças
Dos mais verdes anos! Nas aparências, o Pai
Deu eterno e ameno reino às gentes. E por empresa viril,
Por doura lira ou canto
A virtude não reluz em desadornado manto.

Morreremos. O indigno véu na terra estendido

Evitará o despido ânimo a Dite.³¹
E a crua falha corrigirá o cego
Dispensador de eventos. E tu, a quem por tempos
O amor baldo e a longa fé, em vão
De implacável desejo e furor me constringe,
Vive feliz, se feliz na terra
Vive um mortal nascido. Para mim, Júpiter
Não asperge o suave licor do dólio,
Após perecerem os enganos e o sonho
Da minha meninice. Cada dia feliz
De nossa idade alça voo.
Em seu lugar, a doença, a velhice e a sombra
Da gélida morte. Eis que de tantas
Esperadas recompensas e erros diletos,
Resta o Tártaro; e o destemido engenho
Tem a Diva infernal,
A tenebrosa noite e a margem silente.

ULTIMO CANTO DI SAFFO

*Placida notte, e verecondo raggio
Della cadente luna; e tu che spunti
Fra la tacita selva in su la rupe,
Nunzio del giorno; oh dilettose e care
Mentre ignote mi fur l'erinni e il fato,
Sembianze agli occhi miei; già non arride
Spettacol molle ai disperati affetti.
Noi l'insueto allor gaudio ravviva
Quando per l'etra liquido si volve
E per li campi trepidanti il flutto
Polveroso de' Noti, e quando il carro,*

³¹ Divindade latina do mundo subterrâneo, incluindo-se os mortos e a riqueza da terra.

*Grave carro di Giove a noi sul capo,
Tonando, il tenebroso aere divide.
Noi per le balze e le profonde valli
Natar giova tra' nembi, e noi la vasta
Fuga de' greggi sbigottiti, o d'alto
Fiume alla dubbia sponda
Il suono e la vittrice ira dell'onda.*

*Bello il tuo manto, o divo cielo, e bela
Sei tu, rorida terra. Ahi di cotesta
Infinita beltà parte nessuna
Alla misera Saffo i numi e l'empia
Sorte non fenno. A' tuoi superbi regni
Vile, o natura, e grave ospite addetta,
E dispregiata amante, alle vezzose
Tue forme il core e le pupille invano
Supplichevole intendo. A me non ride
L'aprico margo, e dall'eterea porta
Il mattutino albor; me non il canto
De' colorati augelli, e non de' faggi
Il murmure saluta: e dove all'ombra
Degl'inchinati salici dispiega
Candido rivo il puro seno, al mio
Lubrico piè le flessuose linfe
Disdegnando sottragge,
E preme in fuga l'odorate spiagge.*

*Qual fallo mai, qual sì nefando eccesso
Macchiommi anzi il natale, onde sì torvo
Il ciel mi fosse e di fortuna il volto?
In che peccai bambina, allor che ignara
Di misfatto è la vita, onde poi scemo
Di giovanezza, e disfiurato, al fuso
Dell'indomita Parca si volvesse*

*Il ferrigno mio stame? Incaute você
Spande il tuo labbro: i destinati eventi
Move arcano consiglio. Arcano è tutto,
Fuor che il nostro dolor. Negletta prole
Nascemmo al pianto, e la ragione in grembo
De' celesti si posa. Oh cure, oh speme
De' più verd'anni! Alle sembianze il Padre,
Alle amene sembianze eterno regno
Diè nelle genti; e per virili imprese,
Per dotta lira o canto,
Virtù non luce in disadorno ammanto*

*Morremo. Il velo indegno a terra sparto
Rifuggirà l'ignudo animo a Dite,
E il crudo fallo emenderà del cieco
Dispensator de' casi. E tu cui lungo
Amore indarno, e lunga fede, e vano
D'implacato desio furor mi strinse,
Vivi felice, se felice in terra
Visse nato mortal. Me non asperse
Del soave licor del doglio avaro
Giove, poi che perir gl'inganni e il sogno
Della mia fanciullezza. Ogni più lieto
Giorno di nostra età primo s'invola.
Sottentra il morbo, e la vecchiezza, e l'ombra
Della gelida morte. Ecco di tante
Sperate palme e dilettoni errori,
Il Tartaro m'avanza; e il prode ingegno
Han la tenaria Diva,
E l'atra notte, e la silente riva.*

O Primeiro Amor

Volta-me à mente o dia em que a batalha
Do primeiro amor senti, e disse:
Ai de mim, se isto é amor, como trabalha!
Que o olhar sempre ao chão intente e fixe,
Eu olhava aquela para quem este cor
Pela primeira vez, com inocência, a passagem abrisse.

Ah, como mal me governaste, amor!
Por que contigo devia tão doce afeto
Causar tanto desejo, tanta dor?
E não um sereno, sincero e completo,
Antes pleno de trabalho e de lamento
Se ao cor me chegava o que era dileto?

Diz-me, terno cor, que abalo ou desalento,
Que angústia era a tua naquele pensar
Se havia tédio em todo contentamento?
Qual pensar houve que lisonjeiro
Te oferecia à noite, quando
Tudo quieto parecia no hemisfério:

E tu inquieto, feliz e miserando,
Me cansavas no leito, d'um e d'outro lado,
A toda hora fortemente palpitando.
E por isso triste, ansioso e afadigado
Os olhos fechava, sonolento, febricitante,
Pois partido e em delírio vinha o sono intervalado.

Como viva na treva, e aliciante,
Surgia a doce imagem, e de olhos reclusos
A contemplava sob a pálpebra tremulante.
Suavíssimos e difusos

Motos pelo corpo serpeavam, e em recamos
Na alma mil pensamentos confusos

E instáveis se dobravam, tal como entre os ramos
De antiga selva o zéfiro transcorrendo
Um longo murmurar arrasta entre os tramos.
Enquanto me calo e não contendo,
Que disseste, ó cor, para que se fosse à revelia
Aquele por quem estás penando e batendo?

Num coser não ainda findo me sentia
Na chama do amor, quando a brisa então
Que a soprava extinguiu sua energia.
Insone, jazia sem qualquer divagação,
E os cavalos que me trariam de novo o deserto
Batiam as patas no pátio da mansão.

E eu tímido, quieto e inexperto,
Para ver o balcão no escuro protendia;
O ouvido ávido e o olho em vão aberto.
A voz a ser escutada devia,
Inda que a última, daqueles lábios sair;
A voz que o céu me tolhia.

Quantas vezes o choro trivial veio afligir
O duvidoso ouvido, e gélido me tomou
E, na incerteza, o peito arfante a bulir!
Depois que finalmente me chegou
A voz querida ao íntimo coração,
De cavalos e rodas o rumor se intensificou.

Abandonado, encolhi-me então
A palpar no leito, tendo os olhos fechados;
E suspirava, como se premido pela solidão.

Depois, encolhendo os joelhos trêmulos
Estupidamente, pelo calado aposento,
Dizia: que outros males lhes serão êmulos?

Amaríssimo então o recordar do momento
Que, apoderando-se do peito, me apertava
A toda voz, feição e pensamento.
E uma longa dor me vasculhava
Tal qual no vasto Olimpo quando chove
Melancolicamente e os campos lava.

Nem eu te conhecia, rapaz de nove
E nove sóis, neste chorar inato
Quando pela primeira vez me disseste: prove.
E ao desprezo de todo prazer, nem grato
Era-me o riso dos astros ou da aurora,
Quieta em silêncio, ou o verdecer do prado.

Mesmo de glória o amor me cala agora
No peito, cujo aquecer tanto queria,
Pois desde então só na beleza se ancora.
Nem os olhos aos notórios estudos eu volvia,
E eles me pareciam vãos no entender
Pois vão era todo desejo em que antes cria.

Como de mim tão desgarrado pude ser,
E tanto amor tolheu-me um outro amor.
Ah, quanta inanidade em nós pode haver.
Só meu coração me apraz e seu labor,
Num perene raciocinar sepulto,
Posta-se na guarda de minha dor.

E o olho, à terra inclinado ou consulto,
Evitando encontrar, fugidio e vago,

Um rosto gracioso ou torpe vulto:
Que a ilibada, cândida imago
Receava perturbar, já gravada ao peito,
Tal como as brisas perturbam a onda do lago.

E o não ter gozado sem defeito -
Arrependimento que a alma nos grava
E o prazer decorrido em veneno é refeito -
Pois o refugado ainda estimulava
A todo momento o colo, e o aperto duro
Da vergonha neste cor já não obrava.

Ao céu, a vós, almas gentis, eu juro
Que o desejo baixo não me entrou no peito,
Que arde de fogo incontaminado e puro.
Vive aquele chama, vive a estima grada,
E a bela imago inspira meu pensamento,
Da qual, se não celeste, outra desejada
Jamais houve e só com ela me contento.

Il Primo Amore

*Tornami a mente il dí che la battaglia
d'amor sentii la prima volta, e dissi:
— Oimè, se quest'è amor, com'ei travaglia! —
Che, gli occhi al suol tuttora intenti e fissi,
5io mirava colei ch'a questo core
primiera il varco ed innocente aprissi.
Ahi, come mal mi governasti, amore!
perché seco dovea sí dolce affetto
recar tanto desio, tanto dolore?
e non sereno, e non intero e schietto,
anzi pien di travaglio e di lamento*

al cor mi discendea tanto diletto?

*Dimmi, tenero core, or che spavento,
che angoscia era la tua fra quel pensiero
presso al qual t'era noia ogni contento?*

*quel pensier che nel dí, che lusinghiero
ti si offeriva nella notte, quando
tutto queto pareva nell'emisfero:*

*tu inquieto, e felice e miserando,
m'affaticavi in su le piume il fianco,
ad ogni or fortemente palpitando.*

*E dove io tristo ed affannato e stanco
gli occhi al sonno chiudea, come per febre
rotto e deliro, il sonno venía manco.*

*Oh, come viva in mezzo alle tenèbre
sorgea la dolce imago, e gli occhi chiusi
la contemplavan sotto alle palpèbre!*

*oh, come soavissimi diffusi
moti per l'ossa mi serpeano! oh, come
mille nell'alma instabili, confusi*

*pensieri siolgean! qual tra le chiome
d'antica selva zefiro scorrendo,
un lungo, incerto mormorar ne prome.*

*E mentre io taccio, e mentre io non contendo,
che dicevi, o mio cor, che si partía
quella per che penando ivi e battendo?*

*Il cuocer non piú tosto io mi sentía
della vampa d'amor, che il venticello
che l'aleggiava volossene via.*

*Senza sonno io giacea sul dí novello,
e i destrier, che dovean farmi deserto,
battean la zampa sotto al patrio ostello.*

*Ed io, timido e cheto ed inesperto,
ver' lo balcone al buio protendea
l'orecchio avido e l'occhio indarno aperto,*

*la voce ad ascoltar, se ne dovea
di quelle labbra uscir, ch'ultima fosse;
la voce ch'altro il cielo, ahi! mi togliea.*

*Quante volte plebea voce percosse
il dubitoso orecchio, e un gel mi prese,
e il core in forse a palpar si mosse!*

*E poi che finalmente mi discese
la cara voce al core, e de' cavai
e delle rote il romorio s'intese;*

*orbo rimasto allor, mi rannicchiai
palpitando nel letto e, chiusi gli occhi,
strinsi il cor con la mano, e sospirai.*

*Poscia traendo i tremuli ginocchi
stupidamente per la muta stanza,
— Ch'altro sarà — dicea — che il cor mi tocchi?*

*Amarissima allor la ricordanza
locómmisi nel petto, e mi serrava
ad ogni voce il core, a ogni sembianza.*

*E lunga doglia il sen mi ricercava,
com'è quando a distesa Olimpo piove
malinconicamente e i campi lava.*

*Ned io ti conoscea, garzon di nove
e nove soli, in questo a pianger nato,
quando facevi, Amor, le prime prove;*

*quando in ispregio ogni piacer, né grato
m'era degli astri il riso, o dell'aurora
queta il silenzio, o il verdeggiar del prato.*

*Anche di gloria amor taceami allora
nel petto, cui scaldar tanto solea,
ché di beltade amor vi fea dimora.*

*Né gli occhi ai noti studi io rivolgea,
e quelli m'apparian vani, per cui
vano ogni altro desir creduto avea.*

Deh! come mai da me sí vario fui,

e tanto amor mi tolse un altro amore?

Deh, quanto, in veritá, vani siam nui!

Solo il mio cor piaceami, e col mio core

in un perenne ragionar sepolto,

alla guardia seder del mio dolore.

E l'occhio, a terra chino o in sé raccolto,

di riscontrarsi fuggitivo e vago

né in leggiadro soffría né in turpe volto:

ché la illibata, la candida imago

turbare egli temea pinta nel seno,

come all'aure si turba onda di lago.

E quel di non aver goduto appieno

pentimento, che l'anima ci grava,

e il piacer che passò cangia in veleno,

per li fuggiti dí mi stimolava

tuttora il sen: che la vergogna il duro

suo morso in questo cor già non oprava.

Al cielo, a voi, gentili anime, io giuro

che voglia non m'entrò bassa nel petto,

ch'arsi di foco intaminato e puro.

Vive quel foco ancor, vive l'affetto,

spira nel pensier mio la bella imago,

da cui, se non celeste, altro diletto

giammai non ebbi, e sol di lei m'appago.

O Pardal Solitário

Desde o cimo da torre antiga,
Um pardal solitário, no campo
Vai cantando até que não morra o dia.
E a harmonia erra por este vale.
Ao redor, a primavera irradia,
Brilha no ar, e pelos campos exulta,
Pois que ao mirá-la, o coração se entenece.
Ouvem-se as ovelhas berrar, as vacas mugir;
Os demais pássaros contentes, na disputa
Pelo mesmo céu fazem uma e outra reviravolta
Assim festejando o que melhor o dia oferece.
Tu, pensativo, apartado, o todo vê à volta;
Sem companhia, não voas,
Não cuidas da alegria, evitas o gozo,
Cantas, e assim transpões airoso
Do ano e de tua vida as mais belas flores.
Ai de mim, quanto se assemelha
O teu costume ao meu! Prazeres e riso
Da primeira idade doce família,
E vós, irmãos da juventude, os amores,
Suspiros acerbos de proventos dias,
Não cuido, não sei como; antes,
Deles fujo para longe,
Quase eremita ou monge,
E estranho ao meu lugar nascido
Passo o meu viver na primavera.
Este dia que agora a noite gera
Costuma ser festejado em nosso burgo.
Ouves no sereno um som de sinos que se atina,
Ouves com frequência o troar de férreos fuzis
Que ao longe ribombam de vila em vila.

Toda vestida para a festa,
A juventude do local
Deixa as casas e pelas ruas se espalha,
Vê e é vista, e em cores se alegra.
Eu, solitário nesta
Remota parte do campo, saio;
Todo prazer e jogo
Deixo passar a outro tempo. E, no entanto
O olhar estendido ao ar doce
Fere-me o sol que, entre montes longínquos,
Após um dia sereno,
Cai e desaparece, e parece dizer
Que a ditosa juventude está findando.
Tu, solitário passarinho, vindo ao ocaso
Do viver que te darão as estrelas
Certo de teu costume,
Não lamentarás; que da natureza é fruto
Todo o teu desejo.
Quanto a mim, se da velhice
O detestado umbral
Não suplico evitar,
Quando mudos estes olhos a outro coração
E vazio o mundo lhes seja, e o dia futuro
Mais tedioso que o dia presente a passar,
Que parecerá tal desejo?
E estes anos meus, e de mim mesmo?
Ah, me arrependerei, e com frequência,
Mas desconsolado, ao passado terei de voltar.

Il Passero Solitario

*D'in su la vetta della torre antica,
Passero solitario, alla campagna*

*Cantando vai finché non more il giorno;
Ed erra l'armonia per questa valle.
Primavera dintorno
Brilla nell'aria, e per li campi esulta,
Sì ch'a mirarla intenerisce il core.
Odi greggi belar, muggire armenti;
Gli altri augelli contenti, a gara insieme
Per lo libero ciel fan mille giri,
Pur festeggiando il lor tempo migliore:
Tu pensoso in disparte il tutto miri;
Non compagni, non voli,
Non ti cal d'allegria, schivi gli spassi;
Canti, e così trapassi
Dell'anno e di tua vita il più bel fiore.
Oimè, quanto somiglia
Al tuo costume il mio! Sollazzo e riso,
Della novella età dolce famiglia,
E te german di giovinezza, amore,
Sospiro acerbo de' provetti giorni,
Non curo, io non so come; anzi da loro
Quasi fuggo lontano;
Quasi romito, e strano. Al mio loco natio,
Passo del viver mio la primavera.
Questo giorno ch'omai cede alla sera,
Festeggiar si costuma al nostro borgo.
Odi per lo sereno un suon di squilla,
Odi spesso un tonar di ferree canne,
Che rimbomba lontan di villa in villa.
Tutta vestita a festa
La gioventù del loco
Lascia le case, e per le vie si spande;
E mira ed è mirata, e in cor s'allegra.
Io solitario in questa
Rimota parte alla campagna uscendo,*

Ogni diletto e gioco
Indugio in altro tempo: e intanto il guardo
Steso nell'aria aprica
Mi fere il Sol che tra lontani monti,
Dopo il giorno sereno,
Cadendo si dilegua, e par che dica
Che la beata gioventù vien meno.
Tu, solingo augellin, venuto a sera
Del viver che daranno a te le stelle,
Certo del tuo costume
Non ti dorrai; che di natura è frutto
Ogni vostra vaghezza.
A me, se di vecchiezza
La detestata soglia
Evitar non impetro,
Quando muti questi occhi all'altrui core,
E lor fia vòto il mondo, e il dì futuro
Del dì presente più noioso e tetro,
Che parrà di tal voglia?
Che di quest'anni miei? che di me stesso?
Ahi pentirommi, e spesso,
Ma sconsolato, volgerommi indietro.

O Infinito

Sempre caro me foi este monte ermo
E esta sebe, que de tanta parte
Do último horizonte o olhar exclui.
Mas ao sentar-me e mirar intermináveis
Espaços para além dela, e sobre-humanos
Silêncios e profundíssima quietude,
Eu, em pensamento, me imagino e, por pouco,
O coração não se apavora. E como vento fosse,
Ouço farfalhar entre as plantas aquele
Infinito silêncio e a esta voz
Vou comparando; e me sobrevém o eterno,
As estações mortas e a presente,
Viva e seu sonido. Assim, nessas
Vastidões imerge o meu pensamento:
E o naufragar é doce nesses mares.

L'Infinito

*Sempre caro mi fu quest'ermo colle
E questa siepe, che da tanta parte
Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude
Ma sedendo e mirando, interminati
Spazi di là da quella, e sovraumani
Silenzi, e profondissima quiete
Io nel pensier mi fingo; ove per poco
Il cor non si spaura. E come il vento
Odo stormir tra queste piante, io quello
Infinito silenzio a questa voce
Vo comparando: e mi sovvien l'eterno,
E le morte stagioni, e la presente
E viva, e il suon di lei. Così tra questa
Immensità si annega il pensier mio:
E il naufragar m'è dolce in questo mare.*

A Sílvia

Sílvia, relembras ainda
Aquele tempo de tua vida mortal,
Quando a beleza esplendia
Em teus olhos ridentes e fugitivos,
E tu, alegre e pensativa, os limiares
Da juventude atravessavas?

Soavam as quietas
Estâncias³² e a vida ao redor
Ao teu perpétuo canto,
Enquanto nas obras feminis atenta,
Sentavas, assaz contenta,
Com aquele vago futuro no qual pensavas.

Era o maio oloroso: e tu costumavas
Assim levar os dias.
Eu, os estudos louváveis
Então deixando e os fólhos que lia
Que em minha primeira idade
A melhor parte consumia,
Dos balcões da paterna mansão
Punha-me atento ao som de tua voz
E à mão veloz
Que percorria a fatigante tela.
Olhava o céu sereno,
As ruas douradas e as hortas,
Aqui o mar distante e ali o monte.
Língua mortal não diz
Aquilo que no peito sentia.
Que pensamentos suaves,

³² Estrofes de uma canção.

Que expectativas, ó Sílvia minha, que ardores,
Como então nos pareciam favores
A vida humana e o fado!
Quando me sobrevém tanta esperança,
Um afeto me oprime e avança,
Acerbo e desconsolado,
E torna-me a doer a desventura.
Ó natureza, ó natura,
Por que não cumpres, pois
O que prometestes então? Por que
Aos teus filhos tantos enganar depois?
Tu, antes que a erva secasse com o inverno,
De oculto morbo, combatida e vencida,
Pereceste, ó tenra menina. E não viste
As flores dos anos teus.
Não te enganavas o adulator,
O doce elogio dos cabelos negros
Ou dos olhares enamorados e esquivos,
Nem contigo as amigas, nos dias festivos,
Conversavam de amor.
Dentro em pouco também morria
A doce esperança minha: aos meus anos
Também negaram os fados
A juventude. Ah, como passaste,
Cara companheira de minha primeira idade,
Lacrimosa esperança!
Isto é o mundo? São estes
Os prazeres, o amor, as obras, os acontecimentos
Sobre as quais tanto pensamos?
Esta é a sorte da humana gente?
Com o surgir da verdade,
Tu, mísera, caíste; e, com a mão,
A fria morte e uma tumba nua
De longe mostraste então.

A Silvia

*Silvia, rimembri ancora
Quel tempo della tua vita mortale,
Quando beltà splendea
Negli occhi tuoi ridenti e fuggitivi,
E tu, lieta e pensosa, il limitare
Di gioventù salivi?
Sonavan le quiete
Stanze, e le vie dintorno,
Al tuo perpetuo canto,
Allor che all'opre femminili intenta
Sedevi, assai contenta
Di quel vago avvenir che in mente avevi.
Era il maggio odoroso: e tu solevi
Così menare il giorno. Io gli studi leggiadri
Talor lasciando e le sudate carte,
Ove il tempo mio primo
E di me si spendea la miglior parte,
D'in su i veroni del paterno ostello
Porgea gli orecchi al suon della tua voce,
Ed alla man veloce
Che percorrea la faticosa tela.
Mirava il ciel sereno,
Le vie dorate e gli orti,
E quinci il mar da lungi, e quindi il monte.
Lingua mortal non disse
Quel ch'io sentiva in seno.
Che pensieri soavi,
Che speranze, che cori, o Silvia mia!
Quale allor ci apparìa
La vita umana e il fato!
Quando sovviemmi di cotanta speme,
Un affetto mi preme*

Acerbo e sconsolato,
E tornami a doler di mia sventura.
O natura, o natura,
Perché non rendi poi
Quel che prometti allor? perché di tanto
Inganni i figli tuoi?
Tu pria che l'erbe inaridisse il verno,
Da chiuso morbo combattuta e vinta,
Perivi, o tenerella. E non vedevi
Il fior degli anni tuoi;
Non ti molceva il core
La dolce lode or delle negre chiome,
Or degli sguardi innamorati e schivi;
Né teco le compagne ai dì festivi
Ragionavan d'amore.
Anche peria fra poco
La speranza mia dolce: agli anni miei
Anche negaro i fati
La giovinezza. Ahi come,
Come passata sei,
Cara compagna dell'età mia nova,
Mia lacrimata speme!
Questo è quel mondo? Questi
I diletti, l'amor, l'opre, gli eventi
Onde cotanto ragionammo insieme?
Questa la sorte dell'umane genti?
All'apparir del vero
Tu, misera, cadesti: e con la mano
La fredda morte ed una tomba ignuda
Mostravi di lontano.

Canto noturno de um pastor errante da Ásia

Que fazes tu, lua, no céu? Diz-me, por que saís,
silenciosa lua?

Surges à tarde e vais

Contemplando o deserto; logo te depões.

Ainda não sabes a recompensa

De percorrer as sempiternas vias?

Ainda não te cansastes, ainda desejas

Olhar estes vales e pradarias?

Semelha à tua vida

A vida do pastor.

Aparece no primo alvor,

Move o rebanho pelo campo, e vê

Rebanhos, fontes e ervas;

Depois, cansado, à tarde repousa

E mais nunca ousa.

Diz-me, ó lua, de que vale afinal

Ao pastor a sua vida?

E tua vida a ti? Diz-me, para que tende

Neste meu breve vagar

O teu curso imortal?

Envelhecido, branco, enfermo,

Meio vestido e descalço,

Com pesado feixe sobre os ombros,

Por montanhas e vales,

Por pedras agudas, areias altas e combros,

ao vento, tempestade e quando chamas houver.

Agora, e quando depois gela,

Corre adiante, corre, anela

Atravessa torrentes e charcos,

Decai, ressurge e mais e mais se apressa,

Sem pouso ou restauro
Lacerado, sanguinoso; chega, enfim,
Acolá, onde o caminho
E onde tanto afadigar se foi:
Abismo horrído, imenso,
e onde se precipitando, tudo se oblida.
Virgínia lua, tal
É a vida mortal.
Nasce o homem da fadiga
E é risco de morte o nascimento.
Prova, pena e tormento
Como coisa em seu próprio princípio,
A mãe e o genitor
Consolam o ser de haver nascido.
Depois que crescido está
A um e outro sustenta; e sempre assim
Com atos e com palavras,
Pondera fazer-se o cerne
E consolador do estado humano;
Outro ofício mais grato
não fazem os pais à sua prole.
Mas por que dar ao sol,
Por que sustenar em vida
Quem consolar assim convenha?
Se a vida é desventura,
Por que para nós dura?
Intacta lua, tal
É o estado mortal.
Mas tu mortal não és,
E talvez o meu dizer pouco seja original.

Mesmo sozinha, eterna, peregrina,
Pois pensativa que és, talvez entendas
Este viver terreno,

O nosso padecer e suspirar que seja;
O que seja este morrer, este supremo
Descolorar do semblante,
E perecer na terra, e vir menos
A qualquer acostumada, amante companhia,
E é certo que tu compreendas
O porque das coisas e vejas o fruto
Da manhã e da tarde,
Do tácito, infinito andar do tempo.
Tu sabes, é certo, de que doce amor
Se ri a primavera,
A quem agrada o ardor de que provê
O inverno com seus gelos.
Coisas mil sabes, e mil descobres
Que estão ocultas ao simples pastor.
Com frequência quando te olho,
Ao estar assim muda sobre o plano deserto,
que em seu longo giro com o céu confina:
Ou com meu rebanho
Seguir-me viajando palmo a palmo;
E quando vejo no céu arder as estrelas,
Digo para mim, pensando:
O que elas tanto fazem?
O que faz o ar infinito, e aquele profundo
Infinito sereno? O que quer dizer esta
Imensa solidão? E eu, o que sou?
Comigo, assim reflito; e do aposento
Desmesurado e soberbo,
e da inumerável família;
Depois de tanto refletir, de tantos movimentos
De cada coisa terrena ou celeste,
Girando sem pouso que arreste
Para sempre retornar de onde se movem,
Uso algum e nenhum fruto

Adivinhar não sei. Mas tu, por certo,
Jovenzinha imortal, conheces tudo.
Isso conheço e sinto:
Que dos eternos giros,
E de meu frágil ser afinal,
Qualquer bem ou contentamento,
Talvez haja para outros: para mim, a vida é mal.

Ó rebanho meu que repousa, tu és beato,
Pois a miséria tua, creio, não sabes!
Quanta inveja te tenho!
Não só porque de lida
Quase liberado vais:
Todo sofrimento, toda ferida
Todo extremo temor logo esqueces:
Mais ainda porque jamais do tédio provas.
Quando te sentas à sombra sobre a erva,
Tu ficas quieto e contente;
E em grande parte do ano
Consomes sem tédio, do mesmo modo.
Também eu sento-me no pasto, à sombra,
E o fastio me assombra.
Na mente, um esporão me punge, ressoante,
Pois que sentando, mais do que nunca distante
De encontrar paz ou refúgio.
E no entanto, por nada anseio
E não tenho qualquer razão de pranto.
Aquilo de que gozas, ou quanto,
Já não sei dizer, mas afortunado és.
E eu pouco ainda me alegro,
Ó rebanho meu, mas isso não lamento.
Se soubesses falar, perguntaria:
Diz-me, por que se deitando
Comodamente, ocioso,

Satisfaz-se todo animal;
Mas se estou em repouso, o tédio é brutal?

Talvez, se eu tivesse asas
Para voar até as nuvens,
E enumerar as estrelas, uma a uma,
Ou, como o trovão, errar de cimo a cimo,
Mais feliz seria, meu doce rebanho,
Mais feliz seria, cândida lua.
Ou talvez engane-se de verdade,
Mirando a sorte dos demais, o meu pensamento:
Talvez sob qualquer forma seja igual
Ou mesmo de lugar, dentro de covil ou de berço,
É funesto a quem nasce o seu dia de natal.

Canto Notturmo di um Pastore Errante dell'Asia

*Che fai tu, luna, in ciel? dimmi, che fai,
Silenziosa luna?
Sorgi la sera, e vai,
Contemplando i deserti; indi ti posi.
Ancor non sei tu paga
Di riandare i sempiterni calli?
Ancor non prendi a schivo, ancor sei vaga
Di mirar queste valli?
Somiglia alla tua vita
La vita del pastore.
Sorge in sul primo albore
Move la greggia oltre pel campo, e vede
Greggi, fontane ed erbe;
Poi stanco si riposa in su la sera:
Altro mai non ispera.
Dimmi, o luna: a che vale*

*Al pastor la sua vita,
La vostra vita a voi? dimmi: ove tende
Questo vagar mio breve,
Il tuo corso immortale?*

*Vecchierel bianco, infermo,
Mezzo vestito e scalzo,
Con gravissimo fascio in su le spalle,
Per montagna e per valle,
Per sassi acuti, ed alta rena, e fratte,
Al vento, alla tempesta, e quando avvampa
L'ora, e quando poi gela,
Corre via, corre, anela,
Varca torrenti e stagni,
Cade, risorge, e più e più s'affretta,
Senza posa o ristoro,
Lacero, sanguinoso; infin ch'arriva
Colà dove la via
E dove il tanto affaticar fu volto:
Abisso orrido, immenso,
Ov'ei precipitando, il tutto obblia.
Vergine luna, tale
E' la vita mortale.*

*Nasce l'uomo a fatica,
Ed è rischio di morte il nascimento.
Prova pena e tormento
Per prima cosa; e in sul principio stesso
La madre e il genitore
Il prende a consolar dell'esser nato.
Poi che crescendo viene,
L'uno e l'altro il sostiene, e via pur sempre
Con atti e con parole
Studiasi fargli core,*

*E consolarlo dell'umano stato:
Altro ufficio più grato
Non si fa da parenti alla lor prole.
Ma perchè dare al sole,
Perchè reggere in vita
Chi poi di quella consolar convenga?
Se la vita è sventura,
Perchè da noi si dura?
Intatta luna, tale
E' lo stato mortale.
Ma tu mortal non sei,
E forse del mio dir poco ti cale.*

*Pur tu, solinga, eterna peregrina,
Che sì pensosa sei, tu forse intendi,
Questo viver terreno,
Il patir nostro, il sospirar, che sia;
Che sia questo morir, questo supremo
Scolorar del sembiante,
E perir dalla terra, e venir meno
Ad ogni usata, amante compagnia.
E tu certo comprendi
Il perchè delle cose, e vedi il frutto
Del mattin, della sera,
Del tacito, infinito andar del tempo.
Tu sai, tu certo, a qual suo dolce amore
Rida la primavera,
A chi giovi l'ardore, e che procacci
Il verno co' suoi ghiacci.
Mille cose sai tu, mille discopri,
Che son celate al semplice pastore.
Spesso quand'io ti miro
Star così muta in sul deserto piano,
Che, in suo giro lontano, al ciel confina;*

Ovver con la mia greggia
Seguirmi viaggiando a mano a mano;
E quando miro in cielo arder le stelle;
Dico fra me pensando:
A che tante facelle?
Che fa l'aria infinita, e quel profondo
Infinito Seren? che vuol dir questa
Solitudine immensa? ed io che sono?
Così meco ragiono: e della stanza
Smisurata e superba,
E dell'innumerabile famiglia;
Poi di tanto adoprar, di tanti moti
D'ogni celeste, ogni terrena cosa,
Girando senza posa,
Per tornar sempre là donde son mosse;
Uso alcuno, alcun frutto
Indovinar non so. Ma tu per certo,
Giovinetta immortal, conosci il tutto.
Questo io conosco e sento,
Che degli eterni giri,
Che dell'esser mio frale,
Qualche bene o contento
Avrà fors'altri; a me la vita è male.

O greggia mia che posi, oh te beata,
Che la miseria tua, credo, non sai!
Quanta invidia ti porto!
Non sol perchè d'affanno
Quasi libera vai;
Ch'ogni stento, ogni danno,
Ogni estremo timor subito scordi;
Ma più perchè giammai tedio non provi.
Quando tu siedi all'ombra, sovra l'erbe,
Tu se' queta e contenta;

*E gran parte dell'anno
Senza noia consumi in quello stato.
Ed io pur seggo sovra l'erbe, all'ombra,
E un fastidio m'ingombra
La mente, ed uno spron quasi mi punge
Sì che, sedendo, più che mai son lunge
Da trovar pace o loco.
E pur nulla non bramo,
E non ho fino a qui cagion di pianto.
Quel che tu goda o quanto,
Non so già dir; ma fortunata sei.
Ed io godo ancor poco,
O greggia mia, nè di ciò sol mi lagno.
Se tu parlar sapessi, io chiederei:
Dimmi: perchè giacendo
A bell'agio, ozioso,
S'appaga ogni animale;
Me, s'io giaccio in riposo, il tedio assale?*

*Forse s'avess'io l'ale
Da volar su le nubi,
E noverar le stelle ad una ad una,
O come il tuono errar di giogo in giogo,
Più felice sarei, dolce mia greggia,
Più felice sarei, candida luna.
O forse erra dal vero,
Mirando all'altrui sorte, il mio pensiero:
Forse in qual forma, in quale
Stato che sia, dentro covile o cuna,
E' funesto a chi nasce il dì natale.*

Victor Hugo (1802 – 1885)

Àquela que permaneceu em França - I

Senta, levanta os olhos, põe em desarranjo
O frio véu que enruga teu rosto de anjo,
Abre tuas mãos e toma esse livro; é teu.
Livro em que está minh'alma, o luto, o sonho meu,
Livro que contém o espectro de minha vida,
Minhas agruras e albor, de prantos seguida,
A sombra e a procela, a rosa e seu pistilo,
Livro triste, tempestuoso, eis seu estilo.
Donde sai a pálida luz que rasga a bruma?
Há anos habito num turbilhão de espuma
E o livro dela jorrou. Deus ditava, eu cumpria.
Sou palha ao vento. Vai, diz o espírito, e eu ia.
E quando as páginas terminei, quando o livro
Pôs-se a palpitar, respirar, estando vivo,
Uma igreja dos campos, que a hera cobria,
Que soa as horas de meu nada, me dizia:
Donde sai a pálida luz que rasga a bruma?
Teu cântico terminou, dá-me-lo, poeta.
- Eu o reclamo, disse a floresta inquieta;
E o doce prado florido o pediu a mim.
Vendo-o fremir, disse o mar com intento afim:
Por que não me entregá-lo, se é uma vela!
- Esse hino a mim pertence, disse a estrela,
Sibilaram os grandes ventos: dá-lo a nós, sonhador.
E as aves: não vais então aos vivos dispor
Um livro nascido longe de suas querelas?
Deixa-nos levá-lo aos ninhos, sob tutelas!
Mas o vento não o terá, ó céu profundo!
Nem o mar selvagem, volúvel e iracundo,
Cujas ondas distendem ásperas ciladas;

Nem a floresta de colmeias e zoadas;
Nem a igreja em que o tempo gira o compasso,
O prado não terá nem o corpo do espaço,
E também o pássaro, seja horrendo ou pulcro,
O ninho não o terá; dou-lhe ao sepulcro.

À celle qui est restée en France - I

*Mets-toi sur ton séant, lève tes yeux, dérange
Ce drap glacé qui fait des plis sur ton front d'ange,
Ouvre tes mains, et prends ce livre: il est à toi.
Ce livre où vit mon âme, espoir, deuil, rêve, effroi,
Ce livre qui contient le spectre de ma vie,
Mes angoisses, mon aube, hélas! de pleurs suivie,
L'ombre et son ouragan, la rose et son pistil,
Ce livre azuré, triste, orageux, d'où sort-il?
D'où sort le blême éclair qui déchire la brume?
Depuis quatre ans, j'habite un tourbillon d'écume;
Ce livre en a jailli. Dieu dictait, j'écrivais;
Car je suis paille au vent. Va! dit l'esprit. Je vais.
Et, quand j'eus terminé ces pages, quand ce livre
Se mit à palpiter, à respirer, à vivre,
Une église des champs, que le lierre verdit,
Dont la tour sonne l'heure à mon néant, m'a dit:
Ton cantique est fini; donne-le-moi, poète.
- Je le réclame, a dit la forêt inquiète;
Et le doux pré fleuri m'a dit: - Donne-le-moi.
La mer, en le voyant frémir, m'a dit: - Pourquoi
Ne pas me le jeter, puisque c'est une voile!
- C'est à moi qu'appartient cet hymne, a dit l'étoile.
- Donne-le-nous, songeur, ont crié les grands vents.
Et les oiseaux m'ont dit: - Vas-tu pas aux vivants
Offrir ce livre, éclos si loin de leurs querelles?
Laisse-nous l'emporter dans nos nids sur nos ailes! -
Mais le vent n'aura point mon livre, ô cieux profonds!
Ni la sauvage mer, livrée aux noirs typhons,
Ouvrant et refermant ses flots, âpres embûches;
Ni la verte forêt qu'emplit un bruit de ruches;
Ni l'église où le temps fait tourner son compas;
Le pré ne l'aura pas, l'astre ne l'aura pas,*

*L'oiseau ne l'aura pas, qu'il soit aigle ou colombe,
Les nids ne l'auront pas; je le donne à la tombe.*

Um dia, à beira das ondas, vi por momentos
Passar, inflando as velas,
Um veloz navio envolvido pelos ventos,
Por ondas e estrelas;
E ouvi, sobre o abismo dos céus debruçado,
Que outro abismo toca,
Uma voz da qual o tom suave e acendrado
Não se avistava a boca;
- Bem fazes poeta de merencória fronte,
Tu sonhas junto às vagas,
E retiras do mar, desta avultada fonte,
O que está sob as águas!
O mar é o Senhor, que, sendo pai ou padraсто,
Ao destino dá nome;
O vento é o Senhor, o Senhor é o astro;
O navio é o homem.

*Un jour je vis, debout au bord des flots mouvants,
Passer, gonflant ses voiles,
Un rapide navire enveloppé de vents,
De vagues et d'étoiles;
Et j'entendis, penché sur l'abîme des cieux,
Que l'autre abîme touche,
Me parler à l'oreille une voix dont mes yeux
Ne voyaient pas la bouche:
– Poète, tu fais bien! poète au triste front,
Tu rêves près des ondes,
Et tu tires des mers bien des choses qui sont
Sous les vagues profondes!
La mer, c'est le Seigneur, que, misère ou bonheur,
Tout destin montre et nomme;
Le vent, c'est le Seigneur; l'astre, c'est le Seigneur;
Le navire, c'est l'homme.*

O Sapo (trecho), d'*A Legenda dos Séculos*

Às vezes, sente-se o bruto irmão e criatura
De uma misteriosa e profunda doçura;
Basta que uma luz breve de graça nele brilhe
Para que assim da eterna estrela compartilhe;
O asno que à tarde volta, já de olhos baços,
Morrendo, sentindo sangrar seus cascos lassos,
Dá mais alguns passos, se afastando e não reclama
Para não esmagar um pobre sapo na lama.
O asno sujo, mortificado pelo bastão,
É mais santo que Sócrates, maior que Platão.
Procuras, filósofo? Oh pensador, tu meditas?
Queres achar a verdade sob nossas brumas malditas?

*La brute par moments pense et sent qu'elle est sœur
De la mystérieuse et profonde douceur;
Il suffit qu'un éclair de grâce brille en elle
Pour qu'elle soit égale à l'étoile éternelle;
Le baudet qui, rentrant le soir, surchargé, las,
Mourant, sentant saigner ses pauvres sabots plats,
Fait quelques pas de plus, s'écarte et se dérange
Pour ne pas écraser un crapaud dans la fange,
Cet âne abject, souillé, meurtri sous le bâton,
Est plus saint que Socrate et plus grand que Platon.
Tu cherches, philosophe? Ô penseur, tu médites?
Veux-tu trouver le vrai sous nos brumes maudites?*

Se nós dois pudéssemos, dizia, e assim almejo,
A alma cheia de fé, o peito, de desejo,
Bêbados de doce êxtase e de melancolia,
Romper os nós com que a cidade nos atrofia;
Se pudéssemos deixá-la, sendo insana e triste,
Iríamos a qualquer lugar mais belo e riste
Longe de ruídos vãos, de ódios ciумados
Um canto onde tivéssemos árvores e relvados,
Uma pequena casa com flores, um amparo
De solidão, de silêncio, sob um céu preclaro;
A canção de um pássaro que no teto poisa,
Da sombra; e precisamos nós de outra coisa?

*Il lui disait: Vois-tu, si tous deux nous pouvions
L'âme pleine de foi, de coeur plein de rayons
Ivres de douce extase et de mélancolie,
Rompre les milles noeuds dont la ville nous lie;
Si nous pouvions quitter ce Paris triste et fou,
Nous fuirions; nous irions quelque part, n'importe où,
Chercher, loin de vains bruits, loin de haines jalouses,
Um coin où nous aurions des arbres, des pelouses,
Une maison petite avec des fleurs, un peu
De solitude, un peu de silence, um ciel bleu;
La chanson d'un oiseau qui sur le toit se pose,
De l'ombre; et quel besoin avons-nous d'autre chose?*

Meus versos fugiriam frágeis
Ao vosso jardim tão belo
Se meus versos tivessem asas
Como o pássaro singelo.

Voariam como faúlhas
Para teu lar que sorri
Se meus versos tivessem asas
Como a alma e o colibri.

A vós correriam, fiéis,
Fizesse frio ou calor,
Se meus versos tivessem asas,
Asas como as tem amor!

*Mes vers fuiraient, doux et frêles,
Vers votre jardin si beau,
Si mes vers avaient des ailes,
Des ailes comme l'oiseau.*

*Ils voleraient, étincelles,
Vers votre foyer qui rit,
Si mes vers avaient des ailes,
Des ailes comme l'esprit.*

*Près de vous, purs et fidèles,
Ils accourraient, nuit et jour,
Si mes vers avaient des ailes,
Des ailes comme l'amour!*

Melancolia

Aonde vão essas crianças se nenhuma sorri?
Seres pensativos e febris que passam por aqui
Meninas de só oito anos que caminham sozinhas?
Lá se vão sob a mó trabalhar quinze horas daninhas;
Vão, do alvorecer ao fim da tarde, sempre e eternamente
Na mesma prisão, fazer o mesmo movimento à frente.
Agachados sob os dentes de uma máquina escura,
Monstro hediondo que mastiga o que for sem amargura,
Inocentes postos em prisão, e anjos num inferno,
Tudo é de ferro, tudo é bronze no mundo subalterno.
Nada interrompe o duro trabalho e, assim, nunca brincam.
E que palidez pelas cinzas que as bochechas vincam!
Mal rompe o dia e já se sentem cansados, os franzinos.
Nada sabem ou entendem, infelizmente, de seus destinos
E parecem dizer a Deus: "Pequenos como nós somos,
"Pai, vede o que os homens nos podem fazer em seus assomos!"
Ó infame servidão imposta à pequena criança!
Trabalho cujo sopro sufocante mata a esperança,
Desfaz o que Deus fez; que destrói, obra insensata,
No coração o pensamento e a beleza arrebatada.
E isso faria - este é o seu fruto mais adúltero -
De Apolo um pobre corcunda, de Voltaire um cretino,
Mau trabalho que rompe da tenra idade a sua artéria
Aquele que produz a riqueza gerando a miséria,
Que usa uma criança como se fosse ferramenta!
Ao Progresso se pergunta: "Aonde vai? O que intenta?
Se corrompe a juventude e o tempo que sobrevirá
Ao arrancar do homem a alma que à máquina se dá.
Que este trabalho, odiado pelas mães, seja maldito!
Amaldiçoado como o vício que nos faz proscrito,
Maldito como o opróbrio, a blasfêmia e o enxovalho!
Ó Deus, que seja maldito em nome do próprio trabalho.

O propício trabalho, santo, fecundo e generoso,
É que o torna o povo livre e faz o homem venturoso!

Melancholia

*Où vont tous ces enfants dont pas un seul ne rit?
Ces doux êtres pensifs, que la fièvre maigrit
Ces filles de huit ans qu'on voit cheminer seules?
Ils s'en vont travailler quinze heures sous des meules;
Ils vont, de l'aube au soir, faire éternellement
Dans la même prison le même mouvement.
Accroupis sous les dents d'une machine sombre,
Monstre hideux qui mâche on ne sait quoi sans l'ombre,
Innocents dans un bain, anges dans un enfer,
Ils travaillent. Tout est d'airain, tout est de fer.
Jamais on ne s'arrête et jamais on ne joue.
Aussi quelle pâleur! la cendre est sur leur joue.
Il fait à peine jour, ils sont déjà bien las.
Ils ne comprennent rien à leur destin, hélas!
Ils semblent dire à Dieu: « Petits comme nous sommes,
« Notre père, voyez ce que nous font les hommes! »
Ô servitude infâme imposée à l'enfant!
Rachitisme! travail dont le souffle étouffant
Défait ce qu'a fait Dieu; qui tue, oeuvre insensée,
La beauté sur les fronts, dans les coeurs la pensée,
Et qui ferait - c'est là son fruit le plus certain
- D'Apollon un bossu, de Voltaire un crétin!
Travail mauvais qui prend l'âge tendre en sa serre,
Qui produit la richesse en créant la misère,
Qui se sert d'un enfant ainsi que d'un outil!
Progrès dont on demande: « Où va-t-il? que veut-il? »
Qui brise la jeunesse en fleur! qui donne, en somme,
Une âme à la machine et la retire à l'homme!
Que ce travail, haï des mères, soit maudit!*

*Maudit comme le vice où l'on s'abâtardit,
Maudit comme l'opprobre et comme le blasphème!
Ô Dieu! qu'il soit maudit au nom du travail même,
Au nom du vrai travail, saint, fécond, généreux,
Qui fait le peuple libre et qui rend l'homme heureux!*

O poeta vai aos campos, e os admira,
Ele adora; ele escuta em si mesmo uma lira
E vendo-o chegar, as flores, todas as flores,
Aqueles que pelo rubi desbotam as cores,
Que mesmo a cauda do pavão ofuscariam
As flores de ouro ou que de azul se alumiam
Para o acolher agitam então seus buquês,
Inclinam-se um pouco ou fazem grandes mercês.
E, familiarmente, como convém às belas:
- Vejam, é nosso enamorado, dizem elas.
E plenas de luz e sombra e confusas vozes,
As grandes árvores que vivem nos bosques,
Todos esses anosos teixos formidáveis,
Os salgueiros enrugados e veneráveis,
O olmo de ramo negro e musgos pejado,
Como os mulás frente ao mufti recém-chegado
Fazem-lhe saudações e se curvam até a terra
Suas cabeças frondosas e barbas de hera,
Contemplam a serena iluminação deste autor
E ternamente dizem: É ele! é o sonhador!

*Le poète s'en va dans les champs; il admire,
Il adore; il écoute en lui-même une lyre;
Et le voyant venir, les fleurs, toutes les fleurs,
Celles qui des rubis font pâlir les couleurs,
Celles qui des paons même éclipseraient les queues,
Les petites fleurs d'or, les petites fleurs bleues,
Prennent, pour l'accueillir agitant leurs bouquets,
De petits airs penchés ou de grands airs coquets,
Et, familièrement, car cela sied aux belles:
– Tiens! c'est notre amoureux qui passe! disent-elles.
Et, pleins de jour et d'ombre et de confuses voix,
Les grands arbres profonds qui vivent dans les bois,
Tous ces vieillards, les ifs, les tilleuls, les érables,
Les saules tout ridés, les chênes vénérables,
L'orme au branchage noir, de mousse appesanti,
Comme les ulémas quand paraît le muphti,
Lui font de grands saluts et courbent jusqu'à terre
Leurs têtes de feuillée et leurs barbes de lierre,
Contemplant de son front la sereine lueur,
Et murmurent tout bas: C'est lui! c'est le rêveur!*

Bem perto de uma fonte habitava um leão
Onde a águia bebia também.
Um dia, dois heróis e reis – eis o condão
Que por vezes o destino tem.

Vieram a essa fonte que as palmas encantam
Os andarilhos e aventureiros,
E se reconhecendo, em luta se alevantam,
E se matam ambos os guerreiros.

Sobre eles planou a águia, sem empeno,
E lhes advertiu, resplandecente:
- Acháveis o universo muito pequeno,
E agora duas sombras somente.

Ó príncipes! Antes, plenos de juventude,
Nada mais restará amanhã
Senão ossos misturados, sem ataúde,
Às pedras soltas da terra chã.

Insensatos, para que o combate rude,
O asp'ro duelo, o talião?
Eu, a águia, vivo em paz nesta solitude,
E comigo a divide o leão.

Na mesma fonte desalteramos a sanha
E somos reis nos mesmos lugares;
Eu lhe deixo os bosques, os planos e a montanha,
E me reservo os céus e os ares.

*Un lion habitait près d'une source; un aigle
Y venait boire aussi.
Or, deux héros, un jour, deux rois - souvent Dieu règle
La destinée ainsi.*

*Vinrent à cette source où des palmiers attirent
Le passant hasardeux,
Et, s'étant reconnus, ces hommes se battirent
Et tombèrent tous deux.*

*L'aigle, comme ils mouraient, vint planer sur leurs têtes,
Et leur dit, rayonnant :
- Vous trouviez l'univers trop petit, et vous n'êtes
Qu'une ombre maintenant !*

*Ô princes ! et vos os, hier pleins de jeunesse,
Ne seront plus demain
Que des cailloux mêlés, sans qu'on les reconnaisse,
Aux pierres du chemin !*

*Insensés ! à quoi bon cette guerre âpre et rude,
Le duel, ce talion ?...
Je vis en paix, moi l'aigle, en cette solitude,
Avec lui, le lion.*

*Nous venons tous deux boire à la même fontaine,
Rois dans les mêmes lieux ;
Je lui laisse le bois, la montagne et la plaine,
Et je garde les cieux.*

Rubén Darío (1867 – 1916)

Palimpsesto

Escrita em velho dialeto eólio, achei esta página dentro de um in-fólio e entre os livros de um monastério do venerável Santo Agostinho. Um frade por acaso pôs o escólio que ali se encontra; dómine sério de fracas mãos e bom latim. Tem suas lacunas.

... Quando os touros
dos campos, sob os ouros
que verte o filho de Hiperião,
passam mugindo, e nas eternas
rochas selvagens das cavernas
com esperanças ruge o leão;
quando nas virgens e verdes parras
suas notas secas dão as cigarras
e nas colméias de Himeto deixa
a abelha sua carga de flor da ameixa,
que em bocas vermelhas chupa o mel,
junto aos mirtos, sob os lauros,
em grupo lírico vão os centauros
na firme harmonia de seu tropel.

Um dá ritmo à pata como cevo,
outro gira o colo com galhardia.
Eis um formoso baixo-relevo,
que a golpes mágicos Escopas faria;
Outro eleva no ar as mãos brancas,
enquanto lhe doura as rígidas ancas
o banho cálido da luz do sol;

mais um, saltando pedras e troncos,
mostra-se alegre com gritos e roncoss,
como o ruído de um caracol.

Silêncio. Sinais faz ligeiro
o que vai da tropa dianteiro,
pois a uma volta da campanha
chegaram, ali onde Diana se banha.
Ouve-se o ruído das claras linfas
E a algazarra que fazem as ninfas.
Riso de prata que o ar carrega
Até seus ouvidos agudos chega;
Golpes na onda, palavras loucas,
Gritos joviais de frescas bocas,
e os latidos da matilha
que Diana à beira encilha
do fresco rio, onde está ela
branca e nua como uma estrela.
Tão branca que ao cisne traz lamúria,
e abre os olhos da luxúria:
sobre as margens e as rochas áridas
voa o enxame das cantáridas
com seu luzente verde metálico,
sempre propício ao culto fálico.
Ancas largas, pé fino e leve,
as duas colinas de rosa e neve.
Quadro soberbo de tentação!
Ai do coitado que ver se atreve
o que foi assombro para Acteão!
Cabelos loiros, bochechas ternas,
colo marmóreo, rosadas pernas,
graças ocultas do lindo coro,
no ferido cristal sonoro;
seio em que se fizera sagrada copa;

assim a vê em silêncio a ardente tropa.
Quem antecipa seu firme busto?
Quíron experto? Folo robusto?
Ele é o mais jovem e o mais belo;
sua pele é branca, crespo seu cabelo,
seus cascos finos, e em sua mirada
brilha do sátiro a chama inflamada.
Num instante, veloz como previsto,
a uma tão bela como Calisto,
ninfa que a grande deusa acompanha,
a tira da onda onde se banha:
retorna e rapidamente galopa,
tal como o touro raptor de Europa
com o orgulho de sua conquista.
Aonde vai Diana? Arguta vista,
os pés alados, a comprida coma
molhada e solta; a fera que assoma,
corre da montanha pela extensão;
uivam e ladram seus cães enfurecidos;
entre seus dedos umedecidos
carrega uma flecha para o ladrão.
E aos centauros muito logo alcança,
a caçadora; já o dardo lança,
e um grito se ouve de intensa dor:
a casta diva da vingança
matou o raptor...
A rápida tropa fugindo se espalha,
e os cascos um estrondo que aparvalha.
Chegam as ninfas. O que veem?
Na carreira a caçadora,
Com sua flecha punidora,
a raptada matou também.

...Cuando los toros
de las campañas, bajo los oros
que vierte el hijo de Hiperión,
pasan mugiendo, y en las eternas
rocas salvajes de las cavernas
esperezándose ruge el león;
cuando en las vírgenes y verdes parras
sus secas notas dan las cigarras,
y en los panales de Himeto deja
su rubia carga la leve abeja
que en bocas rojas chupa la miel,
junto a los mirtos, bajo los lauros,
en grupo lírico van los centauros
con la armonía de su tropel.
Uno las patas rítmicas mueve,
otro alza el cuello con gallardía
como en hermoso bajo-relieve
que a golpes mágicos Scopas haría;
otro alza al aire las manos blancas
mientras le dora las finas ancas
con baño cálido la luz del sol;
y otro saltando piedras y troncos
va dando alegres sus gritos roncacos
como el ruido de un caracol.
Silencio. Señas hace ligero
el que en la tropa va delantero;
porque a un recodo de la campaña
llegan en donde Diana se baña.
Se oye el ruido de claras linfas
y la algazara que hacen las ninfas.
Risa de plata que el aire riega
hasta sus ávidos oídos llega;

golpes en la onda, palabras locas,
gritos joviales de frescas bocas,
y los ladridos de la traílla
que Diana tiene junto a la orilla
del fresco río, donde está ella
blanca y desnuda como una estrella.
Tanta blancura que al cisne injuria
abre los ojos de la lujuria:
sobre las márgenes y rocas áridas
vuela el enjambre de las cantáridas
con su bruñido verde metálico,
siempre propicias al culto fálico.
Amplias caderas, pie fino y breve,
las dos colinas de rosa y nieve...
¡Cuadro soberbio de tentación!
¡Ay del cuitado que a ver se atreve
lo que fue espanto para Acteón!
Cabellos rubios, mejillas tiernas,
marmóreos cuellos, rosadas piernas,
gracias ocultas del lindo coro,
en el herido cristal sonoro;
seno en que hiciérase sagrada copa;
tal ve en silencio la ardiente tropa.
¿Quién adelanta su firme busto?
¿Quirón experto? ¿Folo robusto?
Es el más joven y es el más bello;
su piel es blanca, crespo el cabello,
los cascos finos, y en la mirada
brilla del sátiro la llamarada.
En un instante, veloz y listo,
a una tan bella como Kalisto,
ninfa que a la lata diosa acompaña,
saca de la onda donde se baña:
la grupa vuelve, raudo galopa;

*tal iba el toro raptor de Europa
con el orgullo de su conquista.
¿A do va Diana? Viva la vista,
la planta alada, la cabellera
mojada y suelta; terrible, fiera,
corre del monte por la extensión;
ladran sus perros enfurecidos;
entre sus dedos humedecidos
lleva una flecha para el ladrón.
Ya a los centauros a ver alcanza,
la cazadora; ya el dardo lanza,
y un grito se oye de hondo dolor:
la casta diva de la venganza
mató al raptor...
La tropa rápida se esparce huyendo,
forman los cascos sonoro estruendo.
Llegan las ninfas. Lloran. ¿Qué ven?
En la carrera la cazadora
con su saeta castigadora
a la robada mató también.*

Alma Minha

Alma minha, perdura em tua ideia divina;
tudo está sob o signo de um destino supremo;
segue em teu rumo, segue até o ocaso extremo
pelo caminho que até à Esfinge se destina.
Corta a flor na passagem, abandona o duro espinho;
No rio de ouro conserva o toque do remo;
saúda o rude arado do áspero Triptólemo,
e prossegue como um deus em seu sonho adivinho ...
E prossegue como um deus que a sorte estimula
e enquanto a retórica do pássaro te adula
e os astros do céu te acompanham nos apogeus
e ramos de esperança surgem primaveris
percorre impávida os males e bosques hostis
sem temer as serpentes, e segue como um deus ...

Alma mía

*Alma mía, perdura en tu idea divina;
todo está bajo el signo de un destino supremo;
sigue en tu rumbo, sigue hasta el ocaso extremo
por el camino que hacia la Esfinge te encamina.
Corta la flor al paso, deja la dura espina;
en el río de oro lleva a compás el remo;
saluda el rudo arado del rudo Triptolemo,
y sigue como un dios que sus sueños destina...
Y sigue como un dios que la dicha estimula,
y mientras la retórica del pájaro te adula
y los astros del cielo te acompañan, y los
ramos de la Esperanza surgen primaverales,
atraviesa impertérrita por el bosque de males
sin temer las serpientes; y sigue, como un dios...*

Senhora, Amor é violento,
e quando nos transfigura
nos inflama o pensamento
a loucura.

Não peças paz a meus braços
Que aos teus estão presos:
São de guerra meus abraços
e são de incêndio meus beijos;
e seria vão intento
o tornar minha mente obscura
se me inflama o pensamento
a loucura.

Clara está minha mente
com chamas de amor, senhora,
como a tenda do poente
ou o palácio da aurora.
E o perfume de teu unguento
te persegue minha ventura
e me inflama o pensamento
a loucura.

Adoro teu paladar
Rico favo conceitua
Como no santo *Cantar*.³³
Mel et lac sub lingua tua.
A delícia de teu alento
em tão fina taça apura
e me inflama o pensamento
a loucura.

³³ O Cântico dos Cânticos: “mel e leite sob tua língua”.

*Señora, Amor es violento,
y cuando nos transfigura
nos enciende el pensamiento
la locura.*

*No pidas paz a mis brazos
que a los tuyos tienen presos:
son de guerra mis abrazôs
y son de incêndio mis besos;
y sería vano intento
el tornar mi mente obscura
si me enciende el pensamiento
la locura.*

*Clara está la mente mía
De llamas de amor, señora,
Como la tienda de día
O el palácio de la aurora.
Y el perfume de tu ungüento
te persigue mi ventura
y me enciende el pensamiento
la locura.*

*Mi gozo tu paladar
Rico panal conceptúa,
como en el santo Cantar:
Mel et lac sub língua tua.
La delicia de tu aliento
en tan fino vaso apura,
y me enciende el pensamiento
la locura.*

Os Cisnes

Que sinal fazes, ó Cisne, com teu pescoço encurvado
à passagem desses tristes e errantes sonhadores?
Por que tão silencioso de ser branco e emplumado,
tirânico para as águas e impassível para as flores?

Eu te saúdo agora como em versos latinos
te saudara muito antes Públio Ovídio Nasão.
Os mesmos rouxinóis entoam hoje os mesmos trinos,
e em línguas diferentes ouve-se a mesma canção.

Para vós, minha língua não deve ser estranha.
A Garcilaso vistes, casualmente, alguma vez ...
Sou um filho da América, sou um neto de Espanha...
Quevedo vos pôde falar em versos em Aranjuez...

Cisnes, os abanicos de vossas asas frescas
deem às fronteiras pálidas suas carícias mais puras
e afastem vossas figuras brancas e pinturescas
de nossas mentes tristonhas as ideias obscuras.

As brumas setentrionais nos encham de tristezas,
nossas rosas morrem, se exaurem nossas palmas,
quase não há ilusões para nossas cabeças,
e somos os mendigos de nossas pobres almas.

Com águias ferozes nos apregoam guerras e intrigas,
os grandes falcões de antanho retornam aos punhos,
mas já não brilham as glórias das foices antigas,
não há Rodrigos, nem Jaimes, nem Alfonsos, nem Nuños.

Faltos do alimento que nos dão as coisas ditosas
que faremos, os poetas, senão buscar teus lagos?
Na ausência dos louros, muito mais doces são as rosas,
e na falta de vitórias, busquemos os afagos.

A América espanhola, como a Espanha inteira,
fixada está no Oriente de seu fatal destino;
Eu interrogo a Esfinge que do futuro se abeira
com a interrogação de teu pescoço divino.

Seremos entregues aos bárbaros estrangeiros?
Tantos milhões de homens falaremos inglês?
Não mais nobres fidalgos e bravos cavalheiros?
Calamos agora para chorar depois, talvez?

Lancei meu grito, Cisnes, em meio a todos vós,
que tendes sido os mais fiéis na desilusão,
sentindo a fuga da manada de potros veloz
e o estertor final de um caduco leão...

...E um cisne negro disse: "A noite anuncia o dia".
E um branco, após: "A aurora é imortal! A aurora
é imortal!", Oh terra de sol e de harmonia,
a Esperança inda se guarda na caixa de Pandora!

Los Cisnes

*¿Qué signo haces, oh Cisne, con tu encorvado cuello
al paso de los tristes y errantes soñadores?
¿Por qué tan silencioso de ser blanco y ser bello,
tiránico a las aguas e impasible a las flores?*

*Yo te saludo ahora como en versos latinos
te saludara antaño Publio Ovidio Nasón.
Los mismos ruseñores cantan los mismos trinos,
y en diferentes lenguas es la misma canción.*

*A vosotros mi lengua no debe ser extraña.
A Garcilaso visteis, acaso, alguna vez...
Soy un hijo de América, soy un nieto de España...
Quevedo pudo hablaros en verso en Aranjuez...*

*Cisnes, los abanicos de vuestras alas frescas
den a las frentes pálidas sus caricias más puras
y alejen vuestras blancas figuras pintorescas
de nuestras mentes tristes las ideas oscuras.*

*Brumas septentrionales nos llenan de tristezas,
se mueren nuestras rosas, se agotan nuestras palmas,
casi no hay ilusiones para nuestras cabezas,
y somos los mendigos de nuestras pobres almas.*

*Nos predicán la guerra con águilas feroces,
gerifaltes de antaño revienen a los puños,
mas no brillan las glorias de las antiguas hoces,
ni hay Rodrigos ni Jaimes, ni hay Alfonsos ni Nuños.*

Faltos del alimento que dan las grandes cosas,

*¿qué haremos los poetas sino buscar tus lagos?
A falta de laureles son muy dulces las rosas,
y a falta de victorias busquemos los halagos.*

*La América española como la España entera
fija está en el Oriente de su fatal destino;
yo interrogo a la Esfinge que el porvenir espera
con la interrogación de tu cuello divino.*

*¿Seremos entregados a los bárbaros fieros?
¿Tantos millones de hombres hablaremos inglés?
¿Ya no hay nobles hidalgos ni bravos caballeros?
¿Callaremos ahora para llorar después?*

*He lanzado mi grito, Cisnes, entre vosotros
que habéis sido los fieles en la desilusión,
mientras siento una fuga de americanos potros
y el estertor postrero de un caduco león...*

*...Y un cisne negro dijo: «La noche anuncia el día».
Y uno blanco: «¡La aurora es inmortal! ¡La aurora
es inmortal!» ¡Oh tierras de sol y de armonía,
aún guarda la Esperanza la caja de Pandora!*

Desgraçado Almirante! Tua pobre América
Tua índia virgem e formosa de pele cálida,
A pérola de teus sonhos, é uma histérica
De nervos convulsivos e de fronte pálida.

Um desastroso espírito possui tua terra:
ali onde a tribo unida brandiu suas maçãs,
hoje se incende entre irmãos perpétua guerra,
se ferem e se destroçam as mesmíssimas raças.

Ao ídolo de pedra sobrevém agora
o ídolo de carne que se entroniza,
e cada dia alumbra ainda a branca aurora
nos campos fraternos a luta, o sangue e a cinza.

Desdenhando os reis, nos demos como ralés,
ao som dos canhões e dos agudos clarins,
e hoje, a favor de mau e negro revés,
confraternizam os Judas com os Cains.

Bebendo a disseminada seiva francesa
com nossa boca indígena semi-espanhola,
dia a dia cantamos a Marselhesa
para terminar dançando a Carmagnola.³⁴

As ambições pérfidas não possuem diques,
As liberdades sonhadas jazem desfeitas.
Isso não fizeram nunca nossos caciques
a quem as montanhas davam flechas bem feitas!

Eram eles soberbos, corretos e francos,

³⁴ Canção e dança italiana nacionalistas, da época da revolução francesa.

Precingidas as cabeças com raras plumas;
Oxalá houvessem sido os homens brancos
Como foram os Atahualpas e Montezumas!

Quando no ventre da América se pôs a semente
da raça de ferro que veio da Espanha,
mesclou Castilha sua força heroica e ardente
com a força do índio da montanha.

Prouvesse a Deus que as águas antes intactas
nunca pudessem refletir as brancas velas;
nem vissem as próprias estrelas estupefactas
arribar nas longas margens as caravelas!

Libertos, como são as águias, viram os montes
Passar os aborígenes por suas matas
Perseguindo os pumas, os cervos e bisontes
Com dardo certo e presteza de acrobatas.

A cruz que nos trouxeste encontra-se à míngua;
e após tantas corrompidas revoluções,
os escritores canalhas aviltam a língua
em que escreveram Cervantes e Calderões.³⁵

Cristo percorre as ruas já fraco e doente,
Barrabás possui escravos e galardões
e em terras e cidades do continente
viram-se panteras ornadas com festões.

³⁵ Alusão a Calderón de la Barca, poeta e dramaturgo espanhol.

Duelos, assombro, guerras, febre constante
Em nosso caminho se pôs a sorte triste:
Cristóvão Colombo, pobre almirante!
rogue a Deus por este mundo que descobriste!

*Desgraciado Almirante! Tu pobre América,
tu india virgen y hermosa de sangre cálida,
la perla de tus sueños, es una histérica
de convulsivos nervios y frente pálida.*

*Un desastroso espíritu posee tu tierra:
donde la tribu unida blandió suas mazas,
hoy se enciende entre hermanos perpetua guerra,
se hieren y destrozan las mismas razas.*

*Al ídolo de piedra reemplaza ahora
el ídolo de carne que se entroniza,
y cada día alumbra la blanca aurora.
en los campos fraternos sangre y ceniza.*

*Desdeñando a los reyes nos dimos leves
al son de los cañones y los clarines,
y hoy al favor siniestro de negro revés
fraternizan los Judas con los Caines.*

*Bebiendo la esparcida savia francesa
com nuestra boca indígena semiespañola,
día a día cantamos la Marsellesa
para acabar danzando la Carmañola*

*La ambiciones pérfidas no tienen diques,
soñadas libertades yacen deshechas.
!Eso no hicieron nunca nuestros caciques,
a quienes las montañas daban las flechas!*

*Ellos eran soberbios, leales y francos,
Ceñidas las cabezas de raras plumas;
!Ojalá hubieran sido los hombres blancos
Como los Atahualpas y Moctezumas!*

*Cuando en vientres de América cavó semilla
de la raza de hierro que fue de España,
mezcló su fuerza heroica la gran Castilla
con la fuerza del índio de la montaña.*

*!Pluguiera a Dios las aguas antes intactas
No reflejaran nunca las blancas velas;
Ni vieran las estrellas estupefactas
Arribar a la orilla tus carabelas!*

*Libre como las águilas, vieran los montes
Passar los aborígenes por los boscajes,
Persiguiendo los pumas y los bisontes
Com el dardo certeiro de sus carcajes.*

*La cruz que nos llevaste padece mengua;
y tras encanalladas revoluciones,
la canalla escritora mancha la lengua
que escribieron Cervantes y Calderones.*

*Cristo va por las calles flaco y enclenque,
Barrabás tiene esclavos y charreteras,
y en las tierras de Chibcha, Cuzco y Palenque
han visto engalonadas a las panteras.*

*Duelos, espantos, guerras, fiebre constante
en nuestra senda ha puesto la suerte triste:
!Cristóforo Colombo, pobre Almirante,
ruega a Dios por el mundo que descubriste!*

Paul Valéry (1871-1945) – O Cemitério Marinho

No tranquilo teto caminham as aves,
Entre pinhos freme, entre tumbas graves;
O justo meio-dia traz seus lumes
O mar, o mar, sempre a recomçar!
Ó recompensa após de se pensar
Com longo olhar sobre a calma dos numes!

Que o lavor de finas luzes consuma
Os diamantes de impercebível espuma,
E que paz se pode então conceber!
Quando sobre o abismo um sol se aderna,
Trabalhos puros de uma causa eterna.
O tempo cintila e o sonho é saber.

Estável tesouro, templo de Minerva,
Massa de calma e visível reserva,
Água sobranceira e olho discreto
Tanto sono sob véu que a chama espalma,
Ó meu silêncio... Edifício n'alma,
Mas cimo de ouro e telhas mil, Teto!

Templo do tempo que um suspiro resume,
A este ponto subo e ao seu volume
Todo envolto em meu olhar de oceano;
E como aos deuses minha oferta pleiteia,
A serena cintilação semeia
Na altitude um desdém soberano.

Como o fruto se funde em excelência,
Como em delícia muda sua ausência

Numa boca em que as formas morrem humosas,
Sorvo aqui minha fumaça esperada
E o céu entoa à alma consumada
A mudança das margens rumorosas.

Belo e vero céu, olha-me como mudo
Após tanto orgulho e, sobretudo,
Após um ócio pleno de poder,
Abandono-me a este claro espaço
Sobre a casa dos que morreram eu passo,
Para acostumar-me ao meu frágil mover.

A alma exposta às tochas do solstício,
Eu te auxílio, justíssimo ofício,
Da luz às armas, sem piedade,
Levo-te puro ao teu lugar primeiro.
Mira-te..., mas devolver o luzeiro
Pressupõe da sombra a morna metade.

Só para mim, sem outro estratagema,
Junto ao peito, nas fontes do poema,
Entre o vazio e o evento puro,
Espero o eco da grandeza interna,
Amarga, sombria e sonora cisterna,
Soando n'alma o vazio futuro!

Sabes tu, falso cativo das folhagens,
Fosso devorador dessas gradagens,
Em meus olhos e segredos invidentes,
Que corpo me arrasta ao fim preguiçoso
Que fronte o atrai ao solo argiloso?
Uma centelha aqui pensa em meus ausentes.

Fechado, fogo que não se introduz,

Fragmento terrestre aberto à luz,
Prezo este lugar repleto de tochas,
Composto de pedras e folhas sombrias,
Onde o mármore treme nas atonias;
O mar fiel dorme em tumbas de rochas!

Cadela esplêndida, afasta o herege!
Eu, pastor solitário que protege,
Apascento carneiros misteriosos,
A branca fileira de meus túmulos
Afasta daqui as pombas aos cúmulos.
Os sonhos vãos, os anjos curiosos!

Aqui chegado, o futuro é preguiça.
O inseto raspa a secura mortífera
Tudo queimado, desfeito, ao desamparo
E não sei para que severa essência...
A vida é vasta, por ébria de ausência,
E o amargor, doce, o espírito, preclaro.

Os mortos, ocultos, estão na terra
Que os aquece e no mistério encerra.
Meio-dia acima, sem movimento
Pensa em si e a si se apraz, sem dilema,
Mente completa, cabal diadema,
Sou em ti o secreto reviramento.

Só tens a mim a conter teus temores!
Meus arrependimentos e amargores
Eis os defeitos de teu diamante.
Mas na pesada noite de mármore
Vaga um povo entre raízes de árvore
E de teu partido é diletante.

Fundiu-se numa ausência copiosa,
O barro sorveu a grei silenciosa,
O dom de viver passou para as flores!
Onde estão as frases familiares,
A arte pessoal, as almas singulares?
A larva tece onde estavam os clamores.

Os gritos das meninas excitadas,
Os olhos, dentes, pálpebras molhadas,
O seio atraente brinca com fogo,
O sangue fervilha, os lábios se rendem,
Os dons finais, os dedos que os defendem,
Tudo retorna à terra neste jogo.

E tu, grande alma, um sonho te inspira
Que não terá as cores da mentira,
Com que a onda e o ouro nos entretêm?
Cantarás quando fores vaporosa?
Tudo foge se a presença é porosa.
A santa impaciência morre também!

Magra eternidade, negra e dourada,
Consoladora, atroz e laureada,
Que da morte fazes seio materno,
A bela farsa e piedosa escusa!
Quem a conhece e não os recusa,
Este crânio vazio e o riso eterno!

Pais profundos, fronte inabitadas,
Que sob o peso de tantas enxadas,
Sois a terra e os passos nos baralhas,
O roedor, o verme irrefutável
Não é para vós, de sono imutável,
Vive da vida e não me deixa mais!

Amor ou, quem sabe, ódio de mim?
Seu dente secreto está perto, sim,
Que qualquer nome lhes pode convir!
Qu' importa! Eles sonham, tocam e me querem,
Minha carne lhes agrada e preferem.
A estes seres vivo para servir.

Zenão, Zenão de Eleia e da charada!
Feriste-me com esta flecha alada,
Que vibra, revoa e não se sustenta!
O som me dá vida e a flecha me mata.
Para a alma, sombra de viés e ingrata
Se Aquiles corre e não se movimenta.

Não, não... De pé! Na era sucessiva!
Quebrai, corpo, esta forma pensativa!
Peito meu, bebei o nascer do vento!
Um frescor, que vem do mar exalado,
Devolve-me a alma... Ó poder salgado!
Corramos à onda de vivo alento.

Sim! Grande mar de amência desabrida,
Pele de fera e clâmide fendida,
De mil e muitos ídolos do sol.
Bêbado de azul, hidra absoluta,
Quem te morde a cauda brilhante e bruta
No agitado silêncio de teu crisol.

O vento se eleva!... Há que se viver!
O ar folheia o livro que estou a ler,
As ondas explodem como em procelas!
Dispersai-vos, páginas deslumbradas!
Rompei, vagas, com águas animadas

O calmo telhado onde bicam as velas.

*Ce toit tranquille, où marchent des colombes,
Entre les pins palpite, entre les tombes;
Midi le juste y compose de feux
La mer, la mer, toujours recommencée!
Ô récompense après une pensée
Qu'un long regard sur le calme des dieux!*

*Quel pur travail de fins éclairs consume
Maint diamant d'imperceptible écume,
Et quelle paix semble se concevoir!
Quand sur l'abîme un soleil se repose,
Ouvrages purs d'une éternelle cause,
Le Temps scintille et le Songe est savoir.*

*Stable trésor, temple simple à Minerve,
Masse de calme, et visible réserve,
Eau sourcilleuse, Œil qui gardes en toi
Tant de sommeil sous un voile de flamme,
Ô mon silence!... Édifice dans l'âme,
Mais comble d'or aux mille tuiles, Toit!*

*Temple du Temps, qu'un seul soupir résume,
À ce point pur je monte et m'accoutume,
Tout entouré de mon regard marin ;
Et comme aux dieux mon offrande suprême,
La scintillation sereine sème
Sur l'altitude un dédain souverain.*

*Comme le fruit se fond en jouissance,
Comme en délice il change son absence
Dans une bouche où sa forme se meurt,
Je hume ici ma future fumée,
Et le ciel chante à l'âme consumée
Le changement des rives en rumeur.*

*Beau ciel, vrai ciel, regarde-moi qui change!
Après tant d'orgueil, après tant d'étrange
Oisiveté, mais pleine de pouvoir,
Je m'abandonne à ce brillant espace,
Sur les maisons des morts mon ombre passe
Qui m'apprivoise à son frêle mouvoir.*

*L'âme exposée aux torches du solstice,
Je te soutiens, admirable justice
De la lumière aux armes sans pitié!
Je te rends pure à ta place première:
Regarde-toi !... Mais rendre la lumière
Suppose d'ombre une morne moitié.*

*Ô pour moi seul, à moi seul, en moi-même,
Après d'un cœur, aux sources du poème,
Entre le vide et l'événement pur,
J'attends l'écho de ma grandeur interne,
Amère, sombre, et sonore citerne,
Sonnant dans l'âme un creux toujours futur!*

*Sais-tu, fausse captive des feuillages,
Golfe mangeur de ces maigres grillages,
Sur mes yeux clos, secrets éblouissants,
Quel corps me traîne à sa fin paresseuse,
Quel front l'attire à cette terre osseuse?
Une étincelle y pense à mes absents.*

*Fermé, sacré, plein d'un feu sans matière,
Fragment terrestre offert à la lumière,
Ce lieu me plaît, dominé de flambeaux,
Composé d'or, de pierre et d'arbres sombres,
Où tant de marbre est tremblant sur tant d'ombres ;
La mer fidèle y dort sur mes tombeaux !*

*Chienne splendide, écarte l'idolâtre!
Quand, solitaire au sourire de pâtre,
Je pais longtemps, moutons mystérieux,
Le blanc troupeau de mes tranquilles tombes,
Éloignes-en les prudentes colombes,
Les songes vains, les anges curieux!*

*Ici venu, l'avenir est paresse.
L'insecte net gratte la sécheresse ;
Tout est brûlé, défait, reçu dans l'air
À je ne sais quelle sévère essence...
La vie est vaste, étant ivre d'absence,
Et l'amertume est douce, et l'esprit clair.*

*Les morts cachés sont bien dans cette terre
Qui les réchauffe et sèche leur mystère.
Midi là-haut, Midi sans mouvement
En soi se pense et convient à soi-même...
Tête complète et parfait diadème,
Je suis en toi le secret changement.*

*Tu n'as que moi pour contenir tes craintes!
Mes repentirs, mes doutes, mes contraintes
Sont le défaut de ton grand diamant...
Mais dans leur nuit toute lourde de marbres,
Un peuple vague aux racines des arbres
A pris déjà ton parti lentement.*

*Ils ont fondu dans une absence épaisse,
L'argile rouge a bu la blanche espèce,
Le don de vivre a passé dans les fleurs!
Où sont des morts les phrases familières,
L'art personnel, les âmes singulières?
La larve file où se formaient des pleurs.*

Les cris aigus des filles chatouillées,

*Les yeux, les dents, les paupières mouillées,
Le sein charmant qui joue avec le feu,
Le sang qui brille aux lèvres qui se rendent,
Les derniers dons, les doigts qui les défendent,
Tout va sous terre et rentre dans le jeu!*

*Et vous, grande âme, espérez-vous un songe
Qui n'aura plus ces couleurs de mensonge
Qu'aux yeux de chair l'onde et l'or font ici?
Chanterez-vous quand serez vaporeuse?
Allez! Tout fuit! Ma présence est poreuse,
La sainte impatience meurt aussi!*

*Maigre immortalité noire et dorée,
Consolatrice affreusement laurée,
Qui de la mort fais un sein maternel,
Le beau mensonge et la pieuse ruse!
Qui ne connaît, et qui ne les refuse,
Ce crâne vide et ce rire éternel!*

*Pères profonds, têtes inhabitées,
Qui sous le poids de tant de pelletées,
Êtes la terre et confondez nos pas,
Le vrai rongeur, le ver irréfutable
N'est point pour vous qui dormez sous la table,
Il vit de vie, il ne me quitte pas!*

*Amour, peut-être, ou de moi-même haine?
Sa dent secrète est de moi si prochaine
Que tous les noms lui peuvent convenir!
Qu'importe! Il voit, il veut, il songe, il touche!
Ma chair lui plaît, et jusque sur ma couche,
À ce vivant je vis d'appartenir!*

*Zénon! Cruel Zénon! Zénon d'Élée!
M'as-tu percé de cette flèche ailée*

*Qui vibre, vole, et qui ne vole pas!
Le son m'enfante et la flèche me tue!
Ah! le soleil... Quelle ombre de tortue
Pour l'âme, Achille immobile à grands pas!*

*Non, non!... Debout! Dans l'ère successive!
Brisez, mon corps, cette forme pensive!
Buvez, mon sein, la naissance du vent!
Une fraîcheur, de la mer exhalée,
Me rend mon âme... Ô puissance salée!
Courons à l'onde en rejaillir vivant!*

*Oui! Grande mer de délires douée,
Peau de panthère et chlamyde trouée
De mille et mille idoles du soleil,
Hydre absolue, ivre de ta chair bleue,
Qui te remords l'étincelante queue
Dans un tumulte au silence pareil,*

*Le vent se lève!... Il faut tenter de vivre!
L'air immense ouvre et referme mon livre,
La vague en poudre ose jaillir des rocs!
Envolez-vous, pages tout éblouies!
Rompez, vagues! Rompez d'eaux réjouies
Ce toit tranquille où picoraient des focs!*

Antonio Machado (1875-1939)

I

É uma tarde cinzenta e mofina,
que na minh'alma se recia;
e essa velha angústia malina
que habita minha usual hipocondria.
A causa desta angústia não consigo
comprender, em parte ou por inteira,
mas recordo e, recordando digo:
- Sim, eu era menino, e tu, minha companheira.
E não é verdade, dor, eu te conheço,
Tu és nostalgia da boa vida,
e solitude de coração sombrio,
de barco sem naufrágio e sem estrela.

Como cão esquecido que não tem
rastro nem olfato, e erra
pelos caminhos, sem caminho, como
a criança que em noite de festa
se perde entre o gentio,
o ar poeirento e as candeias
faiscantes, atônito, e deslumbra
seu coração de música e de pesar,
assim vou, bêbado melancólico,
guitarrista lunático, poeta
e pobre homem em sonhos,
buscando sempre Deus em meio à névoa.

I

Es una tarde cenicienta y mustia,
destartalada, como el alma mía;
y es esta vieja angustia
que habita mi usual hipocondría.
La causa de esta angustia no consigo
ni vagamente comprender siquiera;
pero recuerdo y, recordando, digo:
- Sí, yo era niño, y tú, mi compañera.
Y no es verdad, dolor, yo te conozco,
tú eres nostalgia de la vida buena
y soledad de corazón sombrío,
de barco sin naufragio y sin estrella.

Como perro olvidado que no tiene
huella ni olfato e yerra
por los caminos, sin camino, como
el niño que en la noche de una fiesta
se pierde entre el gentío
y el aire polvoriento, y las candelas
chispeantes, atónito, y asombra
su corazón de música y de pena,
así voy, borracho melancólico,
guitarrista lunático, poeta
y pobre hombre en sueños,
siempre buscando a Dios entre la niebla.

II

Pégasos, lindos pégasos,
cavalinhos de madeira.

Eu conheci, quando menino,
a alegria de dar voltas
sobre um corcel colorado
em uma noite de festa.

No ar poeirento
faiscavam as candeias,
e a noite azul ardia,
toda semeada de estrelas.

Alegrias infantis
que custam uma moeda
de cobre, lindos pégasos
cavalinhos de madeira.

II

Pegasos, lindos pegasos,
caballitos de madera.

Yo conocí, siendo niño,
la alegría de dar vueltas
sobre um corcel colorado
en una noche de fiesta.

En el aire polvoriento
chispeaban las candelas,
y la noche azul ardía,
toda sembrada de estrellas.

Alegrías infantiles
que cuestan una moneda
de cobre, lindos pegasos,
caballitos de madera.

III

A Saeta³⁶

*Quem me empresta uma escada
para subir ao enpeno
para tirar os cravos
de Jesus, o Nazareno?*

Ah, a saeta, o cantar
para o Cristo dos ciganos,
o sangue nas mãos, todos os anos
sempre a desencravar!
Cantar do povo andaluz,
Qu'em todas as primaveras
Anda pedindo escaleras
para subir na cruz!
Cantar de uma terra pia
que joga flores dos rosais
no Jesus da agonia,
e é a fé de meus ancestrais.
Ah, tu não és o meu cantar!
Não posso cantar, por ter sido,
esse Jesus da cruz, tão sofrido,
e sim o que andou no mar!

³⁶ Pequena ou breve oração inscrita em madeira e carregada em procissões na Andaluzia.

III

La Saeta

*Quién me presta una escalera
para subir al madero,
para quitar los clavos
a Jesús, el Nazareno?*

Oh, la saeta, el cantar
al Cristo de los gitanos,
siempre com sangre en las manos,
siempre por desenclavar!
Cantar del pueblo andaluz,
que todas las primaveras
anda pidiendo escaleras
para subir a la cruz!
Cantar de la terra mía,
que echa flores
al Jesús de la agonía
y es la fe de mis mayores!
Oh, no eres tú mi cantar!
No puedo cantar, ni quiero,
a ese Jesús del madero,
sino al que anduvo en el mar!

IV

Noite de Verão

Numa noite de verão
- o balcão estava aberto
e a porta de minha casa –,
quando a morte nela entrou.
Foi-se aproximando de seu leito
- nem sequer me olhou -,
e com uns dedos muito finos
algo muito frágil rompeu.
Silenciosa, e sem olhar-me,
outra vez a morte passou
diante de mim. “Que fizeste”?
A morte não respondeu.
Minha menina ficou tranquila,
doído, meu coração.
Ah, o que a morte rompeu
Era um fio entre nós dois!

IV

Noche de Verano

Una noche de verano
– estaba abierto el balcón
y la puerta de mi casa –
la muerte en mi casa entró.
Se fue acercando a su lecho
– ni siquiera me miró –,
con unos dedos muy finos,
algo muy tenue rompió.
Silenciosa y sin mirarme,
la muerte otra vez pasó
delante de mí. “¿Qué has hecho?”
La muerte no respondió.
Mi niña quedó tranquila
dolido mi corazón,
¡Ay, lo que la muerte ha roto
era un hilo entre los dos!

Eugenio Montale (1896-1981)

Felicidade lograda

Felicidade lograda, por ti se caminha
sobre fio de trama.
Para os olhos és vislumbre que vacila,
para os pés, duro gelo que definha;
e daí não te toque quem mais te ama.
Se te achegas às almas invadidas
de tristeza e as clareias, a tua esperança
é doce e perturbadora como os ninhos das gruas.
Mas nada paga o pranto da criança
De quem a bola escapa entre casas e ruas.

*Felicità raggiunta, si cammina
per te sul fil di lama.
Agli occhi sei barlume che vacilla,
al piede, teso ghiaccio che s'incrina;
e dunque non ti tocchi chi più t'ama.
Se giungi sulle anime invase
di tristezza e le schiari, il tuo mattino
è dolce e turbatore come i nidi delle cimase.
Ma nulla paga il pianto del bambino
a cui fugge il pallone tra le case.*

Minha Vida

Vida, não te peço lineamentos
fixos, rostos plausíveis ou possessos.
Em teu giro inquieto, por fim o mesmo,
Sabores têm o mel e o absinto.

O coração tendente ao que é vil,
Raro se agita em estremecimentos.
Assim ressoa, no silêncio distinto
da campanha, um disparo de fuzil.

Mia Vita

*Mia vita, a te non chiedo lineamenti
fissi, volti plausibili o possessi.
Nel tuo giro inquieto ormai lo stesso
sapore han miele e assenzio.*

*Il cuore che ogni moto tiene a vile
raro è squassato da trasalimenti.
Così suona talvolta nel silenzio
della campagna um colpo di fucile.*

*Merigiare*³⁷

À tarde, descansar frouxo e absorto
junto ao abrasado muro do horto;
escutar, entre abrunheiros e estrepes,
vozes de melros e silvos de serpes.
Nas fendas do solo, ou sob as urtigas,
ver as cerradas filas de formigas,
que ora se rompem, ora se entrançam
no topo dos montículos que alcançam.
Ver em meio às frondes o palpitar,
bem ao longe, das escamas do mar,
enquanto se elevam os muitos trilados
das cigarras nos cimos descalvados.
E andando ao sol que ofusca e fascina,
pressentir as tristes maravilhas
de toda essa vida e de seu labor,
neste seguir do muro que confina,
recoberto por cacos de vasilhas.

³⁷ Fazer a sesta.

*Merigiare pallido e assorto
presso un rovente muro d'orto;
ascoltare tra i pruni e gli sterpi
schiocchi di merli, frusci di serpi.
Nelle crepe del suolo o su la vecchia
spiar le file di rosse formiche
ch'ora si rompono ed ora s'intrecciano
a sommo di minuscole biche.
Osservare tra frondi il palpitare
lontano di scaglie di mare
mentre si levano tremuli scricchi
di cicale dai calvi picchi.
E andando nel sole che abbaglia
sentire con triste meraviglia
com'è tutta la vita e il suo travaglio
in questo seguitare una muraglia
che ha in cima cocci aguzzi di bottigli.*

Não pedir a palavra que quadra de todo lado
a nossa alma informe, e em letras de fogo
declare e resplandeça como um rogo
perdido em meio a um poeiroso prado.

Ah, que o homem vá seguro,
para os outros e seja de si amigo,
e sua sombra não se inquiete que o calor
a imprima sobre um calcinado muro!

Não pedir a fórmula que mundos te possa abrir,
e sim algumas sílabas tortas e secas como ramos.
Hoje, apenas isso podemos proferir:
o que não somos, o que não desejamos.

*Non chiederci la parola che squadri da ogni lato
l'animo nostro informe, e a lettere di fuoco
lo dichiari e risplenda come un croco
perduto in mezzo a un polveroso prato.*

*Ah l'uomo che se ne va sicuro,
agli altri ed a se stesso amico,
e l'ombra sua non cura che la canicola
stampi sopra uno scalcinato muro!*

*Non domandarci la formula che mondi possa aprirti,
sì qualche storta sillaba e secca come un ramo.
Codesto solo oggi possiamo dirti,
ciò che non siamo, ciò che non vogliamo.*

Percy Bisshe Shelley (1792-1822)

A Filosofia do Amor

I

As nascentes se juntam ao rio
E os rios se vão aos mares,
Já os ventos, em rodopio,
Se unem em comoção nos ares;
Nada no mundo é singular;
Todas as coisas, por lei divina,
em espírito andam em par.
Por que não eu e ti, menina?

II

Os montes beijam o céu benfeitor
E as ondas se abraçam também;
Não seria remida a flor
Que visse a irmã com desdém;
A luz do sol abraça a terra
E a luz da lua beija o mar.
Mas que valor tudo isso encerra
Se tu não me queres beijar?

Love's Philosophy
Percy Bisshe Shelley

*The fountains mingle with the river
And the rivers with the ocean,
The winds of heaven mix for ever
With a sweet emotion;
Nothing in the world is single;
All things by a law divine
In one spirit meet and mingle.
Why not I with thine?*

*See the mountains kiss high heaven
And the waves clasp one another;
No sister-flower would be forgiven
If it disdained its brother;
And the sunlight clasps the earth
And the moonbeams kiss the sea:
What is all this sweet work worth
If thou kiss not me?*

Jacques Prévert (1900-1977)

Tantas florestas...

Tantas florestas arrancadas da terra
e massacradas
acabadas
na roda-viva das rotativas.³⁸

Tantas florestas sacrificadas para a pasta de papel
Milhares de jornais chamando anualmente a atenção dos leitores
Para os perigos da devastação de bosques e florestas.

Tant de forêts...

*Tant de forêts arrachées à la terre
et massacrées
achevées
rotativées.*

*Tant de forêts sacrifiées pour la pâte à papier
des milliards de journaux attirant annuellement l'attention des lecteurs
sur les dangers du déboisement des bois et des forêts.*

³⁸ Máquinas impressoras.

Canção do mês de maio

O asno o rei e eu
Estaremos mortos amanhã
O asno, de fome
O rei, de tédio
E eu, de amor

Um torrão de giz
Na lousa dos dias
Traça nomes
E o vento nos choupos
Nos nomeia
Asno Rei Homem

Sol de Trapo negro
Nossos nomes já foram apagados
Água fresca das Ervagens
Areia dos Areais
Rosa do Roseiral vermelho
Caminho dos Escolares

O asno o rei e eu
Estaremos mortos amanhã
O asno, de fome
O rei, de tédio
E eu, de amor
No mês de maio.

Chanson du mois de mai

*L'âne le roi et moi
Nous seront morts demain
L'âne de faim
Le roi d'ennui
Et moi d'amour*

*Un doigt de craie
Sur l'ardoise des jours
Trace des noms
Et le vent dans les peupliers
Nous nome
Âne Roi Homme*

*Soleil de chiffon noir
Déjà nos noms sont effacés
Eau fraîche des Herbages
Sable des Sabliers
Rose du Rosier rouge
Chemin des Ecoliers*

*L'âne le roi et moi
Nous seront morts demain
L'âne de faim
Le roi d'ennui
Et moi d'amour
Au mois de mai.*